

**FACULDADES EST**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

JEOVÁ DIAS VILANOVA

DANIEL 11: UMA ANÁLISE DAS INTERPRETAÇÕES CORRENTES

São Leopoldo

2016

JEOVÁ DIAS VILANOVA

DANIEL 11: UMA ANÁLISE DAS INTERPRETAÇÕES CORRENTES

Trabalho final de  
Mestrado Profissional  
Para obtenção do grau de  
Mestre em Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação  
Linha de pesquisa: Leitura e Ensino da  
Bíblia

Orientador: Flávio Schmitt

São Leopoldo

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

V696d Vilanova, Jeová Dias  
Daniel 11 : uma análise das interpretações correntes /  
Jeová Dias Vilanova ; orientador Flávio Schmitt. – São  
Leopoldo : EST/PPG, 2016.  
99 p. ; 31 cm

Dissertação (mestrado) – Faculdades EST. Programa de  
Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo,  
2016.

1. Bíblia Daniel 11 – Crítica, interpretação, etc. 2.  
Literatura apocalíptica. 3. Profetismo. 4. Escatologia –  
Ensino bíblico. I. Schmitt, Flávio. II. Título.

JEOVÁ DIAS VILANOVA

DANIEL 11: UMA ANÁLISE DAS INTERPRETAÇÕES CORRENTES

Trabalho final de  
Mestrado Profissional  
Para obtenção do grau de  
Mestre em Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação  
Linha de pesquisa: Leitura e Ensino da  
Bíblia

Data de aprovação: 17 de novembro de 2016.

---

Flávio Schmitt – Doutor em Ciências da Religião – Faculdades EST

---

Verner Hoefelmann – Mestre em Teologia – Faculdades EST



## AGRADECIMENTOS

A realização da presente pesquisa não seria possível sem tantas contribuições, de instituições e pessoas diferenciadas. Por isso, sou muito grato pelo apoio da Associação Maranhense da IASD, instituição onde sirvo por mais de 23 anos, a Faculdades EST, que com carinho me recebeu. Aos amigos Dr. Moacir Magalhães pelo incentivo que soube me oferecer em momento oportuno, ao Pr. Samuel Bastos que com sua sapiência muito me motivou e aos colegas Pr. Francinaldo que mesmo a distância foi muito sensível para me motivar, e o Pr. Diego (Jhonathan), por juntar-se a mim nesta caminhada, me oferecendo amparo em momentos oportunos, também não posso deixar de registrar a minha gratidão aos amigos Antonio Crispim Filho, Ossimar Ribeiro e Francisco Alves de Oliveira, o amigo para todos os momentos. E jamais deixaria de lembrar de minha mana Maria Luiza.

Sou devedor a minha esposa, Goreth e as filhas Klenne, Klíssia e Kléssia que suportaram a minha ausência mesmo não estando longe. E *in memoriam* aos meus pais, Raul de Paiva Vilanova e Maria Dias Vilanova pela sabedoria divina que tiveram ao me conduzir nos caminhos do Todo Poderoso.

Uma palavra ao Dr. Carlos Dreher, grato, pois, orientou-me nos primeiros passos deste projeto. Entretanto, reconheço que a continuidade dele devo ao meu mestre Dr. Flavio Schmitt, meu orientador.

Reconheço também, que tantos outros acrescentaram de maneira direta ou indiretamente ao que tenho hoje como resultado final, quer tenha sido com suas dúvidas pela minha ousadia, quer tenha acreditado que seria possível. Qualquer que tenha sido a crítica recebi-a como incentivo, enfim, minha singela gratidão.

Sobretudo, sou grato a Deus por ter concedido o privilégio da realização de tão ousado objetivo, a um pobre mortal, tal qual, este pesquisador.



## RESUMO

A presente pesquisa analisa as diferentes posições interpretativas da profecia de Daniel 11, conforme a ótica do futurismo, preterismo e historicismo, considerando aspectos comuns que tiveram lugar no decorrer da história cristã, a luz do texto bíblico. A análise de termos e expressões bíblicas proporcionou uma compreensão mais coerente desta profecia. Também permitiu conhecer até onde as correntes de interpretação da profecia apocalíptica caminham juntas e onde se distanciam. A escola preterista admite que Daniel 11 não seja uma profecia, mas, um relato de eventos que ocorreram nos dias de Antíoco IV Epifânio no século II a.C. Já a escola futurista crê tratar-se de profecia e cumpriu-se a partir dos dias do profeta concentrando depois nas atividades de Antíoco IV Epifânio no versículo 35, e deixando uma lacuna do versículo 36-39, para então surgir o anticristo no futuro, quando se cumprir a última semana das setenta de Daniel 9.24-27. Ocasão que surgirá o anticristo, tipo de Antíoco IV Epifânio. A escola historicista anda junta as demais, porém, somente até o versículo 13, e Antíoco e suas atividades está restrito aos versículos 14 e 15. Daí em diante, considera a presença de Roma sendo introduzida no Oriente Médio. E a última parte (vv. 40-45), é a que oferece maior variedade de interpretações. Entretanto, o historicismo contrasta com o futurismo que admite três poderes: o rei do Sul, o rei do Norte e o Anticristo. Enquanto que para os intérpretes historicistas o rei do Norte não é um rei literal territorial, mas um poder religioso, assim como, o rei do Sul não é um rei egípcio literal, mas símbolo do ateísmo, que de alguma forma se aproximarão para agir contra o povo que faz a vontade de Deus.

**Palavras-chave:** Futurismo. Preterismo. Historicismo. Profecia apocalíptica. Tempo do fim.





## ABSTRACT

This research analyzes the different interpretive positions of the prophecy of Daniel 11, according to the perspective of futurism, preterism and historicism, considering common aspects which took place throughout Christian history in light of the biblical text. The analysis of biblical terms and expressions propitiated a more coherent comprehension of this prophecy. It also permitted getting to know up to what point the interpretation currents of apocalyptic prophecy walked together and where they distanced themselves. The preterist school admits that Daniel 11 may not be a prophecy but a report of events which took place in the days of Antiochus IV Epiphanes in the second century B.C. The futurist school, on the other hand, believes it is a prophecy and was fulfilled as of the days of the prophet concentrating thereafter on the activities of Antiochus IV Epiphanes in verse 35, and leaving a gap from verse 36 – 39, to then emerge the antichrist in the future, when the last week of the seventy of Daniel 9:24-27 would take place. On this occasion the antichrist, a type of Antiochus IV Epiphanes, would emerge. The historicist school walks together with the others, but only to verse 13, and Antiochus and his activities are restricted to verses 14 and 15. From then on it considers the presence of Rome being introduced in the Middle East. And the last part (vv. 40-45), is the part that presents the widest varieties of interpretations. However, historicism contrasts with futurism which admits three powers: the king of the South, the king of the North and the Antichrist. For the historicist interpreters, the king of the North is not a literal territorial king, but a religious power, just as the king of the South is not a literal Egyptian king but a symbol of atheism and in some way, these will come together to act against the people who do the will of God.

**Keywords:** Futurism. Preterism. Historicism. Apocalyptic prophecy. End time.



## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

a.C.	Antes de Cristo
A.D.	Ano Domini ou era cristã
aram.	Aramaico
AT	Antigo Testamento
ca.	cerca de, aproximadamente
cap., caps.	capítulo, capítulos
d.C.	Depois de Cristo
heb.	Hebraico
i.e.	isto é
lit.	literalmente
n. r.	Nota de rodapé
NT	Novo Testamento
séc.	século
sic	assim, desta forma
v. 1, 2,	volume 1, volume 2, volume...
v., vv.	versículo, versículos

### **Versões da Bíblia**

ACF	Almeida Corrigida Fiel
ARA	Almeida Revista e Atualizada (2ª. Edição)
ARC	Almeida Revista e Corrigida
KJV	King James Version
NBV	Nova Bíblia Viva
NVI	Nova Versão Internacional
RV60	Reina Valera edição de 1960

### **Bíblicas [*Antigo Testamento*]**

Ag	Ageu
Am	Amós
Ct	Cantares
1Cr, 2Cr	1Crônicas, 2Crônicas
Dn	Daniel
Dt	Deuteronômio
Ec	Eclesiastes

Ed	Esdras
Et	Ester
Êx	Êxodo
Ez	Ezequiel
Gn	Gênesis
Hc	Habacuque
Is	Isaías
Jl	Joel
Jn	Jonas
Jó	Jó
Jr	Jeremias
Js	Josué
Jz	Juízes
Lm	Lamentações
Lv	Levítico
Ml	Malaquias
Mq	Miquéias
Na	Naum
Ne	Neemias
Nm	Números
Ob	Obadias
Os	Oséias
Pv	Provérbios
1Rs, 2Rs	1Reis, 2Reis
Rt	Rute
Sf	Sofonias
Sl	Salmos
1Sm, 2Sm	1Samuel, 2Samuel
Zc	Zacarias
<b>Bíblicas [Novo Testamento]</b>	
Ap	Apocalipse
At	Atos
Cl	Colossenses
1Co, 2Co	1Coríntios, 2Coríntios
Ef	Efésios

Fm	Filemom
Fp	Filipenses
Gl	Gálatas
Hb	Hebreus
Jd	Judas
Jo	João
1Jo, 2Jo, 3Jo	1João, 2João, 3João
Lc	Lucas
Mc	Marcos
Mt	Mateus
1Pe, 2Pe	1Pedro, 2Pedro
Rm	Romanos
Tg	Tiago
1Tm, 2Tm	1Timóteo, 2Timóteo
Tt	Tito
1Ts, 2Ts	1Tessalonicenses, 2Tessalonicenses



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	17
<b>1 ANÁLISE HISTÓRICO-BÍBLICA DAS CORRENTES DE INTERPRETAÇÃO DA PROFECIA APOCALÍPTICA BÍBLICA E DE DANIEL 11</b> .....	19
<b>1.1 A Linha não Histórica</b> .....	19
<b>1.2 A Linha Histórica</b> .....	20
<i>1.2.1 Futurismo</i> .....	20
1.2.1.1 Classificação do futurismo.....	20
1.2.1.2 Origem e desenvolvimento do futurismo .....	22
<i>1.2.2 Preterismo</i> .....	25
1.2.2.1 Classificação do preterismo .....	26
1.2.2.2 Origem e desenvolvimento do preterismo .....	28
<i>1.2.3 Historicismo</i> .....	29
1.2.3.1 Classificação do historicismo .....	30
1.2.3.2 Origem e desenvolvimento do historicismo .....	32
<b>1.3 Resumindo</b> .....	35
<b>2 ANÁLISE TEOLÓGICA DAS POSIÇÕES: FUTURISTA, PRETERISTA E HISTORICISTA, DA PROFECIA DE DANIEL 11</b> .....	37
<b>2.1 Daniel 11.2-13</b> .....	37
<b>2.2 Daniel 11.14-15</b> .....	44
<b>2.3 Daniel 11.16-22</b> .....	47
<b>2.4 Daniel 11.23-30</b> .....	53
<b>2.5 Daniel 11.31-39</b> .....	56
<b>2.6 Daniel 11.40-45</b> .....	60
<b>2.7 Resumindo</b> .....	63
<b>3 ANÁLISE COMPARATIVA DA PROFECIA DO CAPÍTULO 11 DE DANIEL COM A DO CAPÍTULO 7, 8 E 9</b> .....	65
<b>3.1 Daniel 7 conforme o futurismo, preterismo e historicismo</b> .....	66



<b>3.2 Daniel 8 conforme o futurismo, preterismo e historicismo</b> .....	67
<b>3.3 Daniel 9 conforme o futurismo, preterismo e historicismo</b> .....	70
<b>3.4 Daniel 11 conforme o futurismo, preterismo e historicismo</b> .....	72
3.4.1 <i>Conexões Entre o Capítulo 11 e os Capítulos 7, 8 e 9</i> .....	74
3.4.1.1 Conexão entre os capítulos 7 e 11 .....	74
3.4.1.2 Conexão entre os capítulos 8 e 11 .....	75
3.4.1.3 Conexão entre os capítulos 9 e 11 .....	75
<b>3.5 Resumindo</b> .....	78
<b>4 O REI DO NORTE E O REI DO SUL: QUEM É E QUAL É SEU PAPEL NO TEMPO DO FIM?</b> .....	81
4.1 O Rei do Norte e o Rei do Sul na perspectiva futurista.....	81
4.2 O Rei do Norte e o Rei do Sul na perspectiva preterista.....	83
4.3 O Rei do Norte e o Rei do Sul na perspectiva historicista .....	83
4.4 Resumindo .....	86
<b>CONCLUSÃO</b> .....	89
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	95

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa propõe analisar as interpretações correntes em Daniel capítulo 11. Para isto, foi necessário definir os três métodos ou escolas de interpretação das profecias apocalípticas, bem como, considerar suas origens e desenvolvimento. E por ser o capítulo do livro de Daniel menos explorado em relação aos demais capítulos do livro pelos estudiosos das profecias bíblicas, então, se buscou aqui empreender uma análise histórica, gramatical e teológica dessa profecia, em cada corrente de interpretação.

Este trabalho não se justifica apenas por ser o capítulo do livro de Daniel menos comentado pelos pesquisadores, como também, por ser o mais questionado dos demais. Mas, esse questionamento é muito divergente entre aqueles que se propõe analisá-lo. Diante disso, este pesquisador procurou considerar as diferentes interpretações de Daniel 11, avaliando suas origens, desenvolvimento e aspectos comuns no decorrer da história cristã, à luz do texto bíblico sob a óptica do Futurismo, Preterismo e Historicismo. Comparando o capítulo 11 com os demais capítulos proféticos do livro, analisando termos, expressões bíblicas que possam proporcionar compreensão mais precisa da profecia.

Para uma interpretação coerente da profecia é relevante encontrar evidências linguísticas correspondentes entre o capítulo 11 e os demais capítulos precedentes, para que se possa estabelecer onde as três escolas de interpretação se aproximam ou se distanciam na leitura de Daniel 11.

A escola futurista, assim como, a preterista considera Daniel 11 uma profecia independente das outras profecias de Daniel. Essa atitude, deixa de lado conexões que ajudam o estudante da profecia a contextualizar coerentemente sua interpretação.

Para se obter essa contextualização foi realizada uma breve descrição histórica das posições assumidas pelas principais escolas de interpretação da profecia apocalíptica. Esta tarefa foi possível mediante pesquisa bibliográfica em tratados teológicos sobre Daniel 11, publicados por estudiosos simpatizantes dessas correntes, bem como, o manuseio de léxicos e gramáticas de hebraico.

A presente pesquisa limita-se a uma análise comparativa das interpretações futurista, preterista e historicista que apresentam entre si qualquer semelhança de

conteúdo ou divergência de interpretação profética, mas, buscam a interpretação que ofereça maior coerência para o cumprimento da profecia em seu contexto bíblico e histórico. E para esse propósito foi considerado os termos mais relevantes, tanto no capítulo 11 quanto nos capítulos 7, 8 e 9, que possam proporcionar luz ao contexto da profecia de Daniel 11 e sua inter-relação com as profecias dos capítulos 7, 8 e 9.

O presente estudo constitui-se de quatro capítulos. O primeiro faz uma análise histórico-bíblica dos métodos de interpretação das profecias apocalípticas da Bíblia e mais especificamente de Daniel 11, descrevendo a origem e o desenvolvimento de cada escola ou método de interpretação. O segundo capítulo, analisa as posições teológica das três escolas, Futurista, Preterista e Historicista em Daniel 11, dividindo o capítulo em seções, para que se tenha uma compreensão mais ampla da interpretação de cada escola. O terceiro elabora uma análise comparativa da profecia do capítulo 11 de Daniel com a dos capítulos 7, 8 e 9, esboçando os vínculos temáticos e linguísticos entre eles. Já o quarto, trata de definir quem é o rei do Norte e o rei do Sul e qual é seu papel no tempo do fim, conforme cada escola de interpretação.

A presente pesquisa é um esforço em responder a seguinte pergunta: Em que medida as três principais escolas de interpretação profética, Futurismo, Preterismo e Historicismo se aproximam ou distanciam na leitura de Daniel 11? O que as motivam a divergir na leitura da última profecia de Daniel?

A proposta inicial foi buscar compreender a divergência na leitura de Daniel 11, empreendida pelos intérpretes das três escolas de interpretação das profecias apocalípticas: Futurista, Preterista e Historicista, bem com, verificar a interpretação mais sólida, senão, mais coerente com o relato profético.

# 1 ANÁLISE HISTÓRICO-BÍBLICA DAS CORRENTES DE INTERPRETAÇÃO DA PROFECIA APOCALÍPTICA BÍBLICA E DE DANIEL 11

A análise que se propõe neste capítulo visa fundamentalmente apresentar a origem e desenvolvimento dos três métodos ou escolas de interpretação das profecias apocalípticas<sup>1</sup>: Futurismo, Preterismo e Historicismo. E isto, por sua vez elaborado, permitirá um vislumbre histórico pertinente a cada uma.

Entretanto, é necessário ponderar que a profecia bíblica de natureza apocalíptica tem duas diferentes linhas de abordagem que são básicas na interpretação: a linha não histórica e a histórica.

## 1.1 A Linha não Histórica

Esta linha por sua natureza, busca evitar qualquer significado histórico<sup>2</sup> e lhe dá um caráter simplesmente moralista ou ético. E conforme a maneira de interpretar pode ser dada um aspecto alegórico, dramático, simbólico, litúrgico ou até mesmo

---

<sup>1</sup> Por profecia apocalíptica, neste estudo, entende-se as contidas nos livros de Daniel e Apocalipse. Esse tipo de profecia difere em alguns aspectos das profecias dos demais profetas, denominadas de profecia clássica ou geral. Por exemplo, o gênero literário da profecia apocalíptica geralmente é prosa de escopo ou intenção universal, enquanto que a profecia clássica é de gênero literário, geralmente poético, de intenção restrita, mas essa tem aplicação local e imediata, e na apocalíptica há um plano histórico. A profecia clássica tem simbologia normal enquanto a apocalíptica pode ser normal e fantástica. Uma outra característica é que a apocalíptica tem cumprimento incondicional, o que na clássica é condicional; a clássica trata de episódios específicos, mas a apocalíptica apresenta cenas panorâmicas; a apocalíptica trata com o pecado do mundo, já a clássica lida com situações específicas; em sua natureza a clássica é subentendida como cristocêntrica, mas, a profecia apocalíptica é explicitamente, claramente cristocêntrica. Ver: PAULIEN, Jon K. O fim do historicismo? Reflexões sobre a apocalíptica bíblica. *Parousia*, Princípios do Fim: O Apocalipse à Luz do Antigo Testamento, v. 4, p. 24-26, 2016. O livro de Daniel é o de maior expressão gênero apocalíptico, no Antigo Testamento (doravante, AT) e o Apocalipse no Novo Testamento (doravante, NT). Entretanto, nos profetas clássicos como: Isaías, Jeremias, Ezequiel e Zacarias encontramos porções apocalípticas, e no NT, tem-se o discurso escatológico de Jesus apresentado nos evangelhos (Mt 24, Mc 13 e Lc 21) e na apresentação do anticristo por Paulo em sua segunda carta aos Tessalonicenses cap. 2. Portanto, Daniel e Apocalipse não têm a exclusividade desse tipo de profecia – a apocalíptica. E ainda mais, “a apocalíptica bíblica não é um exibicionismo da presença de Deus. Em vez disso, seu interesse é inspirar esperança entre o oprimido povo de Deus”. LARONDELLE, Hans K. *Las profecias del fin*. Florida Oeste: ACES, 1999. p. 10. (tradução nossa). E para maiores detalhes acerca da profecia bíblica, sua distinção, aplicação que Cristo fez, bem como, Ele empregou os símbolos apocalípticos, a interpretação empregada pelos apóstolos do cumprimento da profecia, ver: LARONDELLE, 1999, p. 1-35.

<sup>2</sup> Conforme esta linha os eventos não têm conexão com a história, ou seja, estes são apenas relatos para motivar, despertar o leitor sem qualquer significado histórico.

mitológico. O idealismo<sup>3</sup> se destaca como representante dessa linha de interpretação<sup>4</sup>. A interpretação idealista elimina “o elemento temporal da apocalíptica”<sup>5</sup>. Para essa escola, as cenas apocalípticas não apresentam visões literais de fatos ocorridos em algum momento da história, mas são tão somente representações figuradas dos princípios intemporais, cuja finalidade é orientar e encorajar o povo de Deus diante de seus problemas.

## 1.2 A Linha Histórica

A essência desse capítulo é estudar a linha histórica de interpretação apocalíptica da Bíblia. Esta linha possui três métodos distintos ou escolas de interpretação das profecias apocalípticas: Futurismo, Preterismo e Historicismo.

### 1.2.1 Futurismo

Para o futurismo, os elementos da profecia apocalíptica referem-se na sua maior parte a eventos que virão no “tempo do fim”, no desfecho da história da humanidade, quando os fatos irão ocorrer. E nesta ótica, “a maior parte [...] ainda é futuro para nós, como era para aqueles que viviam nos tempos bíblicos”<sup>6</sup>. Por exemplo, segundo o profeta, para o povo que esse profeta dirigiu sua mensagem, todo conteúdo teria lugar num futuro distante, chamado “tempo do fim”, ainda que algum evento possa acontecer ao longo da história, a ênfase recai no cumprimento final dela.

#### 1.2.1.1 Classificação do futurismo

Os futuristas podem ser classificados de acordo com a posição assumida na interpretação das profecias. E são denominados de: (1) futuristas extremos e (2) futuristas moderados. O segundo nega a posição assumida pelo primeiro. Os futuristas extremos<sup>7</sup>, também chamados de dispensacionalistas<sup>8</sup>, são aqueles que

---

<sup>3</sup> Por idealismo entende-se qualquer filosofia que enfatize a dimensão espiritual ou mental, em detrimento do que é material. Para o idealismo toda realidade reside no pensamento, nas ideias da mente humana. Inclusive, uma corrente do idealismo considera tão somente as pessoas ou personalidades como reais; esta é a realidade última, as pessoas.

<sup>4</sup> RAMOS, José C. *Mensagem de Deus: como entender as profecias bíblicas*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2012. p. 18.

<sup>5</sup> ERICKSON, Millard J. *Opções contemporâneas na escatologia: um estudo do milênio*. São Paulo: Vida Nova, 1991. p. 26.

<sup>6</sup> ERICKSON, 1991, p. 26.

<sup>7</sup> CHAMPLIN, Russell N. *O Novo Testamento interpretado: versículo por versículo*. São Paulo: Candeia, [s.d.], v. 6, p. 362.

estabelecem um sistema inflexível de interpretação e são vistos como pretribulacionistas<sup>9</sup>, ou seja, asseguram que a igreja será arrebatada antes da grande tribulação, e dispensacionalistas<sup>10</sup>, porque entendem que a gerência de Deus em relação a humanidade desde a criação, se divide em sete dispensações<sup>11</sup> ou períodos<sup>12</sup>. Os futuristas extremos admitem a interpretação literal<sup>13</sup> das profecias do AT concernentes a restauração final de Israel, concedendo um sentido de cumprimento não eclesiológico, mas étnico<sup>14</sup>. Já os moderados<sup>15</sup>, são mais cautelosos na interpretação das profecias apocalípticas. Não admitem a teoria das dispensações, tampouco, são pretribulacionistas, ou seja, não creem no arrebatamento secreto da igreja. E não são literalistas como os extremos. Os futuristas moderados admitem que as profecias do AT relacionadas a Israel se cumprem na Igreja (eclesiologicamente), conforme a mensagem do NT. Para os moderados, não há distinção entre Israel e a igreja. Conforme Ladd “o povo de Deus que sofre a perseguição feroz é a igreja”<sup>16</sup>. E ainda mais, os moderados admitem que o propósito do livro do apocalipse seja descrever redenção divina no tempo do fim.

---

<sup>8</sup> LADD, George A. *Apocalipse: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1992. p. 12.

<sup>9</sup> Apesar de todos dispensacionalistas serem pretribulacionistas, nem todos os pretribulacionistas são dispensacionalistas. E entende-se por Pretribulacionismo a ideia de que Cristo arrebatará a igreja da terra antes da grande tribulação, ou seja, a igreja não passará por essa grande tribulação.

<sup>10</sup> Os futuristas dispensacionalistas podem ser caracterizados sob diferentes aspectos. Aqui foi mencionado apenas, o Literalismo e o Pretribulacionismo, mas, existem outras características, tais como: (1) Personalismo, que diz que o Anticristo é um indivíduo, não um sistema; (2) Premilenismo, o milênio ocorrerá depois da manifestação visível de Jesus; (3) Exclusivismo, crê que não tem profecia que se cumpra na dispensação cristã a partir do segundo século dessa era; (4) Pretribulacionismo, assegura que a igreja será arrebatada secretamente antes dos eventos que marcam a consumação final; (5) Sionismo extremo, finalmente, os judeus reconhecerão Jesus como Messias. Para maiores detalhes ver: RAMOS, 2012, p. 22-23.

<sup>11</sup> Conforme o dispensacionalismo já estamos vivendo na sexta dispensação, a da graça, que começou na cruz e vai até o milênio. Em seguida virá a sétima, a dispensação do reino, ou da plenitude dos tempos. As demais são: (1) da inocência; (2) da consciência; (3) governo humano; (4) da promessa; (5) e da Lei. Esta divisão é apresentada por C. I. Scofield, que é um dos grandes divulgadores do dispensacionalismo no século XX. Entretanto, outros (William Cave, c. 1633-1713; Pierre Poiret, 1646-1719) anteriores a Scofield, dividiram o tempo em dispensações diferentes, tanto em número quanto em terminologia. Mas, a divisão e terminologia propagada por Scofield tornou-se popular, e bem aceita no meio evangélico moderno. Para maiores detalhes ver: ERICKSON, 1991, p. 91-96.

<sup>12</sup> RAMOS, 2012, p. 21-22.

<sup>13</sup> ERICKSON, 1991, p. 96.

<sup>14</sup> Esse cumprimento étnico, consiste em admitir o retorno dos judeus à Palestina. E conforme esse ponto de vista, isto começou desde o fim da primeira guerra mundial, que culminou com a implantação do Estado de Israel em 1948, assegura o dispensacionalismo.

<sup>15</sup> CHAMPLIN, [s.d.], v. 6, p. 362.

<sup>16</sup> LADD, 1992, p. 12.

### 1.2.1.2 Origem e desenvolvimento do futurismo

Qual a razão do surgimento da escola futurista de interpretação profética? Nos dias da reforma protestante que contou com a participação de homens como John Wycliff (1324-1384), John Huss (1369-1415), Martinho Lutero (1483-1546), só para citar alguns, haviam concluído em seus estudos das profecias bíblicas que a Igreja Romana personificava o poder descrito nos livros de Daniel e Apocalipse, denominado de Anticristo<sup>17</sup>. Como afirma Knight, “Wycliff declara que o papa era o Anticristo e o mais maldito dos exploradores da bolsa alheia”<sup>18</sup>. E no século seguinte quando Lutero se opôs a venda de indulgências foi considerado herege e excomungado pelo papa de Roma, a tensão entre os dois polos aumentou e o reformador “declarou publicamente que o papa era o Anticristo”<sup>19</sup>. Enfim, pode-se dizer que os reformadores do século XVI identificaram o sistema religioso de Roma com o Anticristo. “Tanto Martinho Lutero como seu colega reformador João Calvino não vacilaram em chamar o papa de Anticristo”<sup>20</sup>.

Diante do ataque, a Igreja de Roma entendeu que precisava de um novo método de interpretação profética das Escrituras que fosse capaz de combater as acusações da Reforma Protestante. Nesse cenário surgiu o jesuíta espanhol Francisco Ribera (1537-1591), que um ano antes de sua morte publicou seu comentário sobre o Apocalipse<sup>21</sup>, que trazia as bases estruturais do Futurismo. E a partir da teoria de Ribera os defensores da Igreja Romana combatiam a acusação dos reformadores que a colocava como o Anticristo da profecia bíblica. Embora Ribera tenha lançado as bases do método Futurista de interpretação, foi popularizado pelo controversista, jesuíta italiano, Cardeal Roberto Belarmino (1542-1612), com frases de efeito e poder polêmico. E desse modo, formava-se a frente combatente da Igreja de Roma, surgindo a denominada Contra Reforma. Belarmino insistiu que as profecias sobre o Anticristo, em Daniel, Paulo e João não podem estar se referindo ao poder papal. Esses argumentos faziam parte da terceira seção

---

<sup>17</sup> COSTA, José C. *Profeta Daniel: estrutura profética*. Disponível em: <<http://profeciaetempo.blogspot.com.br/2011/12/profeta-daniel-estrutura-profecia.html>>. Acesso em: 2 set. 2014.

<sup>18</sup> KNIGHT, A. E.; ANGLIN, W. *História do Cristianismo: dos apóstolos do Senhor Jesus ao século XX*. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1983. p. 113.

<sup>19</sup> KNIGHT, 2001, p. 134.

<sup>20</sup> KISTEMAKER, Simon J. *Comentario al Nuevo Testamento: exposición del apocalipse*. Grand Rapids: Libros Desafios, 2004. p. 42. (tradução nossa).

<sup>21</sup> COSTA, 2014.

de sua obra<sup>22</sup> publicada entre 1581-1593, que se tornou a mais detalhada apologia da fé católica e um arsenal para todos os expositores e defensores do Futurismo<sup>23</sup>.

A partir dos escritos de Ribera e Belarmino a escola Futurista encontra-se municiada de argumentos contra os reformadores. E esses argumentos eram dirigidos diretamente contra o historicismo.

Para a escola futurista, fundada por este jesuíta [Ribera] – o Anticristo, Babilônia e a reconstrução do templo em Jerusalém – assinalavam o fim da dispensação cristã. Assim, a Igreja de Roma tinha agora um argumento para dizer e defender que não era o Anticristo, mas que este, ou o que ele personifica, irá surgir no fim dos tempos. Assim, tudo o que está profeticamente descrito acontecerá no futuro.<sup>24</sup>

Com esta estratégia Ribera e o método adotado pela Igreja de Roma conseguia desviar a atenção do povo para um Anticristo futuro – no fim dos tempos. E esse argumento, “tornou-se a interpretação padrão católica romana do anticristo, e é agora sustentado praticamente por todos e todas que pertencem a esta fé”<sup>25</sup>.

Uma vez estabelecida às premissas do futurismo, com o passar do tempo, o ponto de vista futurista foi adotado pela maioria dos protestantes, que provavelmente não eram cientes destes antecedentes jesuítas.

A maior parte dos fundamentalistas tem adotado a posição futurista de Rivera [ou Ribera] de que a besta anticristo é um tirano malévolo, ateu, que aparecerá e fará as suas proezas em Jerusalém, no espaço de 3 ½ anos literais, no fim das eras.<sup>26</sup>

O primeiro protestante a adotar o futurismo de Ribera foi Samuel Maitland<sup>27</sup> (1792-1866), que fez uso dessa ferramenta e atacou a escola Historicista de interpretação profética, “negando que o papa fosse o cumprimento da profecia, o princípio dia-ano<sup>28</sup>, e o quarto império de Daniel 2 como Roma”<sup>29</sup>. Maitland teve

<sup>22</sup> A obra de Roberto Belarmino trazia o título “*Disputationes de Controversiis Christianae Fidei Adversus Huius Temporis Haeretics*”. Uma tradução literal: “Os Debates Polêmicos em Pontos Controvertidos da Fé Cristã Contra os Hereges da Época”.

<sup>23</sup> FROOM, Le Roy E. *The prophetic faith of our fathers: the historical development of prophetic interpretation*. Washington: Review and Herald, 1950, v. 2, p. 495-496. (tradução nossa).

<sup>24</sup> COSTA, 2014.

<sup>25</sup> NICHOL, Francis D. (Ed.). *Comentário sobre Daniel*. Tradução de Valério Silva Fortes. 4. ed. São Paulo: Instituto Adventista de Ensino, 1987. p. 7.

<sup>26</sup> FORTES, Valério S. (Trad.). *Comentário sobre apocalipse*. São Paulo: Instituto Adventista de Ensino, 1988, v. 1, p. 177.

<sup>27</sup> FROOM, 1950, v. 4, p. 420.

<sup>28</sup> Este princípio estabelece que a profecia apocalíptica de longos períodos de tempo, um dia equivale a um ano. Ou seja, os que defendem o princípio dia-ano afirmam que os períodos de tempo proféticos nas profecias apocalípticas devem ser interpretados não como dias literais, mas como dias simbólicos correspondendo ao número de anos literais. Para maiores detalhes ver:



outros seguidores, entre eles, destaca-se os seguintes: William Burgh, John Darby, James Tood e John Henry Newman, que passaram a crer num futuro Anticristo, vindo dos judeus e não da Igreja de Roma<sup>30</sup>. Froom assegura que esse grupo acusou a interpretação do Anticristo papal como tendo surgido com os valdenses<sup>31</sup>, cátaros e albigenses<sup>32</sup> de um lado e do outro, os católicos franciscanos, os fraticelli<sup>33</sup> e os joaquimitas<sup>34</sup>.

Entretanto, a teoria futurista/dispensacionalista alcançou pleno desenvolvimento<sup>35</sup> com John Nelson Darby (1800-1882), o fundador dos “*Plymouth Brethren*”<sup>36</sup>, (Irmãos de Plymouth) e foi sistematizada e popularizada por Cyrus Ingerson Scofield (1843-1921), que publicou sua Bíblia de referências, que ficou conhecida como Bíblia de referências de Scofield. E no início do século XX, existiam poucas Bíblias com referências ou notas de rodapé. Scofield havia juntado o texto sagrado e o comentário num mesmo volume. Então, as notas interpretativas de

---

SHEA, William H. *Estudos selecionados em interpretação profética*. Tradução de Francisco Alves Pontes. 2. ed. Engenheiro Coelho: UNASPRESS, 2007, p. 63-107; SHEA, *Daniel 7-12: prophecies of the end time*. Boise: Pacific Press, (c1996), v. 2, p. 40-45, 55-60, 214-223; TIMM, Alberto R. Simbolização em miniatura e o princípio ‘dia-ano’ de interpretação profética. *Parousia*, São Paulo, ano 3, n. 1, p.33-46, 2004; FROOM, 1950, v. 1, p. 700, 751-752.

<sup>29</sup> FROOM, 1950 apud BENNETT, D. A pedra-reino de Daniel 2. In: HOLBROOK, Frank B. (Ed.). *Estudos sobre Daniel: origem, unidade e relevância profética*. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2009. p. 277.

<sup>30</sup> BENNETT, 2009, p. 277.

<sup>31</sup> Movimento cristão que teve início com o abastado comerciante de Lyon, Pedro Valdo, cerca de 1174, que a princípio encomendou uma tradução da Bíblia para a linguagem popular e começou a ensiná-la ao povo, mesmo não sendo sacerdote ou tendo credencial para fazê-lo. Então, seus seguidores foram chamados de valdenses. Eles criam que todo fiel cristão tinha o direito de possuir a Bíblia em sua própria língua, e a consideravam a fonte de toda autoridade da Igreja. Reuniam-se em casas de familiares ou em grutas, pois, eram perseguidos pela Igreja Católica. Também, os valdenses não admitiam a supremacia da Igreja de Roma.

<sup>32</sup> Cátaros, termo grego que significa “puros”. O termo é aplicado a diversos grupos na história da Igreja que enfatizaram a pureza de vida. Mas, de modo geral refere-se ao movimento cristão que surgiu na Europa Ocidental entre 1100 e 1200, e tornou-se muito forte ao Sul da Europa. Por isso, a Igreja Católica o considerou uma séria ameaça à sua “ortodoxia”. Esse movimento tinha como palco de suas principais manifestações a cidade de Albi, por isso, seus seguidores também são chamados de Albigenses. Sendo que o termo “albigense” surgiu na alta Idade Média, em meados do século XII na cidade de Albi, onde milhares de cristãos foram executados a espada ou lançados na fogueira, acusados de heresias. E partir daí passou-se a associar os irmãos e irmãs do Sul da França com o termo “heresia de Albi” e daí o nome “Albigenses”. Ver: FROOM, 1950, v. 1, p. 642, 674, 808-811; v. 2, p. 104, 398, 548; v. 3, p. 541 e 661.

<sup>33</sup> Fraticelli ou Fratricelli, nome das várias seitas heréticas que surgiram nos séculos XIV e XV principalmente na Itália. Os Fraticelli foram uma forte oposição ao sistema papal. Ver: FROOM, 1950, v. 1, p. 742; v. 66-67; v. 3, p. 660-661.

<sup>34</sup> FROOM, 1950, v. 3, p. 661. Por Joaquimitas se refere aos seguidores Joaquim de Flores (ou Fiore), que surgiram a partir dos franciscanos e originaram um movimento heterodoxo no século XII, exigia rigorosa observância da regra franciscana e que se opunham à autoridade da Igreja de Roma e seus ensinamentos.

<sup>35</sup> O dispensacionalismo surgiu paralelamente com o desenvolvimento da Alta Crítica. Ver: ERICKSON, 1991, p. 91-103.

<sup>36</sup> ERICKSON, 1991, p. 94.

Scofield tornaram-se amplamente aceitas entre os fundamentalistas<sup>37</sup>. E como propulsor do progresso do dispensacionalismo e conseqüentemente do futurismo, emergiram os institutos bíblicos, como assegura Erickson, que em “seus corpos docentes eram saturados de dispensacionalismo”<sup>38</sup>.

Entre os futuristas mais influentes na atualidade e até certo ponto, populares estão, George E. Ladd e Russell N. Champlin, ambos com obras publicadas no Brasil e de grande popularidade<sup>39</sup>.

Entretanto, “as aplicações futuristas ocorrem de tal natureza que, geralmente, *são convincentes apenas a um número limitado de pessoas* que partilham das mesmas pressuposições que o intérprete”<sup>40</sup>.

### 1.2.2 Preterismo

Como o próprio nome indica, o Preterismo considera o cumprimento da profecia apocalíptica como tendo ocorrido no passado, no tempo ou nas proximidades em que a profecia foi dada. Então, a despeito desse conceito, o fim das eras já teve seu cumprimento. Os preteristas ensinam que o simbolismo apocalíptico descreve eventos históricos que ocorreram durante a segunda metade do primeiro século; o livro de Apocalipse se refere ao que ocorreu no passado sem nenhuma referência ao futuro<sup>41</sup>. Assim, o Preterismo defende “que praticamente toda a profecia termina com a queda da igreja e da nação judaica e a forçosa derrota de Roma pagã, e que o anticristo foi algum imperador romano pagão como Nero, Domiciano ou Diocleciano”<sup>42</sup>.

---

<sup>37</sup> ERICKSON, 1991, p. 95.

<sup>38</sup> ERICKSON, 1991, p. 95.

<sup>39</sup> Entre essas obras enumera-se: Ladd, Apocalipse: introdução e comentário, Vida Nova; Teologia do Novo Testamento, editora Hagnos e O Evangelho e Reino, Editora Shed. Esse autor foi ministro batista e professor de exegese e teologia do Novo Testamento no Fuller Theological Seminary, Califórnia, faleceu em 1982; Champlin, de suas obras mais populares tem-se: O Novo Testamento interpretado: versículo por versículo, O Antigo Testamento interpretado: versículo por versículo e Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia, todos atualmente lançados pela editora Hagnos. Champlin, apesar de ter nascido nos Estados Unidos, trabalhou por 30 anos na UNESP (Universidade Estadual de São Paulo) e 4 anos no ITA (Instituto Tecnológico da Aeronáutica), Faculdade de Engenharia de Guaratinguetá e na Fundação Valeparaibana de Ensino, também de origem batista.

<sup>40</sup> PAULIEN, 2016, p. 16. (grifo nosso).

<sup>41</sup> KISTEMAKER, 2004, p. 40.

<sup>42</sup> NICHOL, 1987, p. 8.

### 1.2.2.1 Classificação do preterismo

Os preteristas também são classificados conforme sua interpretação da profecia. De acordo com Sproul, distingue-se em: (1) Preterismo radical, que considera que todas as profecias do NT já ocorreram; e (2) Preterismo moderado, que ainda espera o cumprimento de alguns eventos no futuro<sup>43</sup>. Kistemaker divide os preteristas em duas alas. Assim denominadas: (1) Ala Direita, que admite o Apocalipse como inspiração, e sua maior parte se cumpriu no primeiro século, nos dias do Império Romano; e (2) Ala Esquerda, que despreza a inspiração do Apocalipse, e o coloca no mesmo nível de qualquer outro livro apócrifo ou apocalipse pseudoepígrafo<sup>44</sup>. Severino Silva concorda com a existência das duas alas, e dá a mesma denominação: a Direita e a Esquerda<sup>45</sup>. Para Taylor, o Preterismo pode ser distinguido entre: (1) Preterismo completo ou radical, que coloca o cumprimento das profecias apocalípticas no ano 70 d.C.; e (2) Preterismo parcial, “diz que Cristo veio em *juízo* sobre Jerusalém em 70 d.C. e que este foi *um* dia do Senhor e não o dia do Senhor”<sup>46</sup>. E para enfatizar essa distinção do Preterismo, Taylor apresenta o seguinte resumo comparando-os em relação aos eventos proféticos apocalípticos:

EVENTOS PROFÉTICOS <sup>47</sup>	Preterismo Completo		Preterismo Parcial	
	70 d.C.	No fim da história	70 d. C.	No fim da história
Vinda (parousia) de Cristo	Sim	Não	Sim (juízo)	Sim (corporalmente)
Ressurreição e arrebatamento	Sim	Não	Não	Sim
Dia do Senhor	Sim	Não	Sim	Sim
Julgamento	Sim	Não	Sim	Sim

<sup>43</sup> SPROUL, R. C. *Preterismo moderado*. Disponível em: <<http://www.monergismo.com/>>. Acesso em: 12 jun. 2014.

<sup>44</sup> KISTEMAKER, 2004, p. 40.

<sup>45</sup> SILVA, Severino P. da. *Apocalipse: versículo por versículo*. Rio de Janeiro: CPAD, [s.d.], p. 4.

<sup>46</sup> TAYLOR, Ross A. *Uma breve introdução ao preterismo*. Disponível em: <<http://www.monergismo.com/>>. Acesso em: 4 mai. 2014. p. 1-9. (grifo do autor).

<sup>47</sup> Adaptação nossa.

A divergência entre o Preterismo completo e o parcial no que diz respeito aos eventos proféticos é notória e significativa, do ponto de vista de considerar a profecia cumprindo-se num tempo, i.e., cada um tem seu próprio tempo profético para o mesmo evento.

Para o Dr. Kenneth L. Gentry, o Preterismo tem atualmente três divisões principais: (1) Preteristas liberais, consideram as profecias do ano 70 d.C. como *vaticinium ex eventu*, i.e., predição após o evento, ou seja, pseudoprefecias; (2) Hiperpreteristas, tentam colocar todas as profecias escatológicas no ano 70 d.C., equivale no dizer de Sproul e Taylor, Preterismo radical; e (3) Preteristas Evangélicos (reformados), usam textos da Escritura e aplicam aquelas profecias relativas ao tempo do ano 70 d.C.<sup>48</sup> com assevera Gentry:

Um evento retentivo-histórico de enorme consequência [...] os preteristas evangélicos aplicam as profecias à Segunda Vinda no final da história. Os julgamentos em 70 d.C. são similares àqueles associados com a segunda vinda (e à conquista de Babilônia no Antigo Testamento) e são realmente sombras dela.<sup>49</sup>

Entretanto, pode-se encontrar na literatura escatológica, expressão como: Preterismo consistente, para referir-se ao Preterismo radical ou Hiperpreterismo<sup>50</sup>. Mas, de qualquer modo, o Preterismo vê o livro de Daniel como um escrito do século II a.C., e não do século VI a.C. Assim, o autor não recebeu uma mensagem Divina, mas escreveu uma narrativa histórica com roupagem profética. E isto é denominado de *vaticinium ex eventu*, a profecia escrita após o evento ter ocorrido, ou mesmo, originada deste. E no século III d.C., Porfírio (233-304), filósofo pagão, neoplatônico, admitia que o livro de Daniel não foi escrito no século VI a.C., porém, o livro era uma história da época dos macabeus, escrita depois dos eventos na forma de profecia<sup>51</sup>. Portanto, o livro de Daniel é considerado pelos preteristas como sendo produzido no século II a.C., se observado por esse lado, então, Porfírio, o grande opositor do cristianismo foi o primeiro preterista.

Assim como se deu a motivação para o surgimento do Futurismo, ocorreu com o Preterismo. A motivação de ambos foi a mesma: lançar por terra a posição

<sup>48</sup> GENTRY, Kenneth L. Jr. *De volta para o futuro: a perspectiva preterista*. Disponível em <<http://www.monergismo.com/>>. Acesso em: 4 mai. 2014. p. 1-4.

<sup>49</sup> GENTRY, 2014, p. 4.

<sup>50</sup> Ver: GENTRY, 2014.

<sup>51</sup> SHEA, William H. Desenvolvimento da interpretação de Antíoco Epifânio. In: HOLBROOK, Frank B. (Ed.). *Estudos sobre Daniel: origem, unidade e relevância profética*. São Paulo: Unaspres, 2009. p. 231-232.

sustentada pelos reformadores historicistas. E nesse cenário surge outro jesuíta espanhol, Luiz de Alcazar (1554-1613), que se tornou conhecido por sua obra *Vestigatio Arcani Sensus im Apocalypsi* (tradução literal: Investigação do Sentido Misterioso no Apocalipse), publicada um ano após sua morte, que escreveu para combater os reformadores que identificavam o papa como o Anticristo<sup>52</sup>. E que mais tarde ficou conhecida como visão preterista da profecia bíblica.

#### 1.2.2.2 Origem e desenvolvimento do preterismo

Na época em que Alcazar saiu a combater os reformadores fazendo uso de seu método de interpretação, une-se a ele o protestante holandês Hugo de Grotius (1583-1645). Em seguida outro não católico Henry Hammond (1605-1660) da Inglaterra, também adotou o preterismo de Alcazar e em 1653 publicou um comentário<sup>53</sup>. Conforme Wainwright, esses dois tinham motivações políticas e religiosas para adotar o preterismo<sup>54</sup>. Entretanto, Grotius e Hammond trouxeram “confusão, divisão e subsequente perda de confiança e de interesse nas profecias por parte de muitos protestantes”<sup>55</sup>. No decorrer dos anos, essa posição interpretativa teve o reconhecimento entre os eruditos racionalistas<sup>56</sup> protestantes. Mas, a introdução do método preterista no protestantismo ocorreu por meio de J. C. Eichhorn (1752-1827), racionalista alemão que em 1791, revisou e republicou a interpretação preterista de Alcazar<sup>57</sup>. E assim, outros eruditos racionalistas o seguiram somando seu testemunho e influência, entre eles têm-se: G. H. A. Ewald (1803-1875). C. C. F. Lucke 1791-1855), W. M. L. De Wette (1780-1849), Franz Delitzsch (1813-1890) e Julius Wellhausen (1844-1918)<sup>58</sup>. Então, a partir de 1830, muitos outros eruditos britânicos e americanos adotaram esse ponto de vista.

<sup>52</sup> HALE, David B. *Introdução ao estudo do Novo Testamento*. Tradução de Cláudio Vital de Souza. Rio de Janeiro: JUERP, 1983. p. 323.

<sup>53</sup> BENNETT, 2009, p. 277.

<sup>54</sup> WAINWRIGHT, A. *Mysterious apocalypse*. Nashville: Abingdon, 1993. p. 63-64.

<sup>55</sup> NICHOL, 1987, p. 8.

<sup>56</sup> Por Racionalistas entende-se aqueles que endossam a corrente filosófica que crer no raciocínio lógico, defendem o uso da razão.

<sup>57</sup> BENNETT, 2009, p. 277.

<sup>58</sup> BENNETT, 2009, p. 277.

Pelo ano de 1842, o professor Moses Stuart<sup>59</sup> (1780-1852) de Andover, introduziu o Preterismo como uma interpretação viável nos Estados Unidos, e em 1844 o Dr. Samuel Davidson o reiterou na Inglaterra<sup>60</sup>.

O Preterismo em sua forma sistematizada foi plenamente incorporado pela Escola Racionalista dos teólogos alemães perto do século XVIII. E “com o início do criticismo bíblico no século XVII e princípios do XVIII, o ponto de vista de Porfírio se tornou amplamente aceito por eruditos bíblicos influenciados pelo racionalismo”<sup>61</sup>. Desse modo, um número considerável de comentaristas da Bíblia voltados ao liberalismo teológico produz seus comentários recheados de Preterismo. Por isso, esse critério de interpretação, tornou-se conhecido como sistema crítico<sup>62</sup>. E crescendo o racionalismo crescia também o preterismo tornando-se uma ferramenta hermenêutica em poder dos comentaristas críticos.

### 1.2.3 *Historicismo*

O método historicista também é denominado de sistema protestante, pois, foi o método adotado pelos reformadores na interpretação das profecias escatológicas. O Historicismo é o que mais se aproxima da linha histórica de interpretação profética. Esta escola de interpretação crê que as profecias apocalípticas têm cumprimento ao longo da história humana e da Igreja. Sendo assim, “as profecias de Daniel retratam um esboço da história humana e eclesiástica, e narram a luta entre o bem e o mal até o fim do tempo”<sup>63</sup>. Como expressa Erickson, “a apocalíptica pertence a eventos que ainda eram futuros na ocasião em que foram descritos (o período bíblico), mas que já ocorreram e continuam a ocorrer dentro da vida histórica da igreja”<sup>64</sup>. Por isso, também, é denominada de contínuo-histórico, pois, “admite a profecia como parte de um progresso contínuo desde o passado até o futuro”<sup>65</sup>.

---

<sup>59</sup> MOODY, Dwight L. *Comentário bíblico moody: apocalipse*. Chicago: Moody Bible Institute of Chicago, [s.d.]. p. 18.

<sup>60</sup> FROOM, 1950, v. 1, p. 510.

<sup>61</sup> BALDWIN, Joyce G. *Daniel: introdução e comentário*. São Paulo: Mundo Cristão, 1991. p. 69.

<sup>62</sup> RAMOS, 2012, p. 19.

<sup>63</sup> SHEA, 2007, p. 28.

<sup>64</sup> ERICKSON, 1991, p. 26.

<sup>65</sup> SHEA, *Daniel: uma guia para el estudioso*. Florida Oeste: ACES, 2010. p. 13, (tradução nossa).

O método historicista entende que as profecias de Daniel e Apocalipse encontram seu cumprimento no tempo histórico por meio de uma sequência de eventos que vão desde o tempo do profeta até o estabelecimento do reino de Deus no fim do mundo<sup>66</sup>.

Então, conforme a perspectiva historicista o cumprimento da profecia apocalíptica não se restringe ao passado, tampouco, ao fim do tempo, mas se desenvolve no decorrer da história. E diante disto, pode se assegurar que “o historicismo está fundamentado na convicção de que Deus conhece o fim desde o princípio e se preocupa o suficiente com seu povo para partilhar um esboço de tais eventos [...]”<sup>67</sup>. Desse modo, para essa escola, as profecias apocalípticas têm seu cumprimento no decorrer de todo período histórico até o estabelecimento do reino eterno, por Cristo Jesus. E nesse sentido, “quando o intérprete usa a abordagem historicista, deve presumir que os autores [dos escritos apocalípticos] de alguma forma compreendiam que estavam se referindo à história futura”<sup>68</sup>.

#### 1.2.3.1 Classificação do historicismo

O Historicismo está dividido em teorias de interpretação ou modalidades, isto ocorre conforme a maneira como é considerado o conteúdo profético. Estas teorias são: (1) Sequência Linear<sup>69</sup> ou Histórico-Contínuo<sup>70</sup>, consideram os eventos descritos um após o outro até a consumação final, ou seja, os eventos apocalípticos são uma sinopse profética da história humana, desde os dias do profeta até a chegada do reino eterno. “Essa posição foi adotada por Lutero, e mais recentemente, por Hengstenberg (1852)”<sup>71</sup>; (2) Recapitulação<sup>72</sup> ou “histórico-sincrônica, de Vitorino, do quarto século”<sup>73</sup>, que admite as profecias apocalípticas descrevendo os mesmos eventos repetidas vezes, em prismas diferentes. Em suma, como afirma o Dr. José Carlos Ramos, seria “*mais de uma profecia para um mesmo*

<sup>66</sup> PAULIEN, A hermenêutica da apocalíptica bíblica. In: REID, George W. (Ed.). *Compreendendo as Escrituras: uma abordagem adventista*. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2007. p. 249.

<sup>67</sup> PAULIEN, A hermenêutica da apocalíptica bíblica. In: REID, 2007, p. 268.

<sup>68</sup> VETNE, Reimar. O historicismo como método de interpretação de Daniel e Apocalipse. *Parousia, Princípios do Fim: O Apocalipse à Luz do Antigo Testamento*. Engenheiro Coelho, v. 4, 2016. p. 89.

<sup>69</sup> RAMOS, 2012, p. 33.

<sup>70</sup> HALE, 1983, p. 324.

<sup>71</sup> RAMOS, 2012, p. 33.

<sup>72</sup> RAMOS, 2012, p. 33.

<sup>73</sup> HALE, 1983, p. 324.

*evento histórico*<sup>74</sup>; (3) Reocorrência ou apotelesmática, entende que o cumprimento de uma profecia é múltiplo. Aqui seria o contrário da teoria histórico-sincrônica. O princípio é: “*mais de um evento histórico para uma mesma profecia*”<sup>75</sup>, i.e., a profecia se cumpre várias vezes; (4) Filosofia da história, esta modalidade parece derivar da anterior. Entretanto, é mais ampla que a teoria da reocorrência. O princípio aqui é “que a *história se repete* e, mais que repetidos cumprimentos históricos, essa modalidade propõe contínuas aplicações que vão além de qualquer tempo específico na história”<sup>76</sup>. Deste modo, a teoria da filosofia da história se identifica com o idealismo. Para Hale, “este título [filosofia da história] abrange muitos outros títulos usados pelos estudiosos, entre os quais podem ser encontrados as teorias de ‘cumprimento variado ou esporádico’ e a ‘visão idealista’”<sup>77</sup>. E Hale ainda menciona outra modalidade, que ele mesmo a denomina de: (5) teoria histórico-profética, sobre a qual explica que ela é chamada de vários nomes. Tais como: “a teoria ‘histórica-espiritual’, a interpretação ‘histórica moderna’, e a teoria do ‘fundo histórico’ são apenas alguns dos títulos”<sup>78</sup>. Porém, todos estes títulos têm uma ideia em comum, que é: as profecias apocalípticas devem ser interpretadas do ponto em que vivia o autor e seu propósito com o leitor de seus dias. Como Hale afirma: “Ele [o autor] escreveu primariamente para o encorajamento e edificação dos crentes de seus próprios dias [...]”<sup>79</sup>. Portanto, ao estudá-las deve-se buscar informações sobre a data, o estilo, o propósito e quem foram os receptores. Procedendo desse modo, o leitor contemporâneo será capaz de fazer a aplicação da mensagem para si mesmo. Este é o raciocínio dessa modalidade, a teoria histórico-profética. Também, esta teoria tem um sabor do idealismo.

Visto que as teorias ou modalidades do Historicismo têm cada uma, aspecto verdadeiro em sua interpretação, também, não pode afirmar que esta ou aquela é a correta, excluindo as demais. Não são excludentes. É provável que, para alguma profecia seja possível aplicar esta e/ou aquela modalidade. Não se pode fechar a porta para outras possibilidades, faz-se necessário ponderar acerca dos prós e contras de cada teoria.

---

<sup>74</sup> RAMOS, 2012, p. 33. (grifo do autor).

<sup>75</sup> RAMOS, 2012, p. 34. (grifo do autor).

<sup>76</sup> RAMOS, 2012, p. 34. (grifo do autor).

<sup>77</sup> HALE, 1983, p. 325.

<sup>78</sup> HALE, 1983, p. 325.

<sup>79</sup> HALE, 1983, p. 325.



### 1.2.3.2 Origem e desenvolvimento do historicismo

Já no século II da era cristã é possível perceber elementos do Historicismo presentes nas interpretações apocalípticas realizadas por Justino Mártir (100-165), este cria que a profecia de Daniel 7 tem seu clímax na segunda vinda de Jesus Cristo<sup>80</sup>; Irineu de Lyon (ca. 130-202), assim como Justino Mártir lutava pela mesma causa. Apelava para as profecias para demonstrar a veracidade do cristianismo. Irineu via estrita relação entre os eventos Daniel 2 e 7, que apresentava Roma com singular clareza como o quarto império na grande sucessão e que seria dividido em dez<sup>81</sup>. Ele sustentava a posição historicista de interpretação<sup>82</sup>. E entre a segunda metade do segundo século e início do terceiro tem-se Tito Flávio Clemente ou Clemente de Alexandria (ca. 150-220), como assim ficou conhecido, um dos primeiros que se tem informação, a aplicar a interpretação das setenta semanas de Daniel 9 com visão historicista<sup>83</sup>; e ainda nesse período, Hipólito (ca. 170-236) aluno de Irineu, que em um tratado sobre Daniel faz um paralelismo das profecias de Daniel 2, 7 e 8, conforme outros pais da Igreja, e ele vê nos símbolos os reinos da Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia e Roma<sup>84</sup>. Entretanto, mesmo que seu comentário dos capítulos 2 e 7, seja historicista, no capítulo 8, ele oferece traços preteristas quando identifica Antíoco Epifânio com o chifre pequeno da profecia. E no capítulo 11, Hipólito admite uma aplicação dupla. Na primeira metade considera a história selêucida no passado, e a última, o anticristo no futuro<sup>85</sup>. Portanto, entre os primeiros intérpretes cristãos, Hipólito, possivelmente, seja o que se identificou com as três posturas de interpretação das profecias bíblicas.

Embora, já existissem vestígios ou noções de interpretar profecias apocalípticas sob o prisma do método contínuo-histórico, nos primeiros séculos do cristianismo, somente pode se encontrar características bem definidas, a partir da aplicação do princípio dia-ano aos períodos de tempo mais longos de Daniel. Isto “ocorreu pela primeira vez entre os expositores judeus cerca de três séculos antes de qualquer intérprete cristão, ter aplicado como hoje é conhecido”<sup>86</sup>. Entre os

<sup>80</sup> FROOM, 1950, v. 1, p. 227-235.

<sup>81</sup> FROOM, 1950, v. 1, p. 244.

<sup>82</sup> DOUKHAN, *Jacques B. Secretos del apocalipsis: el apocalipsis visto a través de ojos hebreos*. Florida Oeste: ACES, 2008. p. 18, n. r. 22. (tradução nossa).

<sup>83</sup> FROOM, 1950, v. 1, p. 265.

<sup>84</sup> FROOM, 1950, v. 1, p. 270-271.

<sup>85</sup> BENNETT, 2009, p. 220-230.

<sup>86</sup> FROOM, 1950, v. 1, p. 713.

intérpretes judeus destacam-se: Nahawendi, do início do século IX, e foi evidentemente, o primeiro a interpretar os 1.290, 2.300 dias como anos. Depois dele, Saadia, Jeroão, Hakohen, Jepheth ibn Ali e Rashi, todos do século X, aplicaram o mesmo princípio às 70 semanas, aos 1.290, 1.335 e 2.300 dias. E nos séculos XI e XII tem-se Hanasi e Eliezer e no século XIII, Nahamanides, que se utilizaram do princípio dia-ano aos longos períodos de tempo do livro de Daniel<sup>87</sup>.

Até o século XI grande parte dos comentários trazia interpretações das profecias com sabor alegórico ou espiritual. Mas, nomes como os mencionados anteriormente e alguns outros não admitiam essa forma de interpretação. Não consentiam uma interpretação alegórica, ou mesmo, espiritualizar as profecias. E somente a partir do século XII, é possível perceber uma acentuada disposição para uma interpretação historicista das profecias apocalípticas<sup>88</sup>, confrontando a interpretação alegórica.

Por esse tempo surge Anselmo de Havelberg (1099-1158). Foi Anselmo

Quem primeiro introduziu um esquema esquecido de interpretação ao comparar a profecia com o desenvolvimento consecutivo e contínuo da história. Sua explicação do apocalipse seguiu o curso da história da Igreja. Assim, Anselmo semeou a semente que produziu o revolucionário Joaquim de Flores.<sup>89</sup>

A partir de Joaquim de Flores (1130-1202) o Historicismo ganhou força. Joaquim foi um dos notáveis expositores medievais das profecias bíblicas. Entretanto, sua ação mais notável se deu pela aplicação do princípio dia-ano em conexão com os 1.260 dias<sup>90</sup>. Para Joaquim de Flores a chave para seu esquema cronológico é a variedade para citar o período simbólico: como 42 meses, três tempos e meio ou três anos e meio e 1.260 dias. E conforme Froom, “ele [Joaquim] chama isso de ‘o grande número que contém todos estes mistérios. Porque há 42 meses ou 1.260 dias, e eles designam nada mais do que 1.260 anos’<sup>91</sup>. Desse modo, Joaquim de Flores é considerado o maior representante do Historicismo na Idade Média, tornando-se muito influente. Juntou-se a ele em sua abordagem histórica no estudo da profecia e em defesa do princípio dia-ano, o médico espanhol

<sup>87</sup> FROOM, 1950, v. 1, p. 713.

<sup>88</sup> RAMOS, 2012, p. 29.

<sup>89</sup> BENNETT, 2009, p. 275.

<sup>90</sup> FROOM, 1950, v. 1, p. 712.

<sup>91</sup> FLORES, Apud FROOM, 1950, v. 1, p. 713.

Arnaldo de Villanova (ca. 1235-1313). Villanova era um teólogo leigo e considerou as 2.300 tardes e manhãs e os 1.260 dias de Daniel como anos<sup>92</sup>.

Ainda no século XII, os Valdenses, provavelmente influenciados pelos escritos de Joaquim de Flores, tenham aplicado à Igreja de Roma os termos “Anticristo”, “Homem do pecado” e “Filho da perdição”<sup>93</sup>. De fato, além do impulso dado à abordagem histórica da profecia, para Froom, o elemento mais notável de interpretação profética do século XIII para a Reforma foi a identificação progressiva da Igreja Romana com a Babilônia e do papado com os vários símbolos proféticos do Anticristo, o Chifre pequeno, a Besta e o Homem do Pecado<sup>94</sup>. Que era na verdade, o resultado lógico da restauração da interpretação historicista, mas foi, um crescimento gradual, que poderia ter sido estabelecida somente pelo testemunho da passagem do tempo. No século XIV a influência dos valdenses se faz sentir nos ensinamentos de Wycliff (ca. 1328-1384), João Huss (1369-1415) e Nicolau de Cusa (1401-1464) e, a partir daí, sobre os reformadores subsequentes, entre eles Martinho Lutero (1483-1546), Philipp Melancton (1497-1560), João Calvino (1509-1564) e William Tyndale (1484-1536)<sup>95</sup>.

Ainda no século XVI têm-se outros historicistas, como: Johann Funck (1518-1566), capelão da corte de Nuremberg, “foi provavelmente o primeiro no tempo da Reforma a começar as 70 semanas em 457 a.C. e a terminá-las em 34 A.D.”<sup>96</sup>; Heinrich Bullinger (1504-1575) de Zurique, de igual modo, datou as 70 semanas a partir do sétimo ano de Artaxexes<sup>97</sup> e também, George Joye e Jacó Brocado<sup>98</sup>, desse mesmo período. E nos séculos XVII e XVIII: “David Pareus, Thomas Brightman, José Mede, Sir Isaac Newton, John Tillinghast, Andreas Helwig, Drue Cressener, Heinrich Horche, Rabi Bem Ezra (pseudônimo de Manuel Lacunza, jesuíta chileno), Johann Albrecht Bengel e Johann Philipp Petri”<sup>99</sup>. E nos séculos XIX e XX: J. A. Brown, Guilherme Miller, Uriah Smith, William Hales, H. Alford, E. Hengstenberg, E. B. Elliott e A. J. Gordon<sup>100</sup>.

<sup>92</sup> FROOM, 1950, v. 1, p. 750-751, v. 2, p. 71-73; BENNETT, p. 275; NICHOL, 1987, p. 34.

<sup>93</sup> RAMOS, 2012, p. 30.

<sup>94</sup> FROOM, 1950, v. 1, p. 904.

<sup>95</sup> RAMOS, 2012, p. 30.

<sup>96</sup> NICHOL, 1987, p. 57.

<sup>97</sup> NICHOL, 1987, p. 57.

<sup>98</sup> RAMOS, 2012, p. 30.

<sup>99</sup> RAMOS, 2012, p. 30.

<sup>100</sup> RAMOS, 2012, p. 30.

### 1.3 Resumindo

Os reformadores protestantes afirmavam que o sistema papal era o Anticristo descrito sob vários símbolos, como: o chifre pequeno da profecia de Daniel, o homem do pecado e o mistério da iniquidade proclamado por Paulo, a besta, Babilônia, a meretriz apresentada pelo vidente de Pátmos - João. E os dois articuladores jesuítas Ribera e Alcazar procuraram neutralizar o ataque protestante afirmando que o Anticristo não era um sistema que professava o cristianismo da Idade Média, mas, um indivíduo. Para Francisco Ribera, o Anticristo era um judeu que surgiria no futuro distante, que teria seu reinado em Jerusalém. Entretanto, para Luís de Alcazar o Anticristo era um imperador romano, pagão do passado que havia reinado nos primeiros séculos da era cristã. Com duas posições diferentes a Igreja Católica Romana afastava o Anticristo da Idade Média, colocando-o no passado remoto ou no futuro distante.

Mas, passando os anos, Futurismo e Preterismo foram adotados pela grande maioria dos protestantes. E por um lado, grande parte dos cristãos fundamentalistas têm assumido a posição Futurista estabelecida por Ribera. Por outro lado, os modernistas ou liberais tem assumido a posição de Alcazar. Assim, o protestantismo moderno encontra-se dividido e abandonou o testemunho da Reforma Protestante acerca do Anticristo, adotando interpretações fundamentadas num ou noutro desses dois métodos mutuamente excludentes, promovidos pela Contra Reforma Católica.

Nos tempos atuais, o Historicismo como método de interpretação tem sobrevivido, porém, entre poucos intelectuais e estudantes das profecias apocalípticas. Enquanto o Futurismo, bem como, o Preterismo liberal tem conquistado espaço e cada vez mais simpatizantes entre acadêmicos e evangélicos tem emprestado sua voz a favor dessa escola de interpretação.

Também, se

Deveria mencionar que em anos recentes tem havido uma tendência para mescla de enfoques. Talvez os mais notáveis neste sentido sejam as tentativas de misturar o preterismo com o futurismo, sendo o primeiro o

telão de fundo do segundo (por exemplo, George Eldon Ladd e Leon Morris), o de reinterpretar o historicismo de um modo futurista.<sup>101</sup>

Enfim, a “abordagem historicista, apesar do consenso acadêmico contra ela, é, de fato, a abordagem mais apropriada a certas passagens dentro da apocalíptica bíblica”<sup>102</sup>.

Até aqui se buscou apresentar tão somente um resumo histórico das três principais escolas de interpretação das profecias apocalípticas, examinando suas origens e desenvolvimento na linha histórica. A análise teológica das posições assumidas em cada escola é objeto do capítulo seguinte, onde será discutido o capítulo 11 na visão Futurista, Preterista e Historicista.

---

<sup>101</sup> STRAND, Kenneth A. Principios fundacionales de interpretación. In: HOLBROOK, Frank B. (Ed.). *Simposio sobre apocalipsis*. Florida: APIA; Mexico: Gema Editores, 2010, v. 1. p. 7. (tradução nossa).

<sup>102</sup> PAULIEN, 2016, p. 13.

## 2 ANÁLISE TEOLÓGICA DAS POSIÇÕES: FUTURISTA, PRETERISTA E HISTORICISTA, DA PROFECIA DE DANIEL 11

O presente capítulo fará um exame das posições teológicas de cada escola de interpretação profética no que diz respeito ao capítulo 11<sup>103</sup> de Daniel. As três escolas de interpretação profética têm a mesma posição até o versículo 13 desse capítulo. Mas, a partir do versículo 14, percebe-se interpretações diferentes entre si. Portanto, Daniel 11 será analisado por seção, com atenção especial ao papel do rei do Norte no tempo do fim, e também, com o fim de se ter uma visão das posições assumidas em cada escola.

### 2.1 Daniel 11.2-13

Antes de qualquer análise do capítulo 11, deve-se admitir que os capítulos 10.1-11.1 constituem a introdução, o preâmbulo da visão do capítulo 11.2-45 (mais precisamente até 12.4) e o capítulo 12.5-13 a conclusão, ou epílogo da visão.

Daniel 11.1, é uma continuação da exposição iniciada pelo anjo no capítulo 10. A narrativa é contínua. “Gabriel informa a Daniel que Dario o Medo fora honrado pelo céu. A visão foi dada no terceiro ano de Ciro”<sup>104</sup> (10.1). Uma vez que o estudante dessa profecia esteja contextualizado, torna-se apto a avançar na análise dessa primeira seção de versículos.

A cerca de Daniel 11, Lieth não faz nenhum comentário dos versículos 1 a 35a, e propositalmente assim procede, “pois tratam de coisas que já passaram”<sup>105</sup>, justifica esse autor. O conteúdo alcançado por esses trinta e cinco versículos cobre um período de tempo de aproximadamente 300 anos, que para Daniel era futuro e se cumpriu literalmente desde o rei Ciro da Pérsia até Antíoco Epifânio. Joyce Baldwin, tão somente comenta que o versículo 2 trata sobre a história do império Persa, admitindo Xerxes (486-465 a.C.) o quarto rei cumulado de grandes riquezas mais do que todos, e que se envolveu em guerra indiscriminada contra a Grécia<sup>106</sup>.

---

<sup>103</sup> Daniel 11 é o capítulo mais longo do livro. E a profecia nele contida não se utiliza de símbolos e figuras como nas visões anteriores de Daniel 2, 7, e 8, porém, esta é dada em linguagem literal e condensada e às vezes até lacônica e vaga, tornando-se enigmática.

<sup>104</sup> NICHOL, 1987, p. 319.

<sup>105</sup> LIETH, Norbert. *As profecias de Daniel: perspectivas de futuro*. Tradução de Traudi Federolf. Porto Alegre: Atual Edições, 2004. p. 202.

<sup>106</sup> BALDWIN, 1991, p. 196-197.

Então, defensores do preterismo, futurismo ou mesmo historicismo não divergem tanto entre si com relação aos primeiros treze versículos do capítulo 11 de Daniel, quando isso ocorre se dá em detalhes sem relevância a profecia, ou mesmo para sua compreensão. Nos versículos 2 a 4, tem-se as seguintes posições: (1) Três reis da Pérsia: Cambises (530-522 a.C.), Falso Esmérdis ou Gaumata ou Bardya (522 a.C.), e Dario Histaspes (522-486 a.C.); e o quarto rei Xerxes (486-465 a.C.) ou o Assuero do livro de Ester<sup>107</sup>. Este ponto de vista é adotado por Jerônimo, Teodoreto, Rosenmueller, Haevernick, Keil<sup>108</sup>. Todavia, para Doukhan os reis referidos no versículo 2, são: (2) Cambises (530-522 a.C.), Dario (522-486 a.C.) e Xerxes, o Assuero do livro de Ester (486-465 a.C.) e o quarto Artaxerxes (465-423 a.C.). Doukhan exclui da lista desses reis o nome de Esmérdis. E então, explica que os comentaristas que incluem o nome de Esmérdis estão seguindo uma teoria do neoplatonista Porfírio. E, justifica a sua opção apresentando as seguintes razões: a) reinou menos de um ano (sete meses); b) Era um impostor de fora da Media, i.e., não era um Medo Persa, e a profecia fala de reis persas; c) é provável que nunca tenha existido e que apenas foi um rumor inventado por Dario para justificar seu acesso ao trono<sup>109</sup>. Para esse historicista (Jacques Doukhan), os reis são de origem persa. Portanto, os três depois de Ciro seriam: Cambises (530-522 a.C.), Dario (522-486 a.C.), Xerxes, o Assuero de Ester (486-465 a.C.), e o quarto Artaxerxes (465-423 a.C.)<sup>110</sup>. Para Gilberto os quatro reis são:

<sup>107</sup> Para maiores detalhes ver: SHEA, 2010, p. 238; FEYERABEND, H. *Daniel, verso por verso: revelações de Deus para os nossos dias*. Tradução de Delmar F. Freire. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004, p. 184; MAXWELL, C. Mervyn. *Uma nova era segundo as profecias de Daniel*. Tradução de Hélio Luiz Grelmann. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1996. p. 297-298; IRONSIDE, H. A. *Estudos sobre o livro de Daniel*, Diadema: DLC, 2008. p. 163; CARBALLOSA, Evis L. *Daniel y el reino mesiánico*. Grand Rapids: Portavoz, 1999, posição 2655, (e-book). Carballosa explica que Cambises é chamado Artaxerxes no livro de Esdras 4.7, 11 e Xerxes é chamado de Assuero no livro de Ester 1.1 e Esdras 4.6 (n. r. 3 e 4, posição 2991 e-book, tradução nossa); WHITCOMB, John C. *Daniel*. Chicago: Moody Press, 1985. p. 145; WALVOORD, John F. *Daniel*. Chicago: Mood Publishers, 2012, posição 5976 e 6011, (e-book); PETTINGILL, W. L. *Estudios sobre el libro de Daniel*. Terrassa: 1985; THIELE, Edwin R. *Daniel: estudos esboçados*. Tradução de Henrique Berg. São Paulo: Colégio Adventista Brasileiro, 1960. p. 114.

<sup>108</sup> YOUNG, Edward J. *The prophecy of Daniel: a commentary*. Grand Rapids: Eerdmans, 1949. p. 232. (tradução nossa).

<sup>109</sup> DOUKHAN, Jacques B. *Secretos de Daniel: sabiduría y sueños de un príncipe hebreo en el exilio*. Florida Oeste: ACES, 2011. p. 181, ver n. r. 1. (tradução nossa).

<sup>110</sup> DOUKHAN, 2011, p. 168.

a) Assuero, filho de Ciro. Reinou de 529 a 522 a.C. É conhecido na história como Xerxes I ou Cambises II. É mencionado em Esdras 4.6.

b) Artaxerxes I. Reinou de 522 a 521 a.C. É conhecido na história como Smeredis [sic]. É mencionado em Esdras 4.7-11. Determinou a suspensão das obras do templo no pós-cativeiro.

c) Dario II filho de Artaxerxes. Reinou de 521-485 a.C. é mencionado em Esdras 4.5, e conhecido na história como Dario Histaspes, ou simplesmente Histaspes. Foi quem ordenou a conclusão das obras do templo, conforme Esdras 6. Ele é o famoso Dario registrado na Pedra de Behistum, perto de Hamadã, no Irã, a antiga capital dos medos, chamada então Ecbátana. Foi derrotado na célebre Batalha de Maratona, na Grécia, em 490 a.C.

d) Assuero, esposo de Ester (Et 1.1). Foi o mais rico e poderoso rei persa. Reinou de 485-465 a.C. a história chama-o Xerxes II (não confundir este Assuero com o de Esdras 4.6). Filho de Dario II, foi derrotado pela esquadra grega de Salamina, Chipre, em 480 a.C.<sup>111</sup>

Após esse rei não é citado nenhum outro na Pérsia, outros reis são passados por alto na profecia. Não é que esse reino chegou ao fim, mas porque segundo Gilberto, “a glória da Pérsia declinou rapidamente com a morte de Assuero, ou Xerxes II. Os reis posteriores nada realizaram de importante para a história”<sup>112</sup>, até que foram dominados pela Grécia. Para o Dr. José Carlos Ramos esses reis não são mencionados na profecia porque tiveram pouco relacionamento com os judeus<sup>113</sup>.

Mas, a despeito dos reis persas (v. 2), que embora haja pequena divergência, os comentaristas em geral concordam que a profecia indica Xerxes como o quarto rei. A expressão “[...] e o quarto será cumulado de grandes riquezas mais que todos [...]” (v. 2<sup>114</sup>), Xerxes é identificado aqui como aquele que se “orgulhava das ‘riquezas da glória do seu reino’”<sup>115</sup> (ver Et 1.4, 6, 7). E embora, não tenha sido último, foi o quarto rei, como foi profetizado, mais rico de todos, tendo agitado a Ásia contra Grécia e, com um numeroso exército atravessou o Helesponto e invadiu a Grécia<sup>116</sup>.

Os versículos 3 e 4 fazem a transição do reino da Pérsia para o reino da Grécia, com Alexandre Magno, o primeiro rei e que passou para história universal

<sup>111</sup> GILBERTO, A. *Daniel e Apocalipse*. Rio de Janeiro: CPAD, (c1984). p. 68.

<sup>112</sup> GILBERTO, (c1984), p. 68.

<sup>113</sup> RAMOS, José C. *Profecia Bíblica*. São Paulo: Edições SALT – Pós-Graduação, [199-]. p. 101.

<sup>114</sup> A versão bíblica adotada nesta pesquisa é a de João Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada no Brasil. 2. ed. (ARA), salvo indicação contrária.

<sup>115</sup> DORNELES, Vanderlei. (Ed.). *Comentário bíblico adventista do sétimo dia*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2013, v. 4. p. 952. (Série Logos).

<sup>116</sup> IRONSIDE, 2008, p. 163.



como Alexandre, o Grande. E nesse ponto todos estudiosos<sup>117</sup> veem o “rei poderoso” (v. 3), uma clara referência a Alexandre, o Grande, que sucedeu seu pai Filipe da Macedônia e “passou o estreito do Helesponto, entrou na Ásia e venceu numa grande batalha, perto do rio Grânico, os que comandavam o exército de Dario. Conquistou, em seguida, a Lídia e a Jônia, atravessou a Cária, entrou na Panfília”<sup>118</sup>.

A conquista de Alexandre não foi somente militar, mas, também cultural. Pois, a cultura grega se espalhou por quase todo Oriente Médio<sup>119</sup>. Doukhan<sup>120</sup> vê nesses versículos (Dn 11.3, 4), uma linguagem semelhante a que é descrita em Daniel 8.8, que também, diz respeito a Alexandre, cujo império foi dividido posteriormente entre seus quatro principais generais. O versículo 4 menciona que o “[...] reino será quebrado e repartido para os quatro ventos do céu; mas não para a sua posteridade, nem tampouco segundo o poder com que reinou [...]” A profecia dizia que o reino de Alexandre não seria preservado para seus descendentes. Isso ocorreu literalmente.

A história como selo da profecia conta que Alexandre depois de ter domínio sobre o reino da Pérsia<sup>121</sup>, pois, suas conquistas alcançaram desde o mar Adriático até o rio Indo, ele após passar dias de bebedeira, foi atingido por uma febre<sup>122</sup> e onze dias depois morreu<sup>123</sup>, em junho de 323 a.C. Alexandre não designou seu substituto. Tão pouco, pode ser substituído por alguém de sua família. Os seus generais mais próximos tentaram manter o controle do império, mas, lutas internas levaram a eliminar seu meio irmão, Filipe e seu filho, ainda pequeno, que nascera após a morte de Alexandre<sup>124</sup>. Então, em 301 a.C., com a batalha de Ipsos<sup>125</sup>, o gigantesco império de Alexandre acabou fracionado em quatro, dividido entre quatro de seus principais generais: “Ptolomeu, ficou com o Egito, a Fenícia e a Palestina;

<sup>117</sup> WALVOORD, 2012, posição 6029-6033; CARBALLOSA, 1999, posição 2661; WHITCOMB, 1985, p. 147; SHEA, 2010, p. 239; IRONSIDE, 2008, p. 163; BALDWIN, 1991, p. 197; DAVIDSON, F. (Ed.). *O novo comentário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 1987, v. 2. p. 831; MAXWELL, 1996, p. 298; GILBERTO, (c1984), p. 69; DOUKHAN, 2011, p. 168-169.

<sup>118</sup> JOSEFO, F. *História dos hebreus*. Tradução de Vicente Pedrosa. Rio de Janeiro: CPAD, 1992. p. 273.

<sup>119</sup> CARBALLOSA, 1999, posição 2664. Essa expansão da cultura grega foi denominada de movimento helenista, conduzido por Aristóteles que fora nomeado por Alexandre para encabeçar a equipe de mestres que ensinaram a cultura grega aos povos conquistados.

<sup>120</sup> DOUKHAN, 2011, p. 168.

<sup>121</sup> IRONSIDE, 2008, p. 164.

<sup>122</sup> Conforme Maxwell, é chamada de “febre dos pântanos”. Para maiores detalhes ver: MAXWELL, 1996. p. 298-299.

<sup>123</sup> DORNELES, (Ed.). 2013, v. 4, p. 955.

<sup>124</sup> MAXWELL, 1996, p. 298; OLIVEIRA, Arilton. *Daniel: Segredos da profecia*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2013. p. 182.

<sup>125</sup> IRONSIDE, 2008, p. 164.

Seleuco, com a Pérsia, a Mesopotâmia e a Síria; Cassandro, com a Macedônia; e Lisímaco, com a Ásia Menor e a Trácia”<sup>126</sup>.

Entretanto, as lutas internas continuaram mesmo após essa divisão. Flávio Josefo afirma: “houve divergências entre eles, com relação ao governo, as quais causaram sangrentas e longas guerras, desolação em várias cidades e a morte de um número mui grande de pessoas”<sup>127</sup>. E com o passar do tempo as quatro divisões foram reduzidas a duas, acrescentando a cada parte remanescente o território geográfico das outras que desapareceram. Permanecendo no controle Ptolomeu I<sup>128</sup> ao Sul e Seleuco I ao Norte<sup>129</sup>, da Palestina (Terra gloriosa, Dn 11.16, 40). Mesmo assim, os confrontos entre o Norte e o Sul continuaram fragilizando esses reinos e criando “[...] a possibilidade de conquista romana, que se concretizaria nos séculos II e I a.C.”<sup>130</sup>.

No versículo 5 é dito que o “rei do Sul” seria “forte”. Aqui as três escolas de interpretação também, admitem ser uma referência a Ptolomeu I Soter (323 a 280 a.C.)<sup>131</sup>, o primeiro rei dessa dinastia. A partir desse ponto (v. 5) até versículo 13, a descrição mantém o foco nas duas principais divisões do reino de Alexandre, uma que inicia sob o comando de Ptolomeu I Soter e a outra sob Seleuco I Nicator<sup>132</sup>, e prosseguem com os sucessores deles. E em Daniel 11 elas aparecem com os termos: “rei do Sul” e “rei do Norte” (vv. 6, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 15), referindo-se tanto a Ptolomeu e Seleuco quanto aos seus sucessores. Pois, os termos indicam as pessoas que controlavam de um lado, o Egito e do outro, a Síria<sup>133</sup>, os quais ficavam um ao Sul e o outro ao Norte da Palestina, respectivamente. Daí referir-se ao Egito como reino do Sul e a seus reis de Ptolomeu, e referindo-se a Síria dizia reino do Norte e seus reis eram denominados de Seleuco ou Antíoco. Assim, o reino do Sul (Egito) representava a dinastia Ptolomaida e reino do Norte (Síria) representava a dinastia Selêucida. E os versículos seguintes (6-13), descrevem lutas, confrontos entre Ptolomeus e Selêucidas, aqui referidos como “rei do Sul” e “rei do Norte”.

<sup>126</sup> VICENTINO, C. *História geral*. São Paulo: Scipione, 1997. p. 81. Geograficamente o reino de Alexandre, o Grande, assim ficou dividido: o Ocidente com Cassandro, o Norte ficou com Lisímaco, o Sul a Ptolomeu e o Leste a Seleuco.

<sup>127</sup> JOSEFO, 1992, p. 275.

<sup>128</sup> Denominado também Ptolomeu Lago ou Ptolomeu I Soter (Soter, i.e., salvador).

<sup>129</sup> Tendo o Egito como sede do reino do Sul e a Síria do reino do Norte.

<sup>130</sup> VICENTINO, 1997, p. 81.

<sup>131</sup> MAXWELL, 1996, p. 299. Dos nomes desses reis originou o nome da dinastia do Sul de Ptolomeus e do Norte Selêucidas.

<sup>132</sup> SHEA, 2010, p. 240.

<sup>133</sup> MAXWELL, 1996, p. 299.

Os conflitos em curso entre os reis da Síria e do Egito que durou um período de cerca de 150 anos e se estendeu para o tempo de Antíoco Epifânio (175-164 a.C.), e até muito além dele. Ao traçar esta história, no entanto, a profecia é seletiva; o texto não menciona todos os governantes. Apesar disso, a identificação dos governantes é clara: Ptolomeu I Soter e Seleuco I Nicator lançaram as bases para duas dinastias de governantes que se tornaram rivais, e uma batalha gangorra entre os dois reinos começou.

Sendo Seleuco I Nicator nomeado o sátrapa da Babilônia (em 321 a.C.), vem um outro general, Antígono, e tomou Babilônia, Seleuco I fugiu para o Egito (316 a.C.), para Ptolomeu Soter, para servir sob ele, tornando-se assim, um de seus comandantes. Antígono foi derrotado em 312 a.C. em Gaza por Ptolomeu Soter e Seleuco voltou para sua ex-satrapia; lá, ele aumentou consideravelmente seu poder, e passou a controlar mais território que Ptolomeu.<sup>134</sup>

A partir de seu retorno Seleuco I Nicator começa a dinastia Selêucida, denominada “rei do Norte”, estabelecendo sua capital na Síria.

Quando Ptolomeu I Soter morreu, seu filho Ptolomeu II Filadelfo assumiu o trono do Egito. “Durante os 40 anos que governou esse reino, o elevou a um novo patamar de grandeza e poder. Isso fez com que, ao mesmo tempo, se tornasse superior aos outros reinos”<sup>135</sup>.

Desde o início, surgiram conflitos entre o reino dos Ptolomeus (Egito) e os Selêucidas (Síria). Ptolomeu I morreu em 285 a.C., e esses confrontos continuaram com seu filho Ptolomeu II (285-246 a.C.)<sup>136</sup>. Finalmente, Ptolomeu II fez um tratado de paz com o rei selêucida, Antíoco II Theos<sup>137</sup> (261-246 a.C.; neto de Seleuco), cerca de 250 a.C.<sup>138</sup>, e é a esta aliança que o versículo 6 se refere. O tratado de paz entre Ptolomeu II e Antíoco II incluía um acerto de casamento da filha do “rei do Sul” (Ptolomeu II) com o “rei do Norte” (Antíoco II). No entanto, Antíoco era casado, conforme Miller, “com uma mulher poderosa e influente chamada Laodice”<sup>139</sup>. Antíoco II recusou a sua verdadeira esposa, deserdou seus filhos e assumiu a união com Berenice, “a filha do rei do Sul”. Porém, quando Ptolomeu II morreu, Antíoco

<sup>134</sup> MILLER, Stephen R. *Daniel*. Nashville: Broadman & Holman Publishers, 2001. p. 292, (Logos Library System; The New American Commentary 18), (tradução nossa).

<sup>135</sup> COX, Kenneth. *Daniel Pure and simple*. Loma Linda: Kenneth Cox Ministries, 2013, posição 2644. (e-book, tradução nossa).

<sup>136</sup> MILLER, 2001, p. 292. Segundo a tradição, Ptolomeu II Filadelfo foi quem promoveu a tradução da Bíblia hebraica para o grego chamada Septuaginta, ou versão dos LXX.

<sup>137</sup> O Título *Theos* significa divino, ou seja, Antíoco, o divino.

<sup>138</sup> SHEA, 2010, p. 240.

<sup>139</sup> MILLER, 2001, p. 292.

encontrou-se livre para romper o acordo e retornou para sua primeira esposa. Laodice tramou a morte de Antíoco, Berenice e seu filho pequeno que concebera de Antíoco. E neste cenário de conflito, para vingar a morte de Berenice e seu filho, “um renovo da linhagem dela” (v. 7), Ptolomeu III Euergetes<sup>140</sup>, se levantou contra o rei do Norte, conquistou sua capital (v. 7). E durante algum tempo, manteve o controle do território, mas, depois “renunciou regressando ao Egito levando despojos e alguns deuses<sup>141</sup> sírios”<sup>142</sup>. E por algum tempo Ptolomeu não atacou o rei do Norte (v. 8). Mas, Seleuco atacou o rei do Sul em vingança, porém, sem sucesso (v. 9).

Seleuco II Calínico teve dois filhos e o mais velho, Seleuco III Cerauno<sup>143</sup> sucedeu seu pai no reino do Norte. Mas teve um reinado curto. Como assegura Cox, “ele era um líder fraco e ineficaz, e foi envenenado por dois de seus generais”<sup>144</sup>. Seu irmão, Antíoco III Magno (o Grande<sup>145</sup>), assumiu o poder e reuniu “numerosas forças” (v. 10), “para infligir vingança aos egípcios”<sup>146</sup>. O que é dito nos versículos 10-12, pode ser considerado uma referência a batalha de Ráfia (217 a.C.)<sup>147</sup>. Essa batalha desferiu grande golpe ao rei do Norte, Antíoco III. Alguns comentaristas dizem que as baixas no exército Sírio chegaram a 10.000 mortos e 4.000 prisioneiros<sup>148</sup>. Cox acrescenta que 300 da cavalaria, também tombaram<sup>149</sup>. Diante dessa derrota, Antíoco III voltou sua atenção para o Oriente, para tentar recuperar espaços do seu reino que se haviam perdido. Cerca de 14 a 15 anos depois (202 a.C.) Antíoco III invadiu o território ptolomaico “com grande exército” (v. 13). Esse rei encontrou tempo oportuno para tal invasão: “a morte de Ptolomeu IV, em 203 a.C., e

<sup>140</sup> Euergetes, significa “benfeitor”. Esse título lhe foi dado pelos seus súditos, por ter trazido de volta os deuses levados do Egito por Cambises, rei persa, para Babilônia. E ainda, trouxe dos deuses sírios.

<sup>141</sup> Para os contemporâneos de Ptolomeu III levar as divindades de uma nação para a nação invasora representava que os deuses desta prevaleceram sobre aqueles. No caso os deuses do Egito foram superiores aos da Síria.

<sup>142</sup> SHEA, 2010, p. 240.

<sup>143</sup> IRONSIDE, 2008, p. 167.

<sup>144</sup> COX, 2013, posição 2679. Jerônimo diz em seu comentário que a traição foi tramada pelos seus dois generais Nicanor e Apaturius, Ver: ARCHER, Gleason L. (Transl.). *Jerôme's Commentary on Daniel*. Eugene: Wipf and Stock Publishers, 2009. p. 123-124. (tradução nossa).

<sup>145</sup> Ele foi chamado de o “Grande” por causa de suas conquistas militares, com campanhas na Fenícia e Palestina, parte do império Ptolomaico, como diz v. 10: “voltando à guerra, a levará até à fortaleza do rei do Sul”. Ver: MILLER, 2001, p. 293-294.

<sup>146</sup> IRONSIDE, 2008, p. 167.

<sup>147</sup> COX, 2013, posição 2679; MILLER, 2001, p. 293; MAXWELL, 1996, p.303. O historiador Maxwell data a batalha de Ráfia como ocorrida em 22 de junho de 217 a.C., envolvendo aproximadamente 70.000 soldados de infantaria e cerca de 5.000 de cavalaria de cada lado. Os números podem ser vistos, também, em MILLER, 2001, p. 293; COX, 2013, posição 2679.

<sup>148</sup> MAXWELL, 1996, p. 303.

<sup>149</sup> COX, 2013, posição 2679.

a coroação de seu filho, Ptolomeu V Epifânio<sup>150</sup>, um menino de quatro anos de idade<sup>151</sup>, como novo rei. E mais, “havia desassossego ao longo do rio Nilo, com os egípcios desafiando e até mesmo rebelando-se contra os seus mandatários gregos<sup>152</sup>. E na batalha de Paneias, em 198 a.C., a província da Judeia caiu nas mãos dos selêucidas<sup>153</sup>.

Esses primeiros treze versos de Daniel 11 tem minucioso cumprimento histórico. A profecia é comprovada pela história, e, por conseguinte, são interpretados de modo harmonioso pela maioria dos diversos intérpretes das três diferentes escolas. Já os versículos 14 a 45 tem gerado ampla variedade de interpretações, inclusive entre intérpretes da mesma escola.

## 2.2 Daniel 11.14-15

A partir desses versículos a divergência de interpretação começa a crescer, tanto entre futuristas e preteristas, quanto historicistas. Por isso, considerar nesta seção apenas estes dois versículos.

Para os intérpretes futuristas tudo a partir do versículo 14 até o 35 é referência a Antíoco IV Epifânio<sup>154</sup>, já para alguns intérpretes preteristas desse ponto até o fim do capítulo 11 (v. 45), deve ser aplicado a Antíoco IV Epifânio<sup>155</sup>, para outros, até o versículo 20 trata dos predecessores, e do versículo 21 ao 45 aí sim, diz respeito a Antíoco IV Epifânio<sup>156</sup>. Enquanto isso, os intérpretes historicistas veem Antíoco IV Epifânio apenas nos versículos 14 e 15<sup>157</sup>.

Na primeira parte do versículo 14, há referência aos que se levantaram contra o rei do Sul. E nesta referência pode se incluir Antíoco III e o exército sírio, seguido por seus aliados. E aqui tem-se a aliança secreta com Felipe V da Macedônia, os quais desejavam conquistar os haveres de Ptolomeu fora do Egito e dividir entre si. Felipe, entrou em conflito com os romanos e foi derrotado. Antíoco III

<sup>150</sup> MILLER, 2001, p. 293.

<sup>151</sup> ARCHER, (Transl.). 2009, p. 125. Miller diz que esse rei-menino quando foi coroado tinha cerca de 4 a 6 anos de idade, ver: MILLER, 2001, p. 293. E Maxwell diz que ele tinha 6 anos de idade. Ver: MAXWELL, 1996, p.304. De qualquer modo, isso não é relevante.

<sup>152</sup> MAXWELL, 1996, p. 304.

<sup>153</sup> Desse modo o território dos judeus mudou de domínio. Pois, desde Alexandre, o Grande havia sido controlado pelo rei do Sul e agora os judeus desse território torna-se vassalos do rei do Norte.

<sup>154</sup> IRONSIDE, 2008, p. 167-172; LIETH, 2004, p. 202-206.

<sup>155</sup> DORNELES, (Ed.). 2013, v. 4, p. 958.

<sup>156</sup> PACE, Sharon. *Daniel*. Georgia: Smyth & Helwys Publishing, 2008. p. 318-327.

<sup>157</sup> SHEA, 2010, p. 241-243; MAXWELL, 1996, p. 304-305; NICHOL, 1987, p. 328-331.

recusou opor-se aos romanos, e também sofreu derrota. Nesta primeira parte do versículo (14a) se pode ver referência aos egípcios que haviam se rebelado contra Ptolomeu V do Egito<sup>158</sup>. E ainda, não de menor importância, os “muitos” do versículo 14a poderiam incluir os judeus, sob o controle de Ptolomeu até ser libertado por Antíoco III.

Também o versículo 14 descreve as dificuldades que o Egito passava, como conta o cronologista Edwin R. Thiele:

O Egito por esta época viu-se cercado de dificuldades externas e internas. Os desastres vieram sobre o Egito pelos ataques simultâneos de Felipe V da Macedônia e Antíoco III da Síria, do que resultou uma insurreição dentro do próprio Egito. A revolta e a dissensão dilaceraram a nação.<sup>159</sup>

Antíoco III conquistou a Palestina, este reinou na Síria (reino do Norte) de 223 a 187 a.C., e durante esse período o Egito já havia se aliado aos romanos que despontavam no horizonte como força crescente<sup>160</sup>. Então,

[...] *foi* nos dias de Antíoco III que os romanos entraram na História do Mediterrâneo oriental. Quando eles souberam que Antíoco III fizera uma aliança com Felipe da Macedônia, contra Ptolomeu V do Egito, eles [os romanos] temeram que uma nova superpotência se formasse no Oriente Médio e advertiram Felipe e Antíoco III a *permanecerem fora do Egito*.<sup>161</sup>

E assim, Roma entra em cena, protegendo os seus aliados.

O jovem rei do Egito, [Ptolomeu] Epifanes [sic], [Epifânio], estava neste tempo sob a tutela de Roma, e isto abriu uma oportunidade para que a república nascente pudesse intrometer-se nos negócios do Oriente, Roma propôs não se retirar até que todos lhe estivessem sujeitos, inclusive a antiga pátria-mãe do povo de Deus.<sup>162</sup>

Muitos intérpretes<sup>163</sup> tem visto a perseguição de Antíoco IV Epifânio contra os judeus como o cumprimento de uma parte significativa do restante de Daniel 11. Todavia, a declaração do versículo 14 lança por terra essa interpretação; pois, os envolvidos, os sírios sob o comando de Antíoco IV “cairão”.

O versículo 15 menciona uma campanha do rei do Norte contra o rei do Sul, onde o epicentro da batalha é uma cidade fortificada. Quanto a esta campanha, os intérpretes têm sugerido várias cidades e batalhas dos selêucidas para a

<sup>158</sup> POLYBIUS, *The histories*. Cambridge: Havard University, [s.d.], 5.107. (tradução nossa).

<sup>159</sup> THIELE, 1960, p. 119. Esta descrição corresponde ao que é dito no verso 14a.

<sup>160</sup> DORNELES, (Ed.). 2013, v. 4, p. 959.

<sup>161</sup> MAXWELL, 1996, p. 305, (grifo do autor).

<sup>162</sup> THIELE, 1960, p. 119; FEYERABEND, 2004, p.192.

<sup>163</sup> Entre muitos: John F. Walvoord, John C. Whitcomb, H. A. Ironside, Norbert Lieth.

interpretação destes componentes. Mas, diante dos eventos, no sentido da profecia, a batalha que melhor se encaixa é a de Antíoco IV Epifânio, travada contra o Egito no ano de 169 a.C., tendo como alvo a cidade de Pelusio, que era a maior cidade, guardiã da entrada para o delta oriental do Egito<sup>164</sup>. Portanto, considerar os versículos 14 e 15 como o relato de Antíoco IV Epifânio, é admiti-lo em sua apropriada dimensão histórica. Em sua segunda invasão ao Egito, em 168 a.C., não foi necessário um exército para combatê-lo, apenas um embaixador romano com uma mensagem para que ele se retirasse do Egito<sup>165</sup>.

Assim, Antíoco IV Epifânio foi o responsável por introduzir Roma no cenário histórico do Oriente Médio<sup>166</sup>, ou seja, Antíoco IV representa o ponto de transição para Roma, a exemplo de Xerxes para Grécia<sup>167</sup>.

Quando se olha para o reino da Grécia e depois para o reino do Norte do qual Antíoco IV era tão somente uma parte das quatro divisões daquele reino, percebe-se apenas um rei dos menores de sua dinastia e reinando por um curto período de tempo (175-163 a.C.). Sim, ele foi hostil com os judeus, tentou eliminar a religião e a cultura desse povo, mas, não conseguiu avançar tanto. O destaque desse rei foi sua queda ante a pressão diplomática de Roma. Esta já despontava como poder principal no tempo de Antíoco IV Epifânio, e este sabia que não seria conveniente frustrar os desígnios de Roma. Esta lhe informou através de seu embaixador, que abandonasse sua invasão ao Egito em 168 a.C., e Antíoco obedeceu, retirando-se da região. Assim, Roma começa suas ações mais enérgicas no Oriente e sobre o rei do Norte<sup>168</sup>.

Embora, as ações de guerras de Antíoco III sejam resumidas no versículo 15, mas, indicam ter conseguido importante vitória sobre as forças egípcias na batalha de Gaza (201 a.C.), após longo cerco<sup>169</sup>. A expressão “os dados à violência

<sup>164</sup> SHEA, 2010, p. 243.

<sup>165</sup> SHEA, 2010, p. 241.

<sup>166</sup> SHEA, 2010, p. 241.

<sup>167</sup> Xerxes não foi o último rei da Pérsia. Mas, “ele agitou a Ásia contra o reino da Grécia e, com imenso exército de mais de dois e meio milhões de homens (se pudermos confiar nos relatos dos historiadores daqueles dias), atravessou o Helesponto (a passagem de Hele) e invadiu a Grécia”, assegura Ironside. Apesar de seu grande exército sofreu fragorosa derrota. Para maiores detalhes ver: HERODOTUS, *Persian wars*, 7.61-80; IRONSIDE, 2008, 162, 163; MAXWELL, 1996, p. 297-298.

<sup>168</sup> COX, 2013, posição 2725. As rédeas do governo de Roma estavam nas mãos de Crasso que controlava os Tesouros, Pompeu liderava o exército e César era o mentor.

<sup>169</sup> DORNELES, (Ed.). 2013, v. 4, p. 959; SCHWANTES, Siegfried J. *O livro de Daniel*. São Paulo: Instituto Adventista de Ensino, [s.d.], p. 93. (material de aulas do mestrado).

*dentre o teu povo*<sup>170</sup>, do versículo 14, literalmente, “os quebradores do teu povo”, ou “os opressores do teu povo”, por certo, é uma referência ao Império Romano<sup>171</sup>, conforme outras profecias do próprio livro de Daniel<sup>172</sup>.

Assim, pode se dizer que:

Roma, uma vez dentro do Oriente, fez rápidos progressos através da Ásia Menor e da Síria, até que o império dos Selêucidas desapareceu, sendo este o seu primeiro lugar no Oriente. Os exércitos romanos comandados por Cipião infligiram a Antíoco III uma esmagadora derrota em Magnésia, na Ásia Menor, em 190 a.C. Em 168 a.C., Antíoco Epifanes [sic] invadiu o Egito, mas Roma lhe ordenou que saísse, e ele não teve outro recurso senão obedecer. A Palestina caiu nas mãos romanas no ano 63 a.C., quando Pompeu capturou Jerusalém após um cerco de três meses. Roma, agora o rei do Norte, permanecia na terra gloriosa, conservando-a toda na mão.<sup>173</sup>

Baldwin, conta que um historiador contemporâneo escreveu assim:

Desde o dia em que Popílio Lena traçou com seu bastão o círculo na areia, ao redor dos pés de Antíoco Epifânio, não havia mais dúvida quanto a quem mandava no Mediterrâneo[...] um rei selêucida, e este era Antíoco [Epifânio], pulou fora do círculo e se mandou para casa, como lhe havia sido ordenado.<sup>174</sup>

Aqui se introduz Roma, um renovado rei do Norte<sup>175</sup>, que é descrito nos versículos 16 a 20 exercendo seu poder civil paganizado<sup>176</sup>.

### 2.3 Daniel 11.16-22

Aqueles que aplicam os versículos 16 a 39 a Antíoco IV Epifânio<sup>177</sup> consideram o “príncipe da aliança” (v. 22) o sacerdote Onias III, ou Ptolomeu Filometor<sup>178</sup>, e não Jesus Cristo. Essa interpretação considera também, que o

<sup>170</sup> Dn 11.14. (grifo nosso).

<sup>171</sup> ORELLANA, Michael. AZO, Segundo. *Interpretación bíblica de la historia: Daniel*. Lima: Universidad Peruana Unión, 2014. p. 108.

<sup>172</sup> Ver Dn 2.40; 7.7, 19, 23; 8.10, 13, 25; 9.26.

<sup>173</sup> THIELE, 1960, p. 120.

<sup>174</sup> GOLVER, T. R. apud BALDWIN, 1991, p. 212.

<sup>175</sup> Esse rei do Norte, não é mais citado, senão no versículo 40.

<sup>176</sup> O Império Romano não tinha o cristianismo como prática religiosa, senão costumes e práticas contrárias a ele, por isso, consideradas pagãs.

<sup>177</sup> LIETH, 2004, p. 202; IRONSIDE, 2008, p. 165-175; CARBALLOSA, 1999, posição 2755-2818; WALVOORD, 2012, posição 6131-6187; WHITCOMB, John C. *Daniel*. Chicago: Moody Press, 1985. p. 148-155. (tradução nossa).

<sup>178</sup> CARBALLOSA, 1999, posição 2765; WHITCOMB, p. 150; WALVOORD, 2012, posição 6231; BALDWIN, 1991, p. 204.



indivíduo que “se levanta”, conforme diz o versículo 20, e que seria “destruído, e isto sem ira nem batalha”, esse foi Seleuco IV Filopater<sup>179</sup>.

Entretanto, Jesus indica que a “abominação desoladora” aconteceria depois de seus dias, ele aponta para o futuro (Mt 24.15) e não para o passado. E quanto a Seleuco IV Filopater, este foi assassinado por Heliodoro<sup>180</sup>. Conforme a profecia, este seria tirado “sem ira”, mas, não foi caso de Seleuco IV, ainda que tenha reinado “poucos dias” (v. 20 – doze anos) se comparado com o longo período do reinado de Antíoco III que se estendeu por cerca de quarenta anos.

O versículo 16 introduz um novo poder no cenário histórico. Para considerar esse fato é necessário dar atenção a algumas frases do texto. A primeira, “ele fará o que bem quiser”. A frase é aplicada para introduzir novas potências na profecia. É a mesma estrutura do versículo 3, quando a Grécia foi introduzida como poder dominante. A outra frase do versículo (v. 16) em apreço, é a referência a conexão desse poder com a “terra gloriosa”. Esse poder terá tudo em suas mãos. Isto não tem aplicação com Antíoco IV Epifânio, uma vez que a Judeia já era parte de seu reino quando recebeu por herança de seu pai. Não havia necessidade de conquistá-la. Porém, Roma dominou a Judeia mediante conquista. E quando Roma conquistou a Síria no ano 64 a.C., incluía a Judeia e seus territórios<sup>181</sup>.

Também, é necessário e não de pouca relevância, analisar o aspecto linguístico do versículo 16. Quando faz referência às batalhas em Daniel 11, a preposição “contra”, é comumente empregada. E neste caso, não ocorre o uso desta preposição. A preposição empregada no hebraico de Daniel neste versículo é “para” ou “a”. Isto nos faz entender que a missão diplomática de Roma<sup>182</sup> que veio a Antíoco Epifânio, para que saísse do Egito, não veio com o exército de Roma como suporte. Era uma missão diplomática. Portanto, Roma veio “a” (I)<sup>183</sup> ele e não

---

<sup>179</sup> IRONSIDE, 2008, p. 169.

<sup>180</sup> IRONSIDE, 2008, p. 169. Seleuco IV Filopater em desespero por recursos, pois, seu pai Antíoco III, o Grande havia deixado o reino em dificuldades financeiras, enviou Heliodoro a Jerusalém com a missão de saquear o templo do Senhor. E em seu retorno traiçoeiramente assassinou seu senhor.

<sup>181</sup> SHEA, 2010, p. 243-244.

<sup>182</sup> A missão diplomática de Roma chefiada pelo cônsul Caio Popílio Laenas veio a Antíoco quando seu exército chegou a Elêusis, próximo de Alexandria, e exigiu sumariamente que ele abandonasse o cerco ao Egito. E conforme o historiador Políbio relata, o cônsul romano traçou um círculo em volta de Antíoco e lhe disse deveria decidir antes de sair dele. Para maiores detalhes ver: WHITCOMB, 1985, p. 150; WALVOORD, 2012, posição 6267.

<sup>183</sup> A preposição (I.) “para”, “a” indica direção, destino ou finalidade.

“contra” (I[<sup>184</sup>) ele. E finalmente, Pompeu e suas tropas subjugarão a “terra gloriosa” no ano 63 a.C.

Portanto, os versículos 16 a 19 retratam as ações de Roma e prosseguem com Júlio César e seu envolvimento com a jovem rainha do Egito, Cleópatra. No versículo 17 menciona um acordo, “e lhe dará uma jovem em casamento, para lhe destruir o seu reino”<sup>185</sup>. Se houve algum acordo, quando Ptolomeu XI faleceu em 51 a.C., deixou seus dois filhos, Cleópatra e Ptolomeu XII, sob a tutela de Roma<sup>186</sup>. Mesmo que o Egito (reino do Sul) não tenha sido incorporado formalmente ao império Romano, Júlio César exerceu grande influência, pelo menos até 48 a.C. Já que Ptolomeu era morto Pompeu foi chamado ao Egito para resolver a disputa sobre quem iria governar o Egito, mas, ele morreu ao atravessar o rio Nilo. Desde que Roma era a guardiã dos herdeiros do trono do Egito, Júlio César assumiu a posição deixada por Pompeu. Júlio César apaixonou-se por Cleópatra e ela tornou sua amante, mas, durou pouco tempo<sup>187</sup>: “isto, porém, não vingará, nem será para a sua vantagem” (v.17). Júlio César foi assassinado<sup>188</sup> e Cleópatra teve que fugir de volta ao Egito na tentativa de proteger seu trono. E conforme Shea, ela foi exitosa parcialmente por pouco tempo<sup>189</sup>. A Rainha “Cleópatra voltou suas afeições para Marco Antônio”<sup>190</sup>, inimigo de Júlio César que exerceu sua influência contra Roma<sup>191</sup>. Quando Otávio chegou ao Egito, conforme a tradição afirma, Cleópatra morreu pela picada de uma serpente. Assim, ela não permaneceu, ou seja, não continuou governando nem pertenceu a Júlio César, senão por um breve tempo.

Portanto, o personagem que melhor se ajusta ao relato dos versículos 17 a 19 é Júlio César. Se ele se dirigiu ao Egito, conforme o versículo 17, e no início do versículo 18 é dito que ele se volta para “as terras do mar”, ou para “as terras costeiras”, então, “Júlio César após deixar o Egito conduziu três campanhas, uma

<sup>184</sup> A preposição (I[;) “contra”, pode indicar oposição, confronto.

<sup>185</sup> O reino aqui referido é o do Norte.

<sup>186</sup> DORNELES, (Ed.). 2013, v. 4, p. 959.

<sup>187</sup> IRONSIDE, 2008, p. 168; COX, 2013, posição 2742; DORNELES, 2013, v. 4, p. 959.

<sup>188</sup> SHEA, 2010, p. 245. Brutus, fingia ser amigo de Júlio César, mas, o abandonou, liderando um movimento para eliminar a sua ditadura. Para maiores detalhes ver: COX, 2013, posição 2742; FEYERABEND, 2004, p. 194.

<sup>189</sup> SHEA, 2010, p. 245.

<sup>190</sup> DORNELES, (Ed.). 2013, v. 4, p. 959. Marco Antônio, rival de Otávio (depois chamado Augusto), herdeiro de César, derrotou as forças aliadas de Cleópatra e Marco Antônio em Ácio (31 a.C.).

<sup>191</sup> COX, 2013, posição 2742.

para o Bósforo<sup>192</sup>, outra para o Norte da África<sup>193</sup> e a última à Espanha<sup>194</sup>. Voltou sua atenção militar para “as terras do mar”, ou “terras costeiras”. Afirma Cox: “Tudo parecia favorável pelos idos de março”<sup>195</sup> de 44 a.C.<sup>196</sup>, César reuniu com Senado romano partilhou grandes planos. Mas, tudo já havia sido planejado pelo Senado e “um sinal dado, seus inimigos pegaram suas armas ocultas e desferiram 23 facadas. Ele tropeçou e caiu na base da estátua de Pompeu”<sup>197</sup>. O seu fim está descrito no final do versículo 19: “mas tropeçará, e cairá, e não será achado”. Aqui a linguagem profética infere que sua derrota seria inesperada e súbita, como alguém que vai caminhando tropeça e cai.

E a continuidade do relato segue no versículo 20. E aqui a profecia parece ser mais detalhada oferecendo ao estudioso, pelo menos duas características daquele que devia se levantar para substituir o imperador romano Júlio César. Shea sugere: (1) enviaria coletores de impostos por todo Império (terras conquistadas); (2) morreria em tempo de paz, não em luta, ainda que sua carreira tenha sido marcada por muitas batalhas<sup>198</sup>. Estas características são vistas na figura de César Augusto<sup>199</sup>, que submeteu todas suas terras conquistadas a um censo que serviu de base para a cobrança de impostos<sup>200</sup>. César Augusto “teve um reino próspero e pacífico, e morreu em seu leito de uma enfermidade, em 19 de agosto de 14 a.D.”<sup>201</sup>.

César Augusto não teve filhos, pois, Tibério não era seu filho natural. Era filho de Lúvia sua esposa, “quem o teve de um sacerdote também chamado Tibério,

<sup>192</sup> O Bósforo é um estreito que liga o mar Negro e o mar Mármara e estabelece o limite dos continentes asiático e europeu na Turquia.

<sup>193</sup> Compreende os países localizados no Norte do continente africano, junto ao mar mediterrâneo.

<sup>194</sup> SHEA, 2010, p. 245. Ver: MORA, Carlos Elias. *Dios defiende a su pueblo: comentário exegético de Daniel 10 al 12*. Mexico: Universitaria Iberoamericana, 2012. p. 94-95. (tradução nossa).

<sup>195</sup> COX, 2013, posição 2742.

<sup>196</sup> SHEA, 2010, p. 246; DORNELES, (Ed.). 2013, v. 4, p. 960; THIELE, 1960, p. 121.

<sup>197</sup> COX, 2013, posição 2742.

<sup>198</sup> SHEA, 2010, p. 246.

<sup>199</sup> Júlio César não teve filhos legítimos, mas fez do sobrinho, Otávio (depois Augusto), o seu herdeiro. “Otávio sucedeu a seu tio Júlio que o havia adotado. Anunciou publicamente esta adoção pelo tio e tomou seu nome. Uniu-se com Marco Antônio e Lépido para vingar a morte de Júlio César. Os três organizaram uma forma de governo chamado triunvirato. Otávio ao ser estabelecido firmemente no império, o senado conferiu-lhe o título de “Augusto”, e tendo agora morto os outros membros do triunvirato, ele se tornou supremo governante”. Ver: SMITH, Urias. *As profecias de Daniel e Apocalipse*. Tradução de Carlos Biagini. 7. ed. Pacific Press, Mountain View: 1979, p. 202. Daí em diante ele é chamado de César Augusto. E com ele Roma inicia a sua *Pax Romana*, ou a Paz Romana. Pois, com ele Roma chegou ao apogeu de sua grandeza e poder.

<sup>200</sup> O censo que serviu de base para a tributação estabelecida no governo de César Augusto é registrado por Lucas, no seu evangelho cap. 2 v. 1 em diante. Conforme Cox, a tributação estabelecida por César Augusto não era pesada porque era universal. Ver: COX, 2013, posição 2742-2761.

<sup>201</sup> THIELE, 1960, p. 122.

e chegou a família de Augusto quando este tomou pela força a mãe da criança<sup>202</sup>. Então, Lívía sua esposa, pediu-lhe para nomear Tibério como seu sucessor. Porém, ele se recusou, dizendo que Tibério era demasiado vil para sucedê-lo como imperador. Augusto nomeou Agripa para sucedê-lo, mas Agripa morreu antes de subir ao poder. E assim, pela insistência de sua esposa, Augusto finalmente cedeu e nomeou Tibério<sup>203</sup>. A profecia se refere a “um homem vil”, (heb. *nibzah*) literalmente “um vil”, que não merecia a honra de rei, mesmo assim chegaria ao trono.

Conforme alguns intérpretes, a expressão “homem vil”<sup>204</sup> do versículo 21, seria Antíoco IV Epifânio<sup>205</sup>. Entretanto, é mais provável ser uma referência a Tibério<sup>206</sup>, pois, era de fato uma pessoa “vil”, sanguinária e cruel. Ele “era tão cruel e perverso que toda nação, especialmente os residentes de Roma, festejaram sua morte”<sup>207</sup>. As evidências mostram que Tibério “era excêntrico, mal compreendido e não amado pelo povo”<sup>208</sup>, um homem desprezível, ele sofria de misantropia<sup>209</sup>, “ao qual não tinham dado a dignidade real”<sup>210</sup> (v. 21), pois, nem mesmo tinha paternidade real, ou seja,

Tibério nunca foi honrado ou respeitado, nem em vida nem depois de morto. Ao morrer, em vez de ser sepultado com honras, o povo celebrava correndo pelas ruas e clamando: “Fora Tibério! Que vá para o Tibre!” Ou “Que a terra, a mãe da humanidade e dos deuses infernais, não dê guarida para o morto, a não ser entre os perversos!” Logo que seu corpo começou a ser levado pelas ruas, as pessoas, aos gritos, mandaram que ele fosse levado para Átila, e queimado no anfiteatro.<sup>211</sup>

<sup>202</sup> SHEA, 2010, p. 246.

<sup>203</sup> COX, 2013, posição 2761.

<sup>204</sup> A expressão bíblica “homem vil” significa “alguém desprezível” ou “pouco amado”, ou mesmo sem valor.

<sup>205</sup> IRONSIDE, 2008, p. 169-170; BALDWIN, 1991, p. 203-204; GILBERTO, (c1984), p. 69-70; CARBALLOSA, 1999, posição 2756-2761; WHITCOMB, 1985, p. 150; WALVOORD, 2012, posição 6204-6221. E para os futuristas Antíoco Epifânio é também identificado com o chifre pequeno de Daniel 8.9-14. Esta figura permanece sendo o centro das atenções até o versículo 35 do capítulo 11. No versículo 36 ocorre a lacuna de cerca de 2.000 anos até surgimento do anticristo no tempo do fim. Ver: os autores citados acima.

<sup>206</sup> Tibério foi o sucessor de seu padrasto Augusto, e foi no seu reinado na província romana da Palestina, que foi crucificado Jesus Cristo.

<sup>207</sup> FEYERABEND, 2004, p. 196. Ver também: COX, 2013, posição 2761.

<sup>208</sup> DORNELES, (Ed.). 2013, v. 4, p. 960.

<sup>209</sup> Misantropia, aversão à sociedade, aos homens, e Tibério sofria exatamente disso. Portanto, ele era um “misantropo”, um antissocial e solitário.

<sup>210</sup> “Jerônimo pensava que o capítulo tinha um novo ponto-de-partida no versículo 21, sendo que deste ponto em diante ele via o que considerava como sendo referências ao Anticristo. Hipólito e Teodócio fizeram do v. 36 o ponto de virada, enquanto Crisóstomo aplicava todo o capítulo ao Anticristo. O método de Jerônimo tem tido muita influência”. BALDWIN, 1991, p. 211.

<sup>211</sup> FEYERABEND, 2004, p. 196.

O versículo 22 menciona que o “príncipe da aliança” seria quebrantado diante do governante referido aqui. Quanto ao príncipe aqui mencionado “alguns tem sugerido que se refere a Ptolomeu Filometor, enquanto outros creem que se refere a morte de Onias III, o sumo sacerdote assassinado no ano de 171 a.C.”<sup>212</sup> ou 172 a.C., conforme Walvoord<sup>213</sup>. E foi no reinado de Tibério que o príncipe da aliança foi quebrantado. No seu reinado o Príncipe Ungido (o Messias), que faria aliança com muitos por uma semana (Dn 9.25-27), foi crucificado, como assim havia sido profetizado. A expressão “príncipe da aliança”, parece ter conexão com Daniel 9.24-27. O profeta Daniel em outras partes do seu livro usa o termo “sar” para “príncipe”. Entretanto, em 11.22 a palavra usada é “*nagîd*”. E este mesmo termo é empregado em Daniel 9.24-27.

*Nagîd* está em contraste com a palavra *sar*, traduzida como “príncipe” 11 vezes em outra parte de Daniel. Seis vezes *sar* se refere a seres humanos individuais como príncipes (9.6, 8; 10.13, 20 [duas vezes], e 11.5). *Sar* é usado cinco vezes para personagens celestiais ou sobre-humanas em Daniel (8.11, 25; 10.13, 21; 12.1). Por outro lado, *nagîd* ocorre apenas três vezes em Daniel: uma em 11.22 e duas na profecia de 9.24-27.<sup>214</sup>

De algum modo as profecias devem ter uma conexão neste ponto. Mas, esta análise ficará para o capítulo seguinte. Na profecia do capítulo 9.24-27 o termo *nagîd* está relacionado com o Messias (v. 25), e depois, aparece no versículo 26, aqui referindo-se ao príncipe “que há de vir”. Assim, nessa profecia *nagîd* se refere a mesma pessoa, o Messias. Portanto, conclui-se que o *nagîd* é referência a Cristo encarnado.

É como este *nagîd* terrestre que Ele deveria ser ungido como o Messias, ser cortado ou quebrantado, fazer expiação pelo pecado, trazer justiça eterna, dar um fim ao significado do sistema sacrificial e fazer uma firme aliança com seu povo terrestre por uma semana profética.<sup>215</sup>

No versículo 22 surge outro termo que também aparece em Daniel 9.26-27. Desta vez a palavra (heb.) é *Berît*, “aliança”. Além destas duas passagens também ocorre em outras partes do livro de Daniel<sup>216</sup>. O termo não é exclusivo destas duas

<sup>212</sup> CARBALLOSA, 1999, posição 2768; E para justificar sua posição Carballosa menciona em seu comentário desse versículo (o 22), que a palavra “pacto” ou “aliança” empregada nesta frase não é *berît*, mas o verbo *hâbar*, que significa “associar-se” ou “unir-se” a alguém. Ao que se percebe a palavra hebraica não é o verbo *hâbar*, senão *berît*. Carballosa parece cometer um erro grosseiro.

<sup>213</sup> WALVOORD, 2012, posição 6231.

<sup>214</sup> SHEA, 2007, p. 52.

<sup>215</sup> SHEA, 2007, p. 52-53.

<sup>216</sup> Daniel 9.4, 27; 11.28, 30 (duas vezes), e 32.

passagens, mas, em conexão com *nagîd* “príncipe” só ocorre aqui. Sendo que em 9.26-27 o *nagîd* deveria estabelecer firme aliança por uma semana, e em Daniel 11.22 temos o *nagîd* da aliança. Portanto, a frase “*nagîd berîṭ*” (תַּרְבִּי דַיְחִי)<sup>217</sup> é exclusiva de Daniel 11.22. Desse modo, “príncipe” e “aliança” conecta a profecia do capítulo 9 a do capítulo 11. E tanto historicistas quanto futuristas admitem o Ungido Príncipe mencionado em 9.25 como sendo Jesus. Se Jesus é identificado como o Ungido (Messias) Príncipe de Daniel 9.24-27, é o mesmo que assegurar que chegamos a este período na profecia, ao tempo de Jesus. Chegamos ao cumprimento dessa profecia. E daí, pode-se dizer que esse ponto de Daniel 11, cronologicamente é o primeiro século d.C. Então, a profecia do capítulo 11 alcançou o tempo de Jesus, e se cronologicamente a profecia coloca esse evento nos dias de Jesus, não fará nenhum sentido colocar o restante dos eventos proféticos nos dias de Antíoco Epifânio, no segundo século a.C.

## 2.4 Daniel 11.23-30

Diante do exposto, a profecia situa o leitor cronologicamente no período de Roma Imperial, no primeiro século d.C. Então, a partir do versículo 23 o anjo apresenta ao profeta Daniel a dimensão desse poder romano, pois seus ataques se tornam mais atrevidos e blasfemos. Aqui há “detalhes de uma nova perspectiva da panorâmica profética, a união de Igreja e Estado, a qual não era tão evidente nas visões anteriores”<sup>218</sup>. Da morte de Jesus, se assim é a compreensão do versículo 22, há um longo silêncio até a descrição dos eventos do versículo 23, a segunda fase de Roma, a Roma medieval, sob a forma de governo civil-religioso.

Os versículos 23 a 30 tratam das atividades da segunda fase de Roma, a Roma papal, que assume o papel do “rei do Norte”, nestes versículos. Shea assegura que os versículos 23 a 39 apresentam as atividades desse novo rei do Norte, não necessariamente em ordem cronológica, mas em ordem temática: “(1) versículos 23 a 30 efetivas campanhas militares; (2) versículo 30, subversão do

<sup>217</sup> O termo *nagîd*, por si só, ocorre 25 vezes no AT e significa “príncipe” ou “líder”. Enquanto que o *berîṭ* que significa “aliança” ou “pacto”, ocorre 135 vezes no AT. Para maiores detalhes ver: NÚÑEZ, Samuel. *Las profecias apocalípticas de Daniel: la verdad acerca del futuro de la humanidad*. México: Datacolor, 2006, v. 2. p. 132-133.

<sup>218</sup> MORA, 2012, p. 111-112.

sistema de salvação; (3) versículos 32 a 34, perseguição; e (4) versículos 35 a 39, auto-exaltação”<sup>219</sup>.

Diante desse quadro, Daniel 11 é um paralelo do que encontramos em Daniel 7 e 8. Se esta compreensão é correta, se pode assumir que Daniel 11.23-30 apresenta as atividades da segunda fase de Roma, a Roma papal, e assim, o rei do Norte nestes versículos é uma referência a esse poder – Roma papal.

Em Daniel 11.23-30 menciona outro tipo de campanha militar. Estas campanhas foram conduzidas pela Igreja, ou seja, pelo poder papal, aqui referido como rei do Norte. Tais atividades podem se parecer com as realizadas por Roma em sua fase imperial<sup>220</sup>. Mas, não foi no início de seu crescimento, senão, quando Roma já havia se firmado em sua fase religiosa ou papal<sup>221</sup>. Michaud descreve esse movimento nas seguintes palavras: “o exército cristão apresentava a imagem de uma república em armas”<sup>222</sup>. A Igreja de Roma como representante do cristianismo lançava mão das armas para conquistar o domínio dos lugares de peregrinação dos cristãos, organizando os peregrinos em exército. O seu empenho por essa causa foi muito grande, acerca disso é dito:

Essa formidável república onde todos os bens pareciam ser comuns, só reconhecia a honra por lei, e único liame, a religião. O zelo era tão grande que os chefes faziam o serviço dos soldados e estes jamais faltavam à disciplina. Os padres percorriam sem cessar as fileiras para lembrar aos cruzados as máximas da moral evangélica. [...] Aquela santa milícia, diz um cronista, era a imagem da Igreja de Deus [...]”<sup>223</sup>.

As campanhas militares conduzidas pelo poder papal, que ficaram conhecidas como Cruzadas<sup>224</sup>, parecem se encaixar muito bem no relato profético. Estas foram empreendidas entre o fim do século XI até próximo do fim do século

<sup>219</sup> SHEA, 2010, p. 250.

<sup>220</sup> Campanhas realizadas por Pompeu e Júlio César.

<sup>221</sup> Historicamente Roma como império mundial pode ser vista em duas fases: Roma imperial e Roma papal ou eclesiástica. A fase imperial corresponde ao período dos césares, enquanto a papal é a fase em que a Igreja e Estado representavam o mesmo poder. Nessa fase o sumo pontífice da Igreja também era o governante civil. Ou seja, a Igreja assumia as questões eclesiásticas e civis, nos territórios dominados.

<sup>222</sup> MICHAUD, J. F. *História das cruzadas*. São Paulo: Editora das Américas, 1956, v. 1, p. 192.

<sup>223</sup> MICHAUD, 1956, v. 1, p. 192-193.

<sup>224</sup> O termo “Cruzada” não é conhecido no período das batalhas. Os termos empregados eram: “Guerra Santa”, “Peregrinação”, para referir-se ao movimento conduzido pela Igreja de Roma, que representava o cristianismo, de um lado, contra a intolerância dos turcos Seldjúcidas do outro, que representavam o Islamismo (Mulçumanos), que não mais permitiam a visitação dos lugares sagrados do cristianismo.

XIII<sup>225</sup>, com a finalidade de recuperar os lugares sagrados para o cristianismo, que se encontravam em poder dos turcos seldjúcidas, os quais haviam se convertido ao Islamismo<sup>226</sup>.

O último combate da primeira Cruzada envolveu forças do Egito, e a última batalha da última Cruzada resultou em fracassada incursão ao Egito<sup>227</sup>. Portanto, esse quadro corresponde ao relato de Daniel 11.23-30. Como propõe Shea,

As forças do rei do Norte fizeram suas conquistas primeiro, e depois as forças do rei do Sul entraram em cena. Isso é exatamente o que sucedeu durante a primeira Cruzada no século undécimo d.C. Depois, a última Cruzada envolveu uma invasão real ao Egito por mar, mas as forças do Norte foram derrotadas.<sup>228</sup>

E é isto que diz os versículos 29 e 30. Assim, Roma em sua forma de governo civil-religioso ou papal assume o título de rei do Norte.

Mesmo diante das diversas interpretações desses versículos há mais coerência de que seu cumprimento ocorreu nas Cruzadas, conduzidas por Roma eclesiástica ou papal. Pois, a igreja de Roma comandava os exércitos de peregrinos em busca de assumir o controle dos lugares santos na Palestina. Os versículos 29 e 30 mencionam outra campanha do rei do Norte contra o rei do Sul. Conforme as informações do capítulo 11 fornecidas até esse ponto, o Sul é representado pelo Egito. Então, a campanha é contra o Egito. E na primeira batalha da primeira Cruzada os egípcios saíram para combater os cruzados na Palestina (11.25b), mas na última Cruzada ocorreu uma invasão ao Egito, via marítima. E esta é a descrição dos versículos 29 e 30. As versões modernas da Bíblia como a Nova Versão Internacional (NVI) diz: “navios das regiões da costa ocidental”. De igual modo, tem-se a Nova Bíblia Viva (NBV). E a semelhança da King James Version (KJV), a Almeida Revista Atualizada (ARA), assim como, a Almeida Revista e Corrigida

---

<sup>225</sup> As cruzadas duraram quase dois séculos. A primeira ocorreu em 1096 e a última em 1270. Entretanto, há quem considere uma nona cruzada (1271), quando as tropas inglesas foram para Túnis em socorro do rei francês Louis XI, principal líder da oitava cruzada, mas, não chegou a tempo de socorrê-lo. E ainda uma outra, denominada cruzada do Norte (1193), levantada pelos reis católicos da Dinamarca e Escócia contra os povos pagãos da Europa Setentrional que se localizavam próximos das costas sul e leste do mar báltico.

<sup>226</sup> Esses conversos, os turcos mulçumanos eram bastante intolerantes e proibiram o acesso dos cristãos a Jerusalém, Jericó, Nazaré e outros lugares onde a peregrinação dos europeus ocorria grandemente.

<sup>227</sup> SHEA, 2010, p. 251.

<sup>228</sup> SHEA, 2010, p. 251.



(ARC), dizem no versículo 30 que “virão contra ele navios de Quitim”<sup>229</sup>, ou seja, que vão “contra” o rei do Norte. Mas, a preposição no texto hebraico de Daniel não é esta. Quando o hebraico quer dizer que um exército vai contra<sup>230</sup> outro, ou alguém vai contra outro, ele usa a preposição ‘al (ל [L]), conforme esclarecido acima. No entanto, o texto aqui usa *bet* (ב), o que significa, “com”, “por”, “em”<sup>231</sup>. Desse modo, os navios de Quitim<sup>232</sup>, ou os das ilhas ocidentais, não vieram contra o rei do Norte; mas, eles vieram “com” esse rei. Esta foi a “forma em que a última cruzada tentou invadir o Egito”<sup>233</sup>.

## 2.5 Daniel 11.31-39

Para muitos comentaristas futuristas e até mesmo preteristas consideram os acontecimentos descritos nesta seção, principalmente, nos versículos 32 a 35, como tendo sido a revolta dos judeus sob o comando dos irmãos Macabeus contra Antíoco IV Epifânio, em 167 a.C.<sup>234</sup>, e a expressão “tempo do fim”, no final do versículo 35, como uma referência ao término do “poder gentílico”<sup>235</sup>. Entretanto, Walvoord considera “a referência ao ‘tempo do fim’, mencionada no restante da profecia, que começa com o versículo 36, não dizia respeito ao desfecho histórico do reino de Antíoco IV Epifânio”<sup>236</sup>. E Lewis O. Anderson afirma que:

<sup>229</sup> O termo Quitim tem origem e significado ignorados. Na Bíblia encontramos esse nome pela primeira vez em Gn 10.4 e 5 numa referência aos filhos de Javã e entre eles, um é denominado Quitim. E eles repartiram as ilhas das nações. Baldwin assegura que “Quitim é um nome antigo para Chipre (Is 23.1), mais tarde empregado de modo geral para as ilhas de terras do litoral a oeste da Palestina”. Para maiores detalhes ver: BALDWIN, 1991, p. 206 e 212.

<sup>230</sup> Essa preposição equivale as preposições hebraicas ‘al e ‘el. No aramaico não existe a preposição ‘el, (para). Possivelmente, isso tenha contribuído para a confusão em alguns textos do hebraico bíblico entre ‘al e ‘el. E o uso alternado no hebraico pode ser em virtude de preferência do copista ou pode ser tendência natural da língua. Ver: HARRIS, R. Laird. (Org.). *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 67 e p. 1720-1721.

<sup>231</sup> KELLEY, Page H. *Hebraico bíblico: uma gramática introdutória*. 9. ed. amp. São Leopoldo: Sinodal, 2013. p. 52; SCHÖKEL, Luís Alonso. *Dicionário bíblico hebraico-português*. São Paulo: Paulus, 1997. p. 85 e p. 493-495.

<sup>232</sup> Para Bruce, a referência é aos Romanos. Ver: BRUCE, F. F. *Biblical in the Qumran texts*. London: The Tyndale Press, 1960, p. 71; de igual modo, Walvoord crer que “os navios de Quitim” é uma referência da representação simbólica do poder romano que veio do Oeste de seu reino. Para maiores detalhes ver: WALVOORD, 2012, posição 6272-6280.

<sup>233</sup> SHEA, (c1996), v. 2, p. 201.

<sup>234</sup> GILBERTO, (c1984), p. 70; IRONSIDE, 2008, p. 171-172; CARBALLOSA, 2013, posição 2793-2816; WHITCOMB, 1985, posição 2780-2787.

<sup>235</sup> GILBERTO, (c1984), p. 70.

<sup>236</sup> WALVOORD, *Todas as profecias da Bíblia*. São Paulo: Vida, 2002. p. 236.

Pelo mencionado em 11.35, “esta expressão (*‘et qes*) indica o tempo do fim escatológico. O tempo do fim é, por conseguinte, uma frase referente a um período definido dentro do qual certos eventos estão por ser consumados, conduzindo ao fim, e não é um sinônimo do fim do tempo.”<sup>237</sup>

Mas, a proposta da escola futurista, bem como, da preterista é que o poder em ação aqui descrito seja Antíoco IV Epifânio, em sua perseguição aos judeus e seu templo na Palestina. O versículo 31 deixa claro o tipo de atividades que seriam empreendidas contra o Messias e seu santuário. Esse rei do Norte, procede de maneira semelhante ao chifre pequeno de Daniel 8, se levanta contra o Messias. As ações abomináveis são contra o santuário e o contínuo, i.e., contra a intercessão do Messias em favor da salvação do pecador. Aqui é enfatizado o estabelecimento de exército especial – a cúria romana<sup>238</sup>.

Para, Kenneth Cox os versículos 31 a 35 enfatizam “o poder papal no controle”<sup>239</sup>, isto, após ter derrotado seu último inimigo – os ostrogodos. Cox justifica: “o anjo Gabriel leva-nos a partir do colapso de Roma pagã à ascensão de Roma papal”<sup>240</sup>. Shea, nega que nem a perseguição aqui descrita (vv. 32-34), tampouco, a profanação do templo mencionada no versículo 31, podem ser vistas como atividades desenvolvidas por Antíoco IV Epifânio no século II a.C., mas, considera ambas ocorrendo na “fase distintamente religiosa da obra desse poder romano, isto é, no período medieval”<sup>241</sup>.

O versículo 31 apresenta três atividades empreendidas por esse poder, ou seja, das forças que dele sairão. Estas atividades são: (1) “profanarão o santuário”; (2) “tirarão o sacrifício diário”; e (3) estabelecerão abominação desoladora. Tais atividades tem paralelo com as atividades conduzidas pelo chifre pequeno de Daniel 8, mas, essa análise comparativa de Daniel 8 e 11 será discutida no capítulo

<sup>237</sup> ANDERSON, Lewis O. 1995 Apud MORA, 2012, p. 172. A expressão “tempo do fim” ocorre 5 vezes no livro de Daniel (8.17; 11.35, 40; 12.4, 9).

<sup>238</sup> ALOMIA, Merling. *Daniel: el profeta mesiánico*. 2. ed. Peru: Universidad Peruana Unión, 2008. v. 2. p. 425-426,

<sup>239</sup> COX, 2013, posição 2829.

<sup>240</sup> COX, 2013, posição 2829. Entende-se por Roma pagã, Roma em sua forma de governo Imperial – governo civil, tal governo tinha o paganismo como religião, e Roma papal, quando nesta, o papa exercia simultaneamente o governo civil e religioso. “Roma papal” é uma referência a Roma cristianizada. Esta ditava ao povo o que deveria seguir e como fazê-lo.

<sup>241</sup> SHEA, 2007, p. 55.

seguinte. É possível dizer que esse rei do Norte equivale ao chifre pequeno mencionado em Daniel 7 e 8<sup>242</sup>.

O texto hebraico de Daniel 11.31 contém quatro verbos que nos oferecem a dimensão das atividades desse poder. Eis o texto:

Texto Hebraico	Texto Traduzido
<p>וַיִּשְׁלַח אֱלֹהֵי מִצְרָיִם וְדָבַר מִן הַשָּׁמַיִם וַיִּבְרָא אֶת הַיָּם          וַיִּמְדֵם וַיִּבְרָא אֶת הַיָּם וַיִּמְדֵם וַיִּבְרָא אֶת הַיָּם          וַיִּמְדֵם וַיִּבְרָא אֶת הַיָּם וַיִּמְדֵם וַיִּבְרָא אֶת הַיָּם</p>	<p>Dele sairão forças que profanarão o santuário, a fortaleza nossa, e tirarão o sacrifício diário, estabelecendo a abominação desoladora.</p>

O primeiro verbo *dm;*<sup>1</sup> (*amad*) “levantar-se”, “erguer-se”, “plantar-se”, “alçar-se”, “afirmar-se”<sup>243</sup>, “tomar posição”, “atribuir”<sup>244</sup>, “colocar”, “firmar”, “estabelecer”. É um verbo muito amplo, mas, o sentido básico significa “levantar-se”, também pode indicar “alçar armas”, “resistir” a alguém, “enfrentar” alguém, que pode significar adversário. Em Daniel 11.31 o verbo enfatiza o estabelecimento de um exército especial, com objetivo de atingir o santuário celestial. O segundo *lhx* (*hala*) “profanar”, “contaminar”, “violar”, “poluir”, “contaminar”, “violar a santidade”<sup>245</sup>. O verbo em sua forma Piel está vinculado ao santuário (Lv 21.12), ao fazer uso profano<sup>246</sup>. E no AT o conceito de “profano”, geralmente assume apenas “um significado moral: ofender, insultar (especialmente quando o objeto é o nome de Javé, seu santuário, suas coisas santas, ou Sábado e as festas)”<sup>247</sup>. O terceiro verbo *ms* (*sur*) “remover”, “tirar”<sup>248</sup>, “retirar”, “abolir”, “eliminar”, “revogar”<sup>249</sup>, ou ainda,

<sup>242</sup> Partindo do entendimento que as profecias apocalípticas de Daniel são caracterizadas de esclarecimento e ampliação, ou seja, a seguinte explica e amplia a anterior, a última profecia (Dn 10-12), é uma explicação e ampliação da profecia do capítulo 8.

<sup>243</sup> SCHÖKEL, 1997, p. 503-504.

<sup>244</sup> VANGEMEREN, Willem A. (Org.). *Novo dicionário internacional de teologia e exegese do Antigo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, v. 3. p. 431. O verbo *dm;*<sup>1</sup> (*md*) em todo AT é encontrado 525 vezes.

<sup>245</sup> VANGEMEREN, (Org.). 2011, v. 2, p. 142; SCHWANTES, *Pequeno dicionário hebraico-português do Velho Testamento*. São Paulo: Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia, 1983. p. 38.

<sup>246</sup> SCHÖKEL, 1997, p. 224; KIRST, 2014, p. 69.

<sup>247</sup> VANGEMEREN, 2011, v. 2, p.143. O conceito de profano em geral, bem como, a raiz *lhx* (*hl*) significa fazer algo impuro, ou aponta a falta de santidade. O verbo é empregado 134 vezes no AT; em 75 vezes apresenta o significado de “profanar”.

<sup>248</sup> SCHWANTES, 1983, p. 89.

<sup>249</sup> SCHÖKEL, 1997, p. 464; KIRST, 2014, p. 166.

“desviar-se do curso”<sup>250</sup>. Neste versículo (31), indica de maneira direta a ação do rei do Norte ao remover, abolir ou desviar do curso natural o “contínuo” (*tamid*) do santuário, em consequências de suas abominações que substitui a obra intercessora do Messias<sup>251</sup>. O quarto, !tn<sup>252</sup> (*natan*) “estabelecer”, mas, o sentido básico é “dar”, “entregar”, “repartir”<sup>252</sup> ou mesmo “fixar”, “colocar”, “pôr”<sup>253</sup> que apresenta os resultados das ações do chifre pequeno (Dn 7 e 8) ou rei do Norte (Dn 11.30-39).

A intercessão de Jesus Cristo é tirada, e anulado seu sacrifício na cruz, e em seu lugar é colocada a “abominação desoladora”. O versículo 31 deixa muito claro as ações desse rei do Norte. Enfim, esse rei do Norte é visto em Roma papal, bem como, em suas,

[...] ações realizadas pelo papado mudando a verdade do evangelho bíblico, trocando a maneira de salvação, pondo um sacerdócio fora de Cristo, levantando-se como Pontífice da humanidade e cabeça da igreja, substituindo a única intercessão de Cristo pela a de Maria [...]<sup>254</sup>.

A venda de indulgências, a veneração as relíquias dos “santos”, os “bons cristãos” eram canonizados e a igreja tendo autoridade para mudar o que a Bíblia ensinava fazia desse poder (rei do Norte – Roma papal) a última palavra e não a Escritura Sagrada<sup>255</sup>.

O ministério de Jesus Cristo no santuário celestial como nosso Sumo Sacerdote é seguramente uma verdade lançada por terra pelas atividades de Roma em sua fase papal ou religiosa. A profecia de Daniel 8 já assegurava “[...] e deitou a verdade por terra; e o que fez prosperou” (v. 12).

Os versículos 36 a 39 formam a parte final dessa seção do capítulo 11 e enfatizam a atividade do rei do Norte. No versículo 36 se pode perceber o domínio e autoridade exaltada<sup>256</sup> de Roma papal: “Este rei fará segundo a sua vontade, e se levantará, e se engrandecerá sobre todo deus; contra o Deus dos deuses falará

<sup>250</sup> VANGEMEREN, (Org.). 2011, v. 3, p. 240. Também, o termo pode indicar um substantivo, se for o caso, indica “infiel”, “desleal”, “feito apóstata”. VANGEMEREN, (Org.). 2011, v. 3, p. 241.

<sup>251</sup> ALOMIA, 2008, p. 426-427.

<sup>252</sup> ALOMIA, 2008, p. 425-426, inclusive ver n. r. 259 a 262, nessas respectivas páginas.

<sup>253</sup> VANGEMEREN, 2011, v. 3, p. 207; SCHWANTES, 1983, p. 87. A raiz do verbo !tn (*ntn*), ocorre cerca de 2.010 vezes no AT.

<sup>254</sup> ALOMIA, 2008, p. 427-428.

<sup>255</sup> É nesse contexto que se levanta Martinho Lutero e fixa na porta da catedral Wittenberg na Saxônia as noventa e cinco teses da justificação pela fé. E a partir desse movimento, apoiando príncipes fez-se ecoar o grito de guerra “*sola fide*” e “*sola scriptura*”. Para Lutero a abominação desoladora de Daniel 11 era o papado e suas doutrinas e práticas.

<sup>256</sup> SHEA, 2010, p. 259.

coisas incríveis e será próspero [...]”. O rei que se levantaria engrandecendo-se “sobre todo deus”, não foi Antíoco IV, mas o sistema religioso medieval.

Não que algum papa tenha alguma vez pretendido isto. Nenhum papa pretendeu colocar-se acima de Deus. Mas quando os papas pretenderam assumir o direito de matar as pessoas que Deus amava e de modificar os Dez Mandamentos que Deus outorgou no Monte Sinai, não é verdade que eles se exaltaram acima de Deus [...]?<sup>257</sup>

Obviamente, esse poder eclesiástico ao praticar tais atrocidades, no mínimo, se colocava no lugar de Deus, pois, somente o doador da vida pode tirá-la. Portanto, o poder que se levantaria e engrandecendo “sobre todo deus” (v. 36), foi o poder religioso medieval, exercido pela igreja, na pessoa de seu líder, o papa<sup>258</sup>, que tinha nas mãos o poder civil e religioso.

## 2.6 Daniel 11.40-45

Esta seção tem sido a mais difícil tarefa para os intérpretes das profecias apocalípticas. A última parte de Daniel 11 aponta para eventos que ainda não tiveram cumprimentos. Ainda estão no futuro, quando acontecimentos relativos ao caráter e as atividades do chifre pequeno em seu ataque final ao povo de Deus, terão seu cumprimento na história. E assim “chegamos a um ponto da história muito distante dos selêucidas da Síria e dos Ptolomeus do Egito”<sup>259</sup>. Pois, depois deles veio o império romano, como já foi apresentado o seu surgimento.

Para Lieth, Daniel 11.40 é a descrição da “última fase dos tempos finais. São descritas de forma compacta as últimas e mais terríveis guerras que flagelarão a humanidade nessa época. Algo assim nunca visto em nosso mundo”<sup>260</sup>. A frase “o tempo do fim”<sup>261</sup>, no versículo 40, merece atenção. Esta sentença, para os defensores do preterismo “se aplica ao fim do reinado de Antíoco”<sup>262</sup>. Já os futuristas consideram como sendo o tempo do aparecimento do anticristo<sup>263</sup>, ou seja, a última

<sup>257</sup> MAXWELL, 1996, p. 311.

<sup>258</sup> Quando os líderes religiosos medievais (papado) formavam seus exércitos para alcançar seus interesses políticos, como o papa Júlio II (que se denominou Júlio César II), não estavam depositando sua confiança no “deus das fortalezas”?

<sup>259</sup> SHEA, 2010, p. 261.

<sup>260</sup> LIETH, 2004, p. 206.

<sup>261</sup> O versículo 35 introduz esse “tempo do fim”, confirmando o que foi anunciado no versículo, 27 nos seguintes termos “porque o fim virá no tempo determinado”.

<sup>262</sup> BALDWIN, 1991, p. 214; PACE, 2008, p. 316-317.

<sup>263</sup> IRONSIDE, 2008, p. 178; GILBERTO, (c1984), p. 70-71; LIETH, 2004, p. 206-207. Também, Jerônimo crer que os últimos versículos do capítulo 11 tratam do anticristo. Ver: ARCHER,

metade dos últimos sete anos dos 490 da profecia de Daniel 9.24-27<sup>264</sup>. Walvoord é do parecer que Antíoco Epifânio “não cumpriu qualquer dos acontecimentos preditos na parte final do capítulo 11, a partir do versículo 36”<sup>265</sup>, antes da segunda vinda de Jesus. E para os historicistas, “o tempo do fim” é um segmento da história no qual certos eventos ocorrerão, i.e., “o ‘fim do tempo’ é um ponto no tempo; é o final da história humana”<sup>266</sup>.

E quem é o anticristo? Aqui surge algumas sugestões a cerca dessa figura, como estas: (1) o anticristo é um “judeu que vive na terra da Palestina tendo sua sede em Jerusalém, e que será reconhecido pela nação de Israel como o seu Messias”<sup>267</sup>; (2) é o último rei (antes da volta de Jesus), “um judeu apóstata, possivelmente não um governante mundial, mas um líder que surge na Palestina e coopera com o último poder gentílico”<sup>268</sup>; (3) não é o “rei do Sul” e nem o “rei do Norte”. Mas, “Será o rei de Israel, o supremo regente do mundo, oriundo da esfera de poder do Império Romano e que fez um pacto de sete anos com Israel”<sup>269</sup>; (4) há também, entre os futuristas quem afirma que o anticristo é “um bloco de nações situadas ao extremo norte de Israel, encabeçadas pela Rússia, e chamadas, na profecia, de Gogue e Magogue (Ez 38.15)”<sup>270</sup>. Parece não haver uma sincronia sobre quem é esse último poder de Daniel 11.40-45. As propostas acima são sugeridas por simpatizantes do futurismo. A primeira delas aponta para um judeu, e este aclamado como o Messias. Já a segunda indica ser um judeu, líder na Palestina que trabalha em cooperação com o poder gentílico. Embora seja pequena a diferença entre (1) e (2), mas, na primeira é um judeu reconhecido por Israel, enquanto na outra é apostatado, ou que abandonou a causa israelita e tornou-se gentio. E se as propostas (1) e (2) admitia ser um governante local (na Palestina), a proposta (3) por sua vez, admite ser esse último poder – o anticristo, um líder

---

(Transl.). 2009, p. 139-143. E por anticristo entende-se aquele que age no lugar de Cristo, se comporta como tal e exige para si a glória de Cristo, ou seja, torna-se um “falso Cristo”, mas este é contrário aos ensinamentos de Cristo e seu povo.

<sup>264</sup> Parte desses 490 anos ou 70 semanas já cumpriram, resta apenas uma semana ou 7 anos que terá seu cumprimento no futuro, no tempo do anticristo, isto, segundo o futurismo.

<sup>265</sup> WALVOORD, 2002, p. 237. Outro que endossa essa posição é Gilberto, “a expressão ‘rei do Norte’, no v. 40, prova que não se trata de Antíoco Epifânio [...]”. GILBERTO, (c1984), p. 70. (grifo do autor).

<sup>266</sup> SHEA, 2010, p. 261.

<sup>267</sup> IRONSIDE, 2008, p. 183. Este comentarista é incisivo, ele assegura: “julgo como evidência conclusiva que o anticristo é judeu de nascença, mas um judeu que apostatou do Deus de seus pais”. Ver: p. 185.

<sup>268</sup> WALVOORD, 2002, p. 237. Para Walvoord essa é a melhor interpretação.

<sup>269</sup> LIETH, 2004, p. 203-204.

<sup>270</sup> GILBERTO, (c1984), p. 71.

mundial. Porém, a proposta (4) vê o anticristo no formato de liga de nações, localizadas ao norte de Israel, tendo a Rússia no comando. Mas, o que é pertinente a todos esses pensamentos é que esse último poder travará uma batalha física. E conforme a maioria dos intérpretes futuristas “o anticristo, reconhecido mundialmente como líder político, militar e religioso, firmará um acordo de paz de sete anos com Israel.

Entretanto, desde os “pais da igreja” já havia alguns que criam que Simão, o mágico (de Atos 8), foi o Anticristo<sup>271</sup>. Muitos intérpretes católicos têm considerado Maomé, mas vários intérpretes protestantes, desde Lutero até o presente veem nessa profecia uma referência ao papado<sup>272</sup>. E grande número de intérpretes historicistas adotam esta posição. Mas, divergências interpretativas também, ocorrem no historicismo, se bem que, em número menor. No período da Reforma, essa profecia era considerada uma descrição do sistema papal. E homens como Lutero, Melanchton, Zuínglio entre outros, admitiam que o sistema papal era o anticristo da profecia de Daniel<sup>273</sup>.

Mas, o problema desta seção começa com a identidade do “rei do Sul” e do “rei Norte” (v. 40). Há comentaristas que interpretam o rei do Norte como sendo a Turquia e o rei do Sul, o Egito<sup>274</sup>. E a divergência de interpretação não fica apenas nisso. Também, já houve quem assumisse a posição de ser a Rússia o rei do Norte. Isto ocorreu por volta de 1840 a 1850, com Hiram Edson<sup>275</sup>.

Em cada corrente de interpretação vamos encontrar diferentes conclusões sobre a identificação deste último poder. Esse é um problema que tem ocupado a atenção dos exegetas das distintas correntes de interpretação, desde ingênuas, como essa que afirma: “a riqueza de testemunhos históricos que corroboram a

<sup>271</sup> IRONSIDE, 2008, p. 178.

<sup>272</sup> PFANDL, Gerhard. *Daniel: the seer of Babylon*. Hagerstown: Review and Herald Publishing Association, (c2004), p. 104, (tradução nossa); IRONSIDE, 2008, p. 178.

<sup>273</sup> Esta posição assumida pelos reformadores do século XVI, suscitou o movimento Contra Reforma encabeçado pela Igreja Católica Romana - pelo papado. E foi nessa ocasião que surgiu os métodos de interpretação das profecias bíblicas, como: Preterismo e Futurismo, tema já abordado no capítulo 1 desta pesquisa.

<sup>274</sup> SMITH. *Considerações sobre Daniel e Apocalipse*. 2. ed. Engenheiro Coelho: Atlântico, (c2014), p. 181-182. (Série: legado dos pioneiros Adventistas); MANSELL, Donald E. *Los adventistas y el armagedón*. Florida Oeste: ACES, 2009. p. 28-31, (tradução nossa). A posição assumida por Smith (cerca de 1880) em seus escritos influenciou muitos estudiosos de sua época e posteriores. Entretanto, ele teve que enfrentar a oposição de seu contemporâneo Tiago White, que não admitia a Turquia como o rei do Norte – último poder de Daniel 11, mas era favorável a ideia de ser o papado, seus ensinamentos e práticas.

<sup>275</sup> MANSELL, 2009, p. 17. Hiram Edson foi um militante do movimento milerita de 1840. Sua ideia não conquistou simpatizantes e pelo mês de setembro de 1850 ele abandonou-a.

identificação do personagem de Daniel 11 com Herodes o Grande é tão enorme que não somente inevitável esta interpretação, mas invalida as demais<sup>276</sup>. Outros comentaristas como: Jerônimo (340-420 d.C.), Teodoreto (393-466 d.C), Calvino (1509-1564 d.C.) e Lutero (1483-1546 d.C.) interpretaram essa profecia como sendo uma referência direta ao anticristo.

Embora existam alguns pontos de correspondência entre o personagem de Daniel 11:36-45 e alguns líderes do passado, tais como, Antíoco Epifânio, Herodes o Grande, Augusto César e outros, a verdade é que nenhum cumpre com exatidão a profecia descrita na mencionada passagem<sup>277</sup>.

Enfim, tanto amilenaristas como premilenaristas tendem a ver nessa passagem uma referência ao anticristo escatológico. Mas, a pergunta persiste, quem é o anticristo?

Evis Carballosa assume posição em favor de um bloco de nações ocidentais, que basicamente, formavam o antigo Império Romano, que se reorganizaram e juntaram para formar uma estrutura política similar ao que foi o Império Romano no passado<sup>278</sup>.

Os reformadores viam nas ações do papado medieval a conduta do anticristo. Se esse poder tem mudado as verdades da Bíblia, substituído a intercessão de Cristo pela a de Maria, não há dúvida que está contra Cristo, e não com Ele.

## 2.7 Resumindo

De modo geral, os estudiosos das três escolas de interpretação profética não divergem quando tratam dos treze primeiros versículos de Daniel 11. A profecia que começa no versículo 2, faz uma rápida apresentação dos principais governantes persas e depois introduz o reino da Grécia, dispondo mais espaço para relatar os confrontos do rei do Sul com o rei do Norte. Também, denominados de Ptolomeus e

<sup>276</sup> CARBALLOSA, 1999, posição 2821. Esse ponto de vista foi promovido por Philip Mauro, teólogo amilenarista. Conforme Walvoord, essa interpretação caiu em desuso por não oferecer base exegética e histórica. Ver: WALVOORD, 2012, posição 6310-6393.

<sup>277</sup> CARBALLOSA, 1999, posição 2850.

<sup>278</sup> CARBALLOSA, 1999, posição 2946. Lieth é do mesmo parecer. Ver: LIETH, 2004, p. 207. Carballosa, ainda afirma que o “rei do Norte” (v. 40), será um segundo bloco de nações que fará oposição ao anticristo, esse bloco é denominado de confederação do Norte. E aqui ele confirma a tal confederação do Norte, citando a profecia de Ezequiel 38 e 39, tendo a Rússia como líder do bloco. Ainda menciona um terceiro bloco, encabeçado pelo rei Sul, o Egito.



Selêucidas, que eram as partes que permaneceram das quatro divisões do império de Alexandre, o Grande. Assim, a profecia tem cumprimento histórico.

Entretanto, a partir dos versículos 14 até o final do capítulo a variedade de interpretação é grande e até mesmo entre intérpretes da mesma escola. Grande parte dos futuristas compreendem que os eventos descritos do versículo 14 ao 35 tiveram lugar com Antíoco IV Epifânio, mas os preteristas creem que até o final do capítulo (v. 45) é referência a Antíoco Epifânio. Já os historicistas admitem Antíoco Epifânio, tão somente nos versículos 14 e 15, sendo ele o responsável pela introdução de Roma no Oriente Médio. E foi Roma que retirou Antíoco Epifânio de suas investidas na região sem uso de força, apenas uma mensagem diplomática o fez voltar para sua casa para nunca mais retornar.

A partir desse ponto (v. 14), o historicismo defende que os eventos descritos até o versículo 39, ocorreram no governo de Roma. Sendo que Roma teve duas fases de governo, a Roma imperial e a Roma papal. Esta escola enfatiza que os versículos 31 a 35 fazem uma descrição do controle de Roma sob o poder papal. Principalmente, o versículo 31 que enfatiza três ações, as quais caracterizam o poder de Roma papal: (1) profana o santuário; (2) remove o sacrifício diário; e (3) estabelece abominação desoladora. E o versículo 36 nos faz perceber a auto-exaltação desse poder. Antíoco não se engrandeceu “sobre todo deus”, tampouco, “fez sua vontade”. Entretanto, o poder religioso medieval sim.

As posições teológicas assumidas pelas as três escolas de interpretação profética divergem bastante uma da outra. Para uma melhor compreensão dessas divergências, e obter uma noção da dimensão delas, o capítulo seguinte realiza uma análise comparativa do capítulo 11 com os capítulos 7, 8 e 9 de Daniel.

### 3 ANÁLISE COMPARATIVA DA PROFECIA DO CAPÍTULO 11 DE DANIEL COM A DO CAPÍTULO 7, 8 E 9

Partindo-se do pressuposto que cada profecia seguinte do livro de Daniel amplia a anterior, a proposta aqui é verificar os paralelismos dos capítulos 7, 8 e 9 com o capítulo 11. Porém, antes de entrar no estudo comparativo desses capítulos é conveniente dizer que Daniel 2 consiste em um sonho de Nabucodonosor, nem por isso, deixa de ser profético, e neste sonho foi dada uma explicação completa sobre o seu significado. Daniel 7 por sua vez, apresenta uma visão profética e uma explicação completa, e, amplia a profecia do capítulo 2. Como propõe Carballosa, “a revelação de Deus é progressiva. Então, o capítulo 7 adiciona detalhes importantes à revelação dada anteriormente”<sup>279</sup>, no capítulo 2. Em Daniel 8 a visão ainda que tenha ampliado a compreensão da visão anterior (cap. 7), foi parcialmente explicada. Os acontecimentos referentes ao carneiro, o bode e o chifre pequeno foram muito bem detalhados. Entretanto, as 2.300 tardes e manhãs, referente a purificação do santuário, não foi esclarecida. Isto ocorre no capítulo 9, e este consiste tão somente da explicação do capítulo 8.

Desse modo, “as profecias de Daniel ligam-se umas às outras como se fossem partes de uma profecia geral feita em várias épocas. A primeira é a de mais fácil compreensão e cada uma das que se seguem adicionam algo novo às anteriores”<sup>280</sup>. Arthur J. Ferch conclui:

A maioria dos estudiosos reconhece que às visões no livro [de Daniel] são análogas entre si e aos capítulos posteriores, estendendo progressivamente os capítulos anteriores. Assim, o capítulo 2 é o menos complexo, enquanto as visões nos capítulos 7, 8-9, 10-12 aumentam em complexidade e detalhamento<sup>281</sup>.

E Joyce G. Baldwin denomina esse fenômeno de “paralelismo progressivo” e finaliza: “o hábil uso de um padrão literário e da progressão reafirma a unidade do

---

<sup>279</sup> CARBALLOSA, 1999, posição 1641.

<sup>280</sup> NEWTON, Isaac. *As profecias do Apocalipse e o livro de Daniel: as raízes do código da Bíblia*. Tradução de Carlos A. L. Salum e Ana Lucia da Rocha Franco. São Paulo: Pensamento, 2008. p. 32.

<sup>281</sup> FERCH, Arthur J. Autoria, teologia e propósito de Daniel. In: HOLBROOK, Frank B. (Ed.). *Estudos sobre Daniel: origem, unidade e relevância profética*. São Paulo: Unaspress, 2009. p. 33.

livro”<sup>282</sup>. Diante do exposto, futuristas e historicistas admitem o paralelismo progressivo no livro de Daniel.

### 3.1 Daniel 7 conforme o futurismo, preterismo e historicismo

O capítulo 7 de Daniel traz a visão do profeta, tendo animais como símbolos dos mesmos reinos simbolizados pelos quatro diferentes metais referidos no capítulo 2. Mas, em Daniel 7, não somente menciona os reinos representados por quatro diferentes animais (leão, urso, leopardo e o quarto sem correspondente no mundo animal), como também, amplia aquela visão. Esta ampliação consiste do “chifre pequeno” (v. 8), que surge por último entre os dez chifres, daquele animal e suas atividades empreendidas no seu auge.

Esse capítulo (7) de Daniel é considerado pelos intérpretes futuristas e historicistas como uma profecia apocalíptica, ou seja, apresenta os quatro impérios sucessivos simbolizados por quatro animais, alcançando o período do “chifre pequeno”. O futurismo interpreta esses animais do capítulo 7 como reinos, equivalentes aos do capítulo 2<sup>283</sup>. A mesma interpretação seguida pelo historicismo<sup>284</sup>. Mas, os intérpretes preteristas simpáticos ao liberalismo, tratam com desprezo e dirigem as mais severas críticas contra a credibilidade desse capítulo<sup>285</sup>. E com o crescimento da crítica liberal, também, tem crescido o entendimento que os “quatro impérios de Daniel 2 e 7 são a Babilônia, Média, Pérsia e Grécia”<sup>286</sup>, deixando fora o reino de Roma. Desse modo, os críticos liberais insistem afirmar que o quarto animal do capítulo 7 representa a Grécia ou o Império Greco-Macedônico, mas os intérpretes conservadores não concordam e identificam esse animal (o

<sup>282</sup> BALDWIN, 1991, p. 67.

<sup>283</sup> Em Daniel 2, os reinos representados pelos metais são: ouro = Babilônia, prata = Medo-Pérsia, bronze = Grécia e Ferro = Roma. E em Daniel 7, os reinos são simbolizados por quatro animais diferentes, são eles: Leão = babilônia, Urso = Medo-Pérsia, Leopardo = Grécia e o Animal terrível e espantoso = Roma. Ver: LIETH, 2004, p. 135; CARBALLOSA, 1999, posição 1624-1735; GILBERTO, (c1984), p. 42-45; IRONSIDE, 2008, p. 101-113; WALVOORD, 2012, posição 3218-3228; WHITCOMB, 1985, p. 91-92.

<sup>284</sup> DOUKHAN, 2011, p. 101-108; SHEA, 2010, p. 107-120; MAXWELL, 1996, p. 107-112; GOLDSTEIN, Clifford. *1844: uma explicação simples das principais profecias de Daniel*. 6. ed. Tradução de Regina Mota. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2003. p. 23-33.

<sup>285</sup> WALVOORD, 2012, posição 3335.

<sup>286</sup> WALVOORD, 2012, posição 3262.

quarto) com Roma<sup>287</sup>. E para estes a sequência seria: Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia e Roma.

Na perspectiva historicista, o capítulo 7 de Daniel trata do mesmo tema do capítulo 2, os reinos desde o tempo do profeta até a segunda vinda de Jesus. Em Daniel 7 tem-se a visão dos quatro animais selvagens. Estes representam os quatro grandes impérios: Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia e Roma. Correspondem as quatro partes da estátua do sonho de Nabucodonosor. Porém, o capítulo 7 amplia o capítulo 2, trazendo a revelação do chifre pequeno, que surge mirrado entre os dez chifres formosos, e derrota três deles tornando-se cruel e arrogante (vv. 8, 25).

Enfim, “Daniel 7 seria então uma sequência histórica completa cobrindo a grande extensão da história desde o tempo de Daniel até o reino de Deus no final da história”<sup>288</sup>.

### 3.2 Daniel 8 conforme o futurismo, preterismo e historicismo

Daniel 8 traz a visão do profeta acerca do carneiro e do bode. A interpretação futurista é unânime quanto os animais dos capítulos 7 e 8 representam reinos. E em Daniel 8, o carneiro corresponde ao império Medo-Persa e o bode ao Greco-Macedônico<sup>289</sup>. A interpretação preterista admite tão somente como um relato histórico passado. E a interpretação historicista vê no carneiro e no bode os reinos correspondentes ao urso e ao leopardo do capítulo 7.

Entretanto, o futurismo considera que o chifre pequeno de Daniel 8 não é o mesmo poder representado pelo chifre pequeno do capítulo 7, ou seja, eles representam dois poderes diferentes. Para esses intérpretes, o chifre pequeno em Daniel 7 é o anticristo escatológico e o chifre pequeno do capítulo 8 representa o rei Antíoco IV Epifânio<sup>290</sup> e suas ações militares<sup>291</sup> empreendidas contra o povo judeu. Conforme essa perspectiva, o primeiro (do cap. 7), é de origem romana, enquanto o

<sup>287</sup> Mas, essa posição assumida pela crítica liberal parte da negação da autenticidade do livro de Daniel. Não é uma profecia, mas, um relato histórico escrito no II século a.C. Por consequência, a identidade do quarto reino, o Império Romano, foi negada. E um antagonista cristão denominado Porfirio (séc. III d.C.), sugeriu a ideia de um pseudo Daniel escrito no segundo século a.C., mas, não tem acolhida dos cristãos, até a ascensão da moderna Alta Crítica, que busca fazer do livro de Daniel tão somente um relato histórico, e não uma profecia. Para maiores detalhes ver: WALVOORD, 2012, posição 3226-3235.

<sup>288</sup> PAULIEN, A hermenêutica da apocalíptica bíblica. In: REID, (Ed.). 2007, p. 260.

<sup>289</sup> CABARLLOSA, 1999, posição 1979 a 1993; WALVOORD, 2012, posição 3993; WHITCOMB, 1985, p. 109-110; IRONSIDE, 2007, p. 121-122.

<sup>290</sup> Quanto a esta posição, o futurismo identifica-se com o preterismo.

<sup>291</sup> WHITCOMB, 1985, p. 111; CARBALLOSA, 1999, posição 2006; IRONSIDE, 2007, p. 125-126.

segundo (do cap. 8), é de origem grega<sup>292</sup>. Para o futurismo, “Antíoco Epifânio, o ‘chifre pequeno’ de Daniel 8.9, é conhecido como o ‘Anticristo do Antigo Testamento’, tal a perseguição que infligira ao povo judeu no século II a.C., [...]”<sup>293</sup>.

Os preteristas argumentam que o conteúdo do livro de Daniel já ocorreu no passado, não tem qualquer valor para nós hoje. Então, asseguram que o chifre pequeno surgiu de uma das divisões do Império Grego. Porém, os intérpretes historicistas defendem que o chifre pequeno dos capítulos 7 e 8 é símbolo do mesmo poder, não havendo qualquer distinção ou diferenças entre um e o outro<sup>294</sup>. Para estes, o carneiro e o bode correspondem ao urso e ao leopardo, respectivamente, e o chifre pequeno do capítulo 8 não é um novo poder, mas, o mesmo do capítulo 7, e este “representa Roma em suas fases pagã e papal”<sup>295</sup>.

Isaac Newton Assegura:

O segundo e o terceiro impérios, representados pelo urso e pelo leopardo, [do cap. 7] são novamente representados pelo carneiro e pelo bode [do cap. 8], mas com uma diferença: o carneiro representa os reinos da Média e da Pérsia desde o começo dos quatro impérios e o bode representa o reino dos Gregos até o seu fim<sup>296</sup>.

Se o reino grego vai até o fim, Antíoco Epifânio foi tão somente o oitavo rei<sup>297</sup> da dinastia selêucida de vinte e quatro monarcas, de uma das quatro divisões do império de Alexandre. Diante disto, parece que a interpretação futurista abandona o paralelismo existente entre os capítulos 7 e 8, bem como, não considera alguns pormenores que é dito acerca do chifre pequeno.

<sup>292</sup> IRONSIDE, 2007, p. 125. O futurismo acredita que “desde a conquista romana, o bode com os quatro chifres aparentemente tem sido destruído. Mas assim como o Império Romano há de reviver nos últimos dias, aprendemos que também dois dos quatro chifres do domínio grego dividido reaparecerão no cenário profético no tempo da tribulação. E dentre um deles, surgirá o pequeno chifre – o mordaz inimigo dos judeus que tiveram regressado naquela época vindoura”. IRONSIDE, 2007, p. 125.

<sup>293</sup> GILBERTO, (c1984), p. 48, (grifo do autor). Para esta escola de interpretação, Antíoco prefigurava o futuro anticristo. Para maiores detalhes ver: IRONSIDE, 2007; WALVOORD, 2012, posição 3993; CARBALLOSA, 1999, posição 2010; WHITCOMB, 1985, p. 111-112; LIETH, 2004, p. 148.

<sup>294</sup> MAXWELL, 1996, p. 126-130, 157-161; GOLDSTEIN, 2003, p. 41-45; DOUKHAN, 2011, p. 123-128; SHEA. A Unidade de Daniel. In: HOLBROOK, Frank B. (Ed.). *Estudos sobre Daniel: origem, unidade e relevância profética*. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2009, v. 2. p. 148-154. NICHOL, 1987, p. 241-245 e 273-275; MOORE, Marvin. *El juicio investigador: su fundamento bíblico*. Flórida Oeste: ACES, 2011. p. 96, p. 122-125.

<sup>295</sup> SHEA, 2007, p. 28. Entende-se pela fase pagã, Roma no período imperial e papal o período que Roma foi comandada pela união da Igreja com o Estado, ou seja, o líder da Igreja (o papa) era também o chefe de Estado.

<sup>296</sup> NEWTON, 2008, p. 95.

<sup>297</sup> WHITCOMB, 1985, p. 111. E este autor, ainda relaciona “Antíoco Epifânio, o oitavo rei desta dinastia [Selêucida] (175-164 a.C.), [com] a pessoa desprezível de 11.21”. Ver p. 111-112. Também ver: SILVA, Severino P. da. *Armagedom: a batalha final*. Rio de Janeiro: CPAD, 2016. p. 60-62.

Existem paralelismos entre o chifre do capítulo 7 e o chifre do capítulo 8: (1) em ambos capítulos têm a mesma identificação: chifre (Dn 7.8, aram. *qeren*; Dn 8.9, heb. *qeren*); (2) ambos têm o adjetivo, “pequeno”, no seu começo (Dn 7.8, aram. *ze‘êrah* e Dn 8.9, heb. *se‘îrah*)<sup>298</sup>; (3) ambos se tornaram “grandes” (Dn 7.8, aram. *rab*; Dn 8.9-11, heb. *gada*); (4) são perseguidores, (Dn 7.21 e 25; 8.10 e 24); (5) ambos são blasfemos e auto-exaltados, (Dn 7.8, 20 e 25; 8.10, 11 e 25); (6) Tanto um quanto outro ataca o povo de Deus, (Dn 7.27, “povo dos santos”, aram. *‘am qadîisê*, Dn 8.24 heb. *‘am qedosîm*); (7) Ambos têm aspectos de suas atividades delineados por datas proféticas, (Dn 7.25; 8.13 e 14); (8) Ambos chegam ao tempo do fim, (Dn 7.25 e 26; 8.17 e 19); (9) a destruição de ambos ocorre de forma sobrenatural, (Dn 7.11 e 26; 8.25)<sup>299</sup>.

Provavelmente as traduções de Daniel 8.9 tenham contribuído para trazer dificuldade na compreensão do poder representado pelo chifre pequeno. A versão ARA expressa: “De um dos chifres saiu um chifre pequeno”. A NVI, diz: “De um deles saiu um pequeno chifre”. A Reina Valera de 1960 (RV60): “*Y del uno de ellos salió un cuerno pequeño*”, (lit. “E de um deles saiu um chifre pequeno”) E a KJV, expressa: “*And out of one of them came forth a little horn*”, (lit., “E de um deles saiu um chifre pequeno”). Como se percebe aqui, o verso 9 apresenta um problema de concordância. E por certo, o contexto linguístico hebraico oferece mais recurso que o de uma tradução inglesa ou mesmo portuguesa. Doukhan, diz: a expressão hebraica traduzida como “de um deles” (Dn 8.9), na realidade, deveríamos lê-la como “de uma [feminino] deles [masculino]”, que sugere uma conexão com a expressão anterior: “os quatro ventos [feminino ou masculino] do céu [masculino]”<sup>300</sup>. Se a palavra “deles” é masculina, isso aponta, gramaticalmente, que o antecedente é “ventos” (v. 8) e não “chifres”, uma vez que “ventos” pode ser tanto masculino como feminino, porém, “chifres”, apenas poder ser feminino<sup>301</sup>. Assim, o chifre

<sup>298</sup> Os termos usados na seção aramaica (cap. 7) e na seção hebraica (a partir do cap. 8) são cognatos. A diferença entre eles é uma simples mudança fonética do z ao s. Também, o termo hebraico “pequeno” (*se‘îrah*) empregado no capítulo 8 aparece 25 vezes no AT. Porém, o mais comum para “pequeno” é *qaton*, que aparece mais de 100 vezes no AT. Entretanto, Daniel emprega o menos comum pois ele está relacionado com a forma cognata empregada no aramaico do capítulo 7. Ver: SHEA, A Unidade de Daniel. In: HOLBROOK, (Ed.). 2009, p. 151.

<sup>299</sup> GOLDSTEIN, 2003, p. 42; DOUKHAN, 2011, p. 124-125; SHEA, A Unidade de Daniel. In: HOLBROOK, (Ed.). 2009, p. 150-151.

<sup>300</sup> DOUKHAN, 2011, p. 126.

<sup>301</sup> DORNELES, (Ed.). 2013, v. 4, p. 925-926.

pequeno como símbolo de Roma surgiu de um dos pontos cardeais. E não de um dos chifres<sup>302</sup>, que seria uma inconsistência.

No versículo 11 é mencionado que o chifre pequeno “tirou o sacrifício diário”, i.e., o sacrifício diário corresponde ao ministério no lugar santo, no primeiro compartimento do santuário. E Antíoco IV Epifânio aboliu todos os sacrifícios, e ao proceder assim, ele tirou mais que o “diário”. O sacrifício anual também foi abolido. A profecia menciona tão somente o sacrifício oferecido no primeiro compartimento, Antíoco foi além. Por isso, ele não pode ser o chifre pequeno.

Considerando ainda outras expressões do capítulo 8, é possível concluir se o chifre do capítulo 8 é Antíoco IV Epifânio ou Roma papal. Em Daniel 8.23 é dito que o poder representado pelo chifre pequeno se levantaria “no fim do seu reinado”, ou seja, no final dos quatro chifres que surgiram do império de Alexandre, o grande<sup>303</sup>. O chifre-reino representado pela dinastia selêucida que começou com Seleuco I (em 311 a.C.) chegando até Antíoco XII (em 65 a.C.), pode contar com mais de 20 reis e Antíoco Epifânio (175-164 a.C.) foi tão somente o oitavo. Portanto, Antíoco não surge “no fim do seu reinado”, (selêucida). Então, esse chifre pequeno se adequaria melhor a Roma. Pois, esta “destrói cada um desses chifres, começando com a Macedônia na primeira parte do segundo século a.C. e terminando com o Egito ptolomaico no final do primeiro século a.C.”<sup>304</sup>.

### 3.3 Daniel 9 conforme o futurismo, preterismo e historicismo

Para o futurismo a profecia de Daniel 9 é a segunda mais importante do livro de Daniel, pois, “revela o futuro da nação israelita, incluindo também o período da Igreja [...]”<sup>305</sup>. Para Lieth, “o capítulo 9 de Daniel aprofunda ainda mais a profecia”<sup>306</sup>. Qual profecia? Lieth não explica qual é a profecia. Mas, seguindo a perspectiva do paralelismo progressivo na profecia, seguramente é a que foi apresentada no capítulo 8, e que a explicação não foi dada por completa ao profeta, pois, este “adoeceu e ficou enfermo por alguns dias” (Dn 8.27). Então, a explicação agora é complementada no capítulo 9. Para Sir Edward Denny, um eminente estudioso das

<sup>302</sup> Na simbologia dos chifres não encontramos um chifre saindo de outro chifre, mas de um animal. Isto é sustentável.

<sup>303</sup> CARBALLOSA, 1999, posição 2059.

<sup>304</sup> SHEA, A Unidade de Daniel. In: HOLBROOK, (Ed.). 2009, p. 153.

<sup>305</sup> GILBERTO, (c1984), p. 53.

<sup>306</sup> LIETH, 2004, p. 166.

profecias bíblicas, do fim do século XVI, o capítulo 9 é “a coluna vertebral da profecia”<sup>307</sup>. E o historicismo o considera assim, pois, o tema do capítulo 9, ajuda a entender a parte da visão do capítulo 8, que não havia sido explicada. Desse modo, as duas (dos caps. 8 e 9) devem ser entendidas em mútua conexão. E Doukhan considera essa relação (1) em nível cronológico, uma vez que a profecia das setenta semanas estabelece o nexa que faltava à profecia das 2.300 tardes e manhãs: ponto inicial; (2) as duas profecias estão relacionadas e se complementam mutuamente em relação com sua verdade teológica.

Conforme os detalhes desta profecia, pontos de vista contrários são propostos: (1) os preteristas interpretam o período de tempo profético do capítulo 9 como iniciando no período neo-babilônico até o tempo de Antíoco IV Epifânio. Ou seja, esta é “uma questão totalmente do passado”<sup>308</sup>; (2) os historicistas veem o início dessa profecia no período persa e que se estende até o tempo de Roma no primeiro século d.C.<sup>309</sup>; (3) os futuristas, principalmente os teólogos premilenaristas como John F. Walvoord, considera as setenta semanas equivalente a um período de 490 anos literais. Sendo que as sessenta e nove dessas semanas tiveram cumprimento antes da morte de Jesus. E “entre a sexagésima nona e septuagésima semana há um intervalo de tempo no qual Deus está cumprindo seu propósito durante esta era presente”<sup>310</sup>. Portanto, a última semana terá cumprimento futuro, no fim dos tempos.

<sup>307</sup> IRONSIDE, 2008, p. 131.

<sup>308</sup> CARBALLOSA, 1999, posição 2222. E James Montgomery é um dos principais representantes dessa posição na escola racionalista. Edward J. Young considera que as setenta semanas tiveram seu cumprimento no passado. E divergindo dos demais milenaristas, argumenta que as setenta semanas cumpriram-se do seguinte modo: (1) as sete primeiras entre o tempo de Ciro (538 a.C.) e o tempo de Neemias (440 a.C.); (2) as sessenta e duas semanas seguintes se cumpriram entre o tempo de Neemias e o nascimento de Jesus; (3) a primeira metade da septuagésima entre o nascimento de Cristo e sua morte; (4) a segunda metade da septuagésima semana se cumpriu entre a morte de Cristo e destruição de Jerusalém pelos romanos no ano 70 d.C. Entretanto, C. F. Keil da mesma escola de Young, considera as setenta semanas, ainda que simbólicas, mas, com o seguinte cumprimento: (1) as sete semanas iniciais se cumprem na primeira vinda de Jesus Cristo; (2) as sessenta e duas se cumprem com o surgimento do anticristo; (3) e a septuagésima se cumprirá com os eventos que culminam na segunda vinda de Jesus. Ver: CARBALLOSA, 1999, posição 2222-2231.

<sup>309</sup> SHEA, A Unidade de Daniel. In: HOLBROOK, (Ed.). 2009, p. 180;

<sup>310</sup> CARBALLOSA, 1999, posição 2231. Esta última semana (a septuagésima) ainda está a se cumprir e equivale a sete anos de tribulação escatológica, conforme a interpretação futurista dispensacionalista.



### 3.4 Daniel 11 conforme o futurismo, preterismo e historicismo

O capítulo 11 de Daniel é o mais longo do livro. E também tem sido um dos mais difíceis para os intérpretes da profecia bíblica. Contém uma grande quantidade de detalhes que podem facilmente se perder nesta floresta de significados<sup>311</sup>. Daniel faz uma descrição de eventos ocorridos nos impérios persa (v. 2) e grego (vv. 3-4) e depois dedica mais espaço para descrever os vários conflitos entre o rei do Norte e o rei do Sul.

Para muitos estudiosos da escola futurista o capítulo 11 de Daniel, “contém uma mensagem profética concernente à história de Israel e sua relação com as nações gentílicas”<sup>312</sup>, e está esboçada em duas partes. A primeira vai até o versículo 35, e descreve os principais reis do império Persa, sem muitos detalhes, porém, de maneira mais detalhada discorre sobre o império Grego, desde Alexandre, o Grande, passando por suas divisões, culminando com Antíoco IV Epifânio (175-164 a.C.), sendo que a maior parte desse relato são eventos ocorridos no período desse rei. E após sua morte há uma lacuna, ou intervalo<sup>313</sup> na profecia. A segunda parte, é composta dos versículos 36 a 45, e trata do último governo pagão, que estará no poder por ocasião do segundo advento de Cristo<sup>314</sup>. Entretanto, para os seguidores da escola preterista, os eventos descritos nesse capítulo (11), não passam de acontecimentos que tiveram lugar até o século II a.C., e que foram escritos depois<sup>315</sup>. Segundo estes, a história é extremamente detalhada; esta é a razão principal para crer que não se trata de profecia<sup>316</sup>. Para James A. Montgomery, as ações relatadas a partir do versículo 21 e seguindo até o versículo 45 se aplicam a

<sup>311</sup> SHEA, 2010, p. 237.

<sup>312</sup> CARBALLOSA, 1999, posição 2644.

<sup>313</sup> IRONSIDE, 2008, p. 172. Conforme esse autor, o intervalo entre versículo 35 e 36 é de muitos séculos. “A história dos reis do Norte e do Sul está agora encerrada, e outra personagem terrível está prestes a ser apresentada. Antíoco Epifânio foi apenas um precursor ou uma figura deste último – obstinado rei, o grande anticristo dos últimos dias em pessoa”. Para maiores detalhes ver: IRONSIDE, 2008, p. 172-173.

<sup>314</sup> WALVOORD, 2012, posição 5913-5918; CARBALLOSA, 1999, posição 2644.

<sup>315</sup> COLLINS, John J.; MOORE, Frank C.; COLLINS, Adela Y. *Daniel: a commentary on the book of Daniel, hermeneia – a critical and historical commentary on the Bible*. Minneapolis: Fortress Press, 1993, p. 377, (tradução nossa); PACE, 2008, p. 316-335. Porfírio (c.234-c.304), um neoplatonista e inimigo do cristianismo foi o primeiro a considerar os escritos de Daniel um *vaticinium ex eventu*, i.e., uma profecia escrita depois do evento, com um tom profético. Conforme alguns intérpretes “o capítulo, e talvez todo o livro, foi escrito, [...] entre 165 e 164 a.C.” Ver: BALBWIN, 1991, p. 194.

<sup>316</sup> BOICE, Montgomery J. *Daniel: an expositional commentary*. Grand Rapids, MI: Baber Book, 2003. p. 111. (tradução nossa).

Antíoco IV Epifânio<sup>317</sup> e não a outro personagem. Já para os intérpretes historicistas, Daniel 11 é a profecia com mais detalhes no livro de Daniel. E isto não elimina a característica profética, uma vez que

[as] profecias anteriores falam acerca de reinos; o capítulo 11 agora vai direto aos detalhes e fala acerca de reis individuais. [...] e] leva da profecia do presente na Pérsia (segundo o ponto de vista de Daniel) ao futuro remoto quando Deus conclui o plano de salvação e estabelece seu reino eterno<sup>318</sup>.

Maxwell, também compartilha o mesmo pensamento acerca de reis individuais, e assegura: “Uma diferença fundamental entre as visões anteriores do livro de Daniel e a do capítulo 11, é que aquelas tratam basicamente com a sucessão de impérios, ao passo que essa se ocupa mais com indivíduos”<sup>319</sup>.

Para muitos seguidores do historicismo<sup>320</sup>, o capítulo 11 está rigorosamente esboçado assim: Conflitos entre Leste e o Oeste (11.2-4); Conflitos entre o Norte e o Sul (11.5-20); Atividades políticas do homem vil ou desprezível (11.21-30); Atividades religiosas do homem vil ou desprezível (11.31-39); e Conflitos no tempo do fim (11.40-45)<sup>321</sup>. Nos conflitos entre o Norte e o Sul, os intérpretes desta escola, admitem ser os confrontos entre Selêucidas e Ptolomeus. E não conseguem ver as atividades de Antíoco IV Epifânio, como assim deseja os intérpretes futuristas, a partir dos versículos 20 até o 36. Tampouco, como querem os preteristas, que veem Antíoco Epifânio até o versículo 45. Porém, os historicistas propõem ser as atividades políticas do “homem vil”, o império romano pagão (vv. 21-30), e as atividades religiosas do “homem vil”, as ações do império romano papal (vv. 31-39). E ainda, os conflitos “no tempo do fim” (vv. 40-45), identificados “com a fase papal de Roma: o mesmo poder que tem sido o foco central da seção precedente da profecia”<sup>322</sup>.

<sup>317</sup> MONTGOMERY, James A. *A critical and exegetical commentary on the book of Daniel*. New York: Charles Scribner's Sons, 1927. p. 446. (tradução nossa).

<sup>318</sup> SHEA, 2010, p. 228.

<sup>319</sup> MAXWELL, 1996, p. 297.

<sup>320</sup> Entre tantos que se pode enumerar esses são mais acessíveis: Mervyn Maxwell, William Shea, Samuel Nuñez, G. Arthur Keough, Jacques B. Doukhan, José Carlos Ramos, Zdravko Stefanovic.

<sup>321</sup> STEFANOVIC, Z. *Daniel: wisdom to the wise*. Nampa, ID: Pacific Press, 2007. p. 396. (tradução nossa).

<sup>322</sup> SHEA, 2010, p. 261-262.

### 3.4.1 Conexões Entre o Capítulo 11 e os Capítulos 7, 8 e 9

A última profecia do livro de Daniel (caps. 10-12) não faz uso de símbolos para representar reinos como ocorre nas profecias anteriores (caps. 2, 7, 8-9). Aqui a profecia se concentra sobre reis individuais. Entretanto, “o capítulo 11 é ligado intimamente aos capítulos 2, 7 e 8 [...]”<sup>323</sup>, afirma Joyce Baldwin. Por isso, o propósito agora deste estudo é enfatizar alguns vínculos temáticos e linguísticos preeminentes entre a última profecia de Daniel e as precedentes.

#### 3.4.1.1 Conexão entre os capítulos 7 e 11

Em princípio, a conexão entre o capítulo 7 e o 11 não é tão específica, pois, deve ser esboçada através de Daniel 12.7<sup>324</sup>. Depois que o anjo Gabriel apresentou a visão<sup>325</sup>, Daniel perguntou: “Quando se cumprirão estas maravilhas?” (12.6). Então, a resposta foi “que isso seria depois de um tempo, dois tempos e metade de um tempo. E, quando se acabar a destruição do poder do povo santo [...]” (v. 7). Este é o mesmo tempo citado em Daniel 7.25. E esse tempo aqui também estava relacionado a perseguição dos “santos do Altíssimo” pelo poder do chifre pequeno. E Shea cristaliza esse raciocínio assim:

A pergunta foi feita por Daniel depois de ter ele ouvido a profecia do capítulo 11 relatada. Sendo que a pergunta e sua resposta se relaciona com o que Daniel já tinha ouvido, deve haver algum lugar na profecia do capítulo 11 onde uma destruição do poder do povo santo é registrada. A única passagem nessa profecia que menciona tal perseguição está em 11.33-34: “todavia, cairão [os sábios] pela espada e pelo fogo, pelo cativo e pelo roubo, por algum tempo. Ao caírem eles, serão ajudados com pequeno socorro” (v. 33b-34a).<sup>326</sup>

Diante disto, torna-se mais fácil montar o quebra cabeça, assim: (1) os santos do Altíssimo são entregues nas mãos do chifre pequeno “por um tempo, dois tempos e metade de um tempo” (7.25), isto equivale (2) à destruição do poder do povo santo em 12.7, (3) que corresponde aos sábios caindo pelo fogo, pela espada,

<sup>323</sup> BALDWIN, 1991, p. 47.

<sup>324</sup> Assim como Daniel 10.1-11.1 se constitui a introdução da última profecia do livro, Daniel 12.5-13 é o epílogo dessa profecia. A divisão do texto bíblico em capítulos provoca uma interrupção inadequada.

<sup>325</sup> A visão profética compreende Daniel 11.2 a 12.4.

<sup>326</sup> SHEA, A Unidade de Daniel. In: HOLBROOK, 2009, p. 200.

e pelo cativo em 11.32-34. Desse modo, tem-se um vínculo específico entre os capítulos 7 e 11.

#### 3.4.1.2 Conexão entre os capítulos 8 e 11

Aqui a conexão é mais específica e ocorre com a remoção do “diário, contínuo” (*Tamid*), para o estabelecimento da abominação assoladora (11.31). Esta mesma expressão encontramos em 8.11-13. Portanto, nesta é interpretada como referência as atividades do mesmo poder, num mesmo período de tempo. E esse poder foi identificado em Daniel 8 como a fase religiosa do império Romano, então, em 11.31 devesse ser identificada de modo semelhante. Assim sendo, tem-se a conexão específica entre os capítulos 8 e 11.

E ainda, considerando a frase “sacrifício diário” em Daniel 8.11-13; 11.31 e 12.11, percebe-se conforme Daniel 8.11, que o *tamid*, ou “contínuo” seria tirado do príncipe do exército e em 11.31 é identificado quem o remove<sup>327</sup>. Assim também, Daniel 11 está em conexão com Daniel 8.

Mas as forças que se levantaram profanaram o templo (11.31), isto se daria com a remoção do *tamid* e estabelecendo em seu lugar a “abominação desoladora”. Esta frase tem vínculos com Daniel 8 e também Daniel 9, pois, em um ou outro capítulo “as expressões ligam-se com o *tamid* (contínuo) em seus respectivos contextos”<sup>328</sup>.

Cox assegura que “a frase ‘sacrifício diário’ é usada em Daniel 8.11-13; 11.31 e 12.11; e as frases ‘sacrifício’ e ‘abominação’ são usadas juntas em Daniel 11.31 e 12.11. Em cada caso, a Escritura está referindo-se ao que Roma faria”<sup>329</sup>.

#### 3.4.1.3 Conexão entre os capítulos 9 e 11

A conexão entre os capítulos 9 e 11, também reside sobre bases linguísticas. E pelo menos três delas são bem evidentes. A primeira, em 11.22 – “E com os braços de uma inundação serão varridos de diante dele; e serão quebrantadas, como também o príncipe da aliança” (versão Almeida Corrigida Fiel - ACF). E “para entender Dn 11.22, temos que determinar o significado de ‘inundação’

<sup>327</sup> SHEA, 2007, p. 55-56.

<sup>328</sup> SHEA, 2007, p. 57.

<sup>329</sup> COX, 2013, posição 2830.

tanto de substantivo como de um verbo<sup>330</sup>. O que é apresentado aqui é que “forças inferiores são subjugadas por forças superiores”<sup>331</sup>. “Os braços de uma inundação” (11.22) e “o seu fim será com uma inundação” (9.26 - ACF), isto sugere uma relação estreita.

Esta cadeia constructa (“os braços de uma inundação”) é o sujeito dos dois verbos passivos seguintes que ecoam cada um dos elementos da cadeia constructa. Assim, a inundação *deve ser alagada*, e os “braços” *devem ser quebrados*. A inundação menor deveria ser alagada por uma inundação ainda maior de braços que deveriam vir de um agressor.<sup>332</sup>

E “inundação”<sup>333</sup> (heb. *Shetep*), é o termo dessa inter-relação. Como diz Scolnic, “a própria ideia de uma enchente é que ela é uma força imparável”<sup>334</sup>.

A segunda conexão, está na palavra *nagîd*, aqui traduzida por “príncipe”. A palavra *nagîd* está em contraste com *sar*, que ocorre 11 vezes em outras partes de Daniel, sendo traduzida como “príncipe”<sup>335</sup>. Entretanto, *nagîd* ocorre apenas três vezes em Daniel: uma em 11:22 e duas vezes em 9.25-27, sendo que no verso 25 indica o Messias e no verso 26 o “príncipe que há vir”. Aqui, em 9.25-27, no “final do período [profético] mencionado a seguir é assinalado pelo surgimento dessa Pessoa que é descrita por dois títulos que estão lado a lado e são traduzidos literalmente como, ‘um ungido [Messias], um príncipe [*masiah nagîd*]’<sup>336</sup>. Em Daniel 9, o príncipe é identificado como sendo Jesus Cristo, o Messias, tanto por intérpretes historicistas, como também por futuristas. Desta forma, Ele deveria ser identificado como o príncipe em 11.22. E o rei do Norte que haveria de quebrantar o príncipe, deve ser identificado como Roma em sua primeira fase – a imperial ou pagã. Se o raciocínio

<sup>330</sup> SCOLNIC, Benjamin. Antiochus IV as the man who will overflow the flood and break its arms (Daniel 11.22), *The Bible Translator*, v.65 (1), 2014. p. 26. (tradução nossa).

<sup>331</sup> SHEA, 2010, p. 52.

<sup>332</sup> SHEA, 2010, p. 52, (grifo do autor). Para alguns intérpretes preteristas e até futuristas o “sujeito” é Antioco IV, entre eles Scolnic, Carballosa, Walvoord. Ver: SCOLNIC, 2014, p. 24-33; CARBALLOSA, 1999, posição 2761-2770; WALVOORD, 2012, posição 6231.

<sup>333</sup> A raiz da palavra hebraica para “inundação” ocorre em outros lugares, como SI 32.6; Jó 38.25; Na 1.8, e outros. Entretanto, esta última e as duas outras ocorrências de Daniel 9.26 e 11.22, são empregadas no contexto do juízo.

<sup>334</sup> SCOLNIC, 2014, p. 26. Em Daniel 11 a ideia de um exército como um dilúvio, sugere tratar de uma força esmagadora, imparável. A mesma ideia, pode ser encontrada em outras três passagens em Daniel, 11.10, 26 e 40.

<sup>335</sup> SHEA, 2007, p. 52. Destas 11 vezes em que o termo *sar* é empregado para príncipe, no livro de Daniel 6 vezes refere-se a seres individuais (9.6, 8; 10.13, 20 [duas vezes], “príncipe dos Persas” e “o príncipe da Grécia” em 11.5); e 5 vezes é a seres celestiais ou sobre humanos (8.11, 25; 10.13, 21; 12.1).

<sup>336</sup> SHEA. A profecia de Daniel 9:24-27. In: HOLBROOK, Frank B. (Ed.). *As setenta semanas: levítico e natureza da profecia*. São Paulo: Unaspres, 2010. p. 58.

está correto, então, aqui a profecia já apontava para a morte de Jesus Cristo na cruz, como sentença pronunciada por Roma imperial.

A terceira é a palavra hebraica *berîṭ*, ou “aliança”, empregada no livro do profeta Daniel nos capítulos 9.26-27 e 11.22. Esta não é exclusiva destas duas passagens, também é empregada em outras partes no livro de Daniel. Porém, quando *berîṭ* é utilizada com *nagîḏ*, é exclusiva delas. Na primeira passagem é dito que “ele”<sup>337</sup> (o *nagîḏ*) “fará firme aliança com muitos, por uma semana” (v. 27), e na segunda, tem-se o *nagîḏ* da aliança. Mas, a pergunta é: quem é o príncipe da aliança (*nagîḏ berîṭ*)? Primeiro, a expressão *nagîḏ berîṭ*, “príncipe da aliança” é exclusiva de Daniel<sup>338</sup>, em todo AT ocorre somente em Daniel 11.22. O texto de 9.24-27 diz que o Messias deveria surgir ao final das sessenta e nove semanas, esse personagem é uma referência a Cristo. “Sendo que Daniel 9 e Daniel 11 são visões que cumprem a função de explicar alguns símbolos e termos de Daniel 8, então o ‘príncipe da aliança’ de Daniel 11.22, tem que ser o mesmo Messias Príncipe de Daniel 9; ou seja, o Senhor Jesus”<sup>339</sup>, como já foi discutido acima.

Se estas conexões linguísticas identificam o príncipe da aliança numa passagem de Daniel, deve fazer o mesmo para a outra passagem. Mas, os futuristas creem que a expressão “príncipe da aliança” (11.22) é uma referência a Onias III<sup>340</sup> (assassinado em 171 a.C.), sumo sacerdote do povo hebreu. Sendo assim, deveria interpretar o príncipe de 9.24-27 como sendo Onias III. Entretanto, Daniel 9.24-27 só encontra correspondências históricas para seu cumprimento no período do Império Romano, e neste caso, não pode ser Onias III. Então, o Messias Príncipe de Daniel 9 deve ser o mesmo Príncipe da aliança de Daniel 11.22.

<sup>337</sup> A identificação do pronome “ele” do verso 27 tem produzido muita confusão. Walvoord assegura que uma vez determinado quem é o antecessor de “ele” no v. 27 tem-se a chave da interpretação da passagem. Hipólito grande teólogo do século III concluiu que seria um futuro anticristo. James A. Montgomery crê que é uma referência a Antíoco Epifânio, nesse caso foi cumprida no séc. II a.C. Porém, uma outra visão é a que o “ele” se refere a Cristo. “Isto é admitido por Young e Mauro, que afirmam: ‘se considerarmos o pronome ‘ele’ como relativo ao Messias mencionado no primeiro versículo [o v. 26], então nós encontramos nas Escrituras do Novo Testamento um perfeito cumprimento da passagem e uma satisfação, além disso, que é definido por diante da forma mais visível. O pronome deve, em nossa opinião, ser tomado como referindo-se a Cristo, porque (a) a profecia é toda sobre Cristo, e este é o clímax; (b) Tito não fez qualquer aliança com os judeus; (c) não há uma palavra na escritura sobre qualquer futuro ‘príncipe’ fazendo uma aliança com eles”. WALVOORD, 2012, posição 5252-5258. Ver também: WALVOORD, 2012, posição 5215-5247.

<sup>338</sup> NUÑEZ, 2006, p. 132.

<sup>339</sup> NUÑEZ, 2006, p. 133.

<sup>340</sup> CARBALLOSA, 1999, posição 2768. Também, alguns sugerem ser uma referência a Ptolomeu Filometer. John F. Walvoord prefere pensar em algum representante da nação daquele tempo. Para maiores detalhes ver: WALVOORD, 2012, posição 6231-6238.

### 3.5 Resumindo

O estudo de Daniel 11 neste capítulo do presente trabalho tentou encontrar um paralelismo com os capítulos 7, 8 e 9 do livro do profeta Daniel. E é possível perceber que a profecia de Daniel 7 amplia a profecia do capítulo 2 e acrescenta outros detalhes, a profecia de Daniel 8 tem sua explicação interrompida, mas, algum tempo depois, Gabriel, veio para explicar ao profeta a visão (9.21-22). Esta apesar de apresentar eventos a partir do carneiro e do bode (símbolos dos reinos Medo-Persa e Greco-Macedônico, respectivamente), também, acrescenta surgimento do chifre pequeno que “cresceu até atingir o exército do céu” (8.10) “sim, engrandeceu-se até ao príncipe do exército; dele tirou o sacrifício diário e o lugar do seu santuário foi deitado abaixo” (8.12). Portanto, a visão do capítulo 8 ampliou a visão anterior e ofereceu mais detalhes. Isto, também ocorre na última profecia do livro de Daniel. Esta faz uma abordagem dos reis persas mais importantes em relação ao povo de Israel, a conquista grega por Alexandre Magno, a divisão desse império e os conflitos a partir dessa divisão – Sul contra o Norte e Norte contra o Sul, introduz Roma no cenário político do Oriente, descreve suas ações como governo civil (Roma imperial ou pagã) e acrescenta atividades de Roma em sua fase religiosa (ou papal) e conclui com a manifestação de Miguel a favor de seu povo, combatendo esse último poder.

Entretanto, a maior preocupação foi analisar as conexões entre Daniel 11 e 7, 11 e 8, e 11 e 9. Pelo que foi possível até o presente, há relações não específicas<sup>341</sup> e muitas outras específicas. Por exemplo, o vínculo de Daniel 11 com Daniel 7 é possível através de Daniel 12.7, ou seja, o tema traz luz, pois, em Daniel 7.25 o tempo é o mesmo referido em 12.7, ambos estão relacionados com a perseguição dos “santos do Altíssimo”, esta perseguição é empreendida pelo poder do chifre pequeno. No capítulo 8 tem-se uma conexão com o capítulo 11 mais específica ou direta. Aqui o “contínuo” é removido e em seu lugar é posta a “abominação assoladora”. E essa atividade é realizada pelo mesmo poder, num mesmo período de tempo. Assim, 11.31 deve ser identificado de modo semelhante com 8.11-13, e tanto num texto quanto no outro é uma referência as atividades de Roma em sua fase religiosa.

---

<sup>341</sup> Mas, uma conexão chamada de não específica não quer dizer que é de um vínculo distante, porém, é porque faz-se necessário buscar um contexto mais amplo do tema para encontrar os elos de ligação.

Há pelo menos três conexões linguísticas entre o capítulo 9 e o 11. A primeira, consiste do termo “inundação” (9.26 e 11.22), onde o termo hebraico *shetep* é o mesmo. A segunda, a palavra *nagîd*, que contrasta com *sar* e traduzida como príncipe. Das três vezes que *nagîd* ocorre em Daniel, duas são em 9.24-27 e a outra em 11.22, e em ambas passagens a referência é a Jesus Cristo. A terceira conexão, está em 9.26-27 e 11.22, também consiste do emprego da palavra hebraica *berît*, ou “aliança”. E esta é empregada agora com a palavra *nagîd*, as duas palavras associadas são exclusivas dessas duas passagens. No AT só ocorre em 9.24-27 e 11.22, isto ocorre numa referência mais uma vez a Cristo. Portanto, na expressão Príncipe da aliança de Daniel 11 deve ser considerado o mesmo Messias Príncipe do capítulo 9.

Então, o capítulo 11 de Daniel tem conexões temáticas e linguísticas com os capítulos 7, 8 e 9. E desse modo, possibilita aceitar como o último poder de Daniel 11, o mesmo dos capítulos 7 e 8. Entretanto, o último capítulo do presente trabalho discute com mais detalhes quem é o rei do Norte e o rei do Sul e qual é seu papel no tempo do fim.





## 4 O REI DO NORTE E O REI DO SUL: QUEM É E QUAL É SEU PAPEL NO TEMPO DO FIM?

Neste ponto do capítulo 11, a divergência ainda é maior, principalmente, quando a pergunta é: quem é esse rei do Norte do versículo 40? As divergências são muitas quando se trata do rei do Norte e rei do Sul e suas atividades no “tempo do fim”<sup>342</sup>. Os estudiosos não chegam ao consenso, nem mesmo dentro da mesma escola de interpretação, quando trata das figuras desses reis e suas atividades descritas nos versículos 40 a 45<sup>343</sup>.

### 4.1 O Rei do Norte e o Rei do Sul na perspectiva futurista

Para os intérpretes desta escola, a expressão “tempo do fim” (v. 40), “se aplica ao fim do reinado de Antíoco, embora contenha a ideia secundária do fim de todas as coisas [...]”<sup>344</sup>. E sobre esta ideia secundária é construída a “grande tribulação”. Isto ocorre, segundo esses estudiosos, na “primeira metade dos últimos sete anos, depois que o anticristo tiver feito o pacto de paz com Israel”<sup>345</sup>.

Do ponto de vista futurista, o “tempo do fim”, é denominado de tempo do anticristo. O “rei do Norte” do versículo 40, para alguns intérpretes, já não será a Síria dos versículos precedentes (até v. 39), “mas um bloco de nações situadas ao extremo norte de Israel, encabeçadas pela Rússia e chamadas na profecia, de Gogue e Magogue (Ez 38.15)”<sup>346</sup>.

Enfim, para os futuristas, no versículo 40 são mencionados três personagens: (1) o rei do Sul; (2) o rei do Norte; e (3) o rei soberbo ou o anticristo. E suas ações estão relacionadas com a situação futura da nação israelita<sup>347</sup>. Conforme Lieth, haverá três blocos de poder no tempo do fim. São eles: (1) o bloco Ocidental

---

<sup>342</sup> A expressão “tempo do fim”, é uma referência a um período de tempo na história em que alguns eventos ocorrem. E “no livro de Daniel o tempo do fim não é o fim do tempo, como se fosse um ponto em que todas as coisas chegassem a sua conclusão”. SHEA. As profecias de tempo de Daniel 12 e Apocalipse 12 e 13. *Revista Teológica*, Cachoeira, v. 3, n. 1, p. 22, 1999.

<sup>343</sup> Esta é a penúltima seção da última profecia do livro de Daniel (10-12), e a última do capítulo 11. Ela descreve os eventos que terão lugar um pouco antes do momento final da história ou “fim do tempo”. A última seção da última profecia (10-12) é constituída por 12.1-4. Depois disso, tem-se o epílogo da profecia.

<sup>344</sup> BALDWIN, 1991, p. 214.

<sup>345</sup> LIETH, 2004, p. 207.

<sup>346</sup> GILBERTO, (c1984), p. 71. Ver: LIETH, 2004, p. 207-208.

<sup>347</sup> CARBALLOSA, 1999, posição 2928-2932.

européu, que será o bloco de poder do anticristo; (2) o bloco islâmico; e (3) o bloco Oriental, asiático<sup>348</sup>. E Carballosa admite que “cada um desses reis representa um bloco ou confederação de nações com os quais a nação de Israel terá que contender no tempo do fim”<sup>349</sup>.

E para Whitcomb, o rei do Sul (no v. 40), deve ser um monarca egípcio que surgirá no futuro. E que o anticristo deve surgir em algum lugar entre o “Norte” e “Sul”, presumivelmente na Palestina<sup>350</sup>. Portanto, não há unanimidade na identificação desses três poderes em Daniel 11, proposto pela escola futurista. “Embora concordando que três reis distintos são vistos em Daniel 11.40-45, a maioria dos premilenaristas entendem que o pronome *e/e* nestes versos refere-se ao Anticristo, não o rei do Norte”<sup>351</sup>.

Finalmente, para o futurismo Daniel 11.36-45 descreve os eventos que terão lugar nos últimos dias dos tempos dos gentios. O futurista Evis Carballosa, assume que “o rei soberbo” não é outro, senão o anticristo, “quem procederá de um bloco de nações ocidentais. Estas nações ocidentais basicamente abarcarão as que no passado formavam o antigo Império Romano”<sup>352</sup>. Enfim, estas nações se juntam e se reorganizam formando uma estrutura política semelhante a que foi o Império Romano no passado. Enquanto isso, como foi mencionado acima, para Ironside “o anticristo é [um] judeu de nascença, mas um judeu que apostatou do Deus de seus pais”<sup>353</sup>. Enfim, não há consenso entre os intérpretes futuristas, quanto a identidade do anticristo aqui proposto.

<sup>348</sup> LIETH, 2004, p. 207. Carballosa também defende a existência dos três blocos que constituem poderes distintos no tempo do fim, e acrescenta um outro, endossando a abordagem de J. D. Pentecost. Para ele são: (1) uma federação de dez nações que terá o formato do Império Romano sob a liderança da besta (Ap 13.1-10); (2) uma confederação do Norte, constituída pela Rússia e seus aliados; (3) confederação do Leste, ou seja, de nações asiáticas que farão oposição ao anticristo; e (4) uma potência africana do Sul. E ele afirma que “os movimentos destas quatro potencias aliadas contra a Palestina, no período da tribulação, estão claramente nas Escrituras e constitui um dos temas principais da profecia”. Ver: CARBALLOSA, 1999, posição 2943-2969. Ironside tem proposta semelhante, diz ele: “então temos situado um imperador-rei no Oeste, um Rei do Norte, um Rei do Sul e uma aliança de reis a Leste”. Esses poderes dirigirão seus exércitos para a Palestina, onde ocorrerá o Armagedom. Ver: IRONSIDE, 2008, p. 180-181.

<sup>349</sup> CARBALLOSA, 1999, posição 2932.

<sup>350</sup> WHITCOMB, 1985, p. 155.

<sup>351</sup> WHITCOMB, 1985, p. 156, (grifo do autor). Para o historicismo o pronome “ele” (v. 40a) é uma referência ao rei do Norte, mencionado no versículo anterior.

<sup>352</sup> CARBALLOSA, 1999, posição 2946.

<sup>353</sup> IRONSIDE, 2008, p. 185.

#### 4.2 O Rei do Norte e o Rei do Sul na perspectiva preterista

Para os estudiosos afeiçoados ao preterismo, o “rei do Norte” é Antíoco IV Epifânio. Eles consideram Daniel 11, como um relato histórico literal<sup>354</sup>, que alcançou até o reinado de Antíoco Epifânio. Neste modo de interpretar as profecias apocalípticas, nesse capítulo, duas características distintas são apresentadas por esses estudiosos: (1) apresenta um relato notavelmente preciso da história helênica até Antíoco Epifânio; e (2) O hebraico desse capítulo é muito pobre<sup>355</sup>. E quanto a ideia acerca do capítulo 11 ser um relato histórico que ocupa grande espaço tratando do reino de Alexandre até Antíoco, foi proposta pelo neoplatonista Porfírio<sup>356</sup> (ca. 234- ca. 304 d.C.), e endossada por Jerônimo (347-420 d.C.).

Desse modo, os intérpretes preteristas veem Antíoco IV Epifânio no capítulo 11, e suas atividades até o final no versículo 45<sup>357</sup>. Sendo assim, a expressão “tempo do fim” (vv. 35 e 40) corresponde ao fim do seu reino. Já para os futuristas nos versículos 40-45 consideram a existência do anticristo, quando “tiver realizado um pacto de paz com Israel”<sup>358</sup>. Esse pacto terá lugar no cumprimento da última parte da última semana de Daniel 9.24-27, ou seja, da septuagésima semana.

#### 4.3 O Rei do Norte e o Rei do Sul na perspectiva historicista

Assim como crer a escola futurista, a historicista admite que o conteúdo do capítulo 11 é essencialmente profético. Entretanto, divergem entre si a partir basicamente do versículo 14, quanto aos personagens e suas atividades aí descritas. Mas, até esse ponto ambos (futuristas e historicistas) admitem a queda do Império Persa e a ascensão e divisão do Império Grego. Entretanto, os intérpretes historicistas estão de acordo com os futuristas somente até o tempo de Antíoco III (v. 13) e concordam com a identificação dos vários reis do Norte e do Sul<sup>359</sup>, até esse ponto.

<sup>354</sup> COLLINS, John J. *Daniel: with an introduction to apocalyptic literature – the forms of the Old Testament literature*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1984. p. 101, (tradução nossa).

<sup>355</sup> COLLINS; CROSS; COLLINS, 1993, p. 377.

<sup>356</sup> Porfírio vê toda a profecia como história, e conforme este, Antíoco ainda empreendeu outra campanha contra o Egito, a quarta, porém, não há como provar tal afirmação.

<sup>357</sup> PACE, 2008, p. 326-335.

<sup>358</sup> LIETH, 2004, p. 207.

<sup>359</sup> SHEA, 2010, p. 241.

Os intérpretes da escola historicista somente consideram como referência a Antíoco IV Epifânio os versículos 14b e 15. Assegura Shea:

Ao aplicar somente os versículos 14b e 15 a Antíoco IV Epifânio, o reduzimos a sua apropriada medida histórica. Depois de tudo, ele foi apenas um rei menor que governou um reino menor por um curto tempo (175 a.C. a 163 a.C.). Se portou muito mal com os judeus na Judeia, mas o maior ponto de transição em seu reinado foi quando teve que desmornar ante a pressão diplomática de Roma. Roma já era o poder principal no horizonte no Oriente Médio no tempo de Antíoco Epifânio, e ele sabia muito bem que não lhe convinha frustrar seus desígnios. Apenas um embaixador romano, não foi necessário um exército, para fazer que Antíoco Epifânio abandonasse sua segunda invasão ao Egito em 168 a.C.<sup>360</sup>

Desse modo, acentua-se as divergências de interpretação em Daniel 11. Para o historicismo o rei do Sul e o rei do Norte nos versículos 40 a 45 não são mais uma referência ao Egito e a Síria respectivamente. “Estes se tem convertido em símbolos das potências que atuarão no tempo do fim”<sup>361</sup>.

Porém, a pergunta que persiste é: Quem é o rei do Norte e o rei do Sul no tempo do fim? A questão já foi objeto de acalorados debates entre historicistas do fim do século XIX, e.g., no movimento de reavivamento espiritual ocorrido na primeira metade desse século na América do Norte, que passou para história como movimento milerita<sup>362</sup> muitos acreditavam que o último poder de Daniel 11 era o império turco maometano, enquanto outros acreditavam ser o papado<sup>363</sup>, seguindo o exemplo dos reformadores. Ainda mais, outros historicistas mileritas como Josias Litch acreditava diferente de seus companheiros do movimento; para ele Napoleão Bonaparte<sup>364</sup> da França preenchia os parâmetros dessa profecia. Mas, seu contemporâneo Hiram Edson admitia ser a Rússia<sup>365</sup>. Enquanto Miller aceitava que o rei do Norte era papado<sup>366</sup>.

Já pelos anos 1867, muitos remanescentes do movimento milerita continuavam com o mesmo vigor, porém, agora haviam incorporado em suas

<sup>360</sup> SHEA, 2010, p. 241.

<sup>361</sup> SHEA, 2010, p. 265.

<sup>362</sup> O movimento passou ser assim denominado porque um de seus principais preletores era Guilherme Miller. E seus temas atraía os ouvintes cada vez mais à Bíblia e suas mensagens já abandonadas pelas denominações tradicionais.

<sup>363</sup> MANSELL, 2009, p. 14.

<sup>364</sup> MANSELL, 2009, p. 15.

<sup>365</sup> MANSELL, 2009, p. 17. Esta ideia não conquistou simpatizantes e ele também abandonou essa posição em setembro de 1850.

<sup>366</sup> MANSELL, 2009, p. 15.

crenças outras doutrinas e o movimento agora era denominado de adventismo<sup>367</sup>. E entre seus líderes, havia o entendimento de que o papado era o último poder de Daniel 11<sup>368</sup>, inclusive o estudioso Urias Smith. Mas, foi a partir desse ano que Smith começou a dar sinais de pensar diferente dos demais companheiros, acerca da questão. Por essa época ele escrevia comentários semanais sobre o livro de Daniel e chegando no capítulo 11, interpretando os últimos versículos (40-45), foi influenciado pelos noticiários, que davam conta dos desmoronamentos dos impérios, principalmente, da França que era defensora do papado e não podia mais ajudá-lo<sup>369</sup>. Então, por volta de 1882, Smith estava convencido de que a Turquia era o cumprimento dos últimos versículos de Daniel 11<sup>370</sup>. E a posição assumida por ele influenciou muitos por cerca de 70 anos<sup>371</sup>. Mas, sua posição nunca foi oficializada pelo adventismo, que também, sempre manteve em suas fileiras quem pensasse diferente acerca desse tema, mesmo que isso não fosse endossado pelo movimento. E ainda hoje, o adventismo não assume dogmaticamente essa ou aquela posição.

Entretanto, um dos expoentes atuais desta escola (a historicista), o Dr. Willian Shea propõe:

O título, “rei do Sul”, serviu para referirmos ao Egito, de onde provinham os ptolomeus. Mas aqui ao final do capítulo 11, a identificação parece ser mais espiritual que política. Portanto, tal como o rei do Norte se converteu no papado e não é mais um rei territorial no sentido literal em que o capítulo 11 o apresenta a princípio, assim o rei do Sul também é uma entidade espiritual aqui nestes últimos versículos do capítulo. Se bem que no século XXI o papado possui um pequeno território, a Cidade do Vaticano, sua principal influência é espiritual. Essa comparação nos leva à conclusão de que o rei do Sul deve ver-se aqui mais como uma força filosófica e não como um poder político territorial<sup>372</sup>.

Assim, os poderes no tempo do fim, não serão reis literais. O rei do Norte e o rei do Sul aqui são símbolos dos poderes que atuarão no “tempo do fim”. Shea

<sup>367</sup> Adventismo é referência ao grupo que continuou estudando as profecias bíblicas após arrefecimento do movimento milerita em 1844, que por acreditar na volta gloriosa de Jesus continuavam esperando esse evento, não com uma data marcada, como ocorreu na pregação milerita.

<sup>368</sup> MANSELL, 2009, p. 28.

<sup>369</sup> MANSELL, 2009, p. 28-31.

<sup>370</sup> MANSELL, 2009, p. 31.

<sup>371</sup> Para uma visão mais ampla dessas divergências entre os historicistas mileritas e conseqüentemente no seio do adventismo ver: MANSELL, 2009, p. 22-92; LARONDELLE. Armagedón: historia de las interpretaciones adventistas. In: HOLBROOK, Frank B. (Ed.). *Simposio sobre apocalipsis*. v. 2. Florida: Apia; Mexico: Gema Editores, 2011. p. 541-545.

<sup>372</sup> SHEA, 2010, p. 262.

identifica estes poderes (rei do Norte) com o papado e (rei do Sul) com o ateísmo. Que “de alguma maneira, o poder religioso da igreja romana ganhará algum tipo de vitória sobre as forças do ateísmo antes do fim do tempo (v. 43) ”<sup>373</sup>.

E Samuel Nuñez segue o mesmo raciocínio de Shea:

[...] o rei do Sul segue sendo um poder completamente oposto ao rei do Norte, mas já não é o Egito nem Cartago literais, senão um poder político ateu. A menção de Egito, neste segmento da narração, harmoniza com nossa interpretação, já que essa nação se caracterizou por desconhecer a Deus (Êx 5.1, 2) e opor-se a seus planos (Êx 5-12). A menção de Egito, como símbolo de um poder ateu, harmoniza também com a perspectiva profética dos atores do “tempo do fim” (Ap 11). De acordo com esta perspectiva, os nomes geográficos e os nomes de nações, cujo cumprimento vão além da morte do Messias e da destruição de Jerusalém, não são mais entidades literais, senão simbólicas e universais<sup>374</sup>.

Desse modo, os poderes envolvidos no tempo do fim são de um lado, um poder filosófico, e não um poder político ou territorial<sup>375</sup> – o ateísmo, simbolizado pelo rei do Sul. Do outro, um poder espiritual – o papado, simbolizado pelo rei do Norte. E Doukhan, afirma: “Historicamente, significa que o poder político-religioso triunfará sobre os movimentos ateus e políticos”<sup>376</sup>. Este, em algum momento terá vitória sobre aquele e ambos avançarão sobre o verdadeiro povo de Deus. E assim, será travada a última batalha espiritual.

#### 4.4 Resumindo

A última seção (vv. 40-45) do capítulo 11 de Daniel é a que tem gerado mais discussão e produzido abundantes interpretações controvertidas entre os estudiosos da profecia. Não existe harmonia entre os intérpretes acerca do rei do Sul e do rei Norte no “tempo do fim”, nem mesmo dentro da mesma escola.

De sorte que, no futurismo há muita divergência quanto a identidade do rei do Sul e do rei do Norte. O único acordo é sobre a existência de três reis distintos nos versículos 40-45; o rei do Sul, o rei do Norte e o Anticristo, entendido pelo pronome pessoal “ele” do versículo 40. Enquanto isso, o preterismo afirma que Daniel não passa de um relato histórico literal, do tempo de Antíoco IV Epifânio e

<sup>373</sup> SHEA, 2010, p. 265.

<sup>374</sup> NUÑEZ, 2005, p. 144-145.

<sup>375</sup> SHEA, 2010, p. 262.

<sup>376</sup> DOUKHAN, 2011, p. 177.

este é o rei do Norte. E diante desta proposta a expressão “tempo do fim”, equivale ao fim desse rei, ou de seu reino.

A seção final de Daniel 11 (vv. 40-45), conforme o historicismo ainda se cumprirá no futuro – no tempo do fim, e não no passado, nos dias de Antíoco IV Epifânio como propõem os preteristas. Também, não creem ter cumprimento na última metade dos últimos sete anos que precedem a segunda vinda de Jesus, como defendem os futuristas. Mas, esse tempo do fim é um segmento do tempo histórico antes da segunda vinda Cristo.

Já na outra ponta da discussão, está o historicismo que considera a profecia de Daniel 11 mencionando Antíoco IV Epifânio apenas nos versículos 14b e 15. Esta corrente de interpretação admite que a menção ao rei do Sul e ao rei do Norte, não é referência literal ao Egito e Síria respectivamente, mas, são símbolos de poderes que atuarão no tempo do fim, quando será travada a última batalha da história humana, e esta tem natureza espiritual. Enfim, a perspectiva historicista é que o poder filosófico – o ateísmo e o poder político religioso – o papado estarão juntos para agir contra o povo de Deus, os que fazem a vontade do Senhor. Como Daniel os denomina, “os santos do Altíssimo”.





## CONCLUSÃO

A análise das três correntes de interpretação profética acerca de Daniel 11, permite observar que a partir do versículo 14 há percepções divergentes entre si. O Preterismo considera os eventos descritos nesse capítulo como tendo ocorrido no máximo até o segundo século a.C. Enquanto isso, o Futurismo admite que os eventos descritos até o versículo 35, alcançam o tempo de Antíoco IV Epifânio. Mas, o último poder dessa profecia, o Anticristo, surgirá no fim dos tempos, no cumprimento da septuagésima semana de Daniel 9. Já o Historicismo interpreta os eventos tendo lugar ao longo da história, e exclui qualquer possibilidade de Antíoco IV Epifânio ser o foco da profecia – o rei do Norte.

O primeiro capítulo, “Análise Histórico-Bíblica das Três Linhas de Interpretação da Profecia Apocalíptica Bíblica e de Daniel 11”, tratou sucintamente (1) em caracterizar a distinção entre a linha histórica e não-histórica na interpretação da profecia apocalíptica; (2) definindo as escolas de interpretação: Futurismo, Preterismo e Historicismo, e como hoje são classificadas e por fim, (3) suas origens e desenvolvimento.

Não se tem uma origem definida do método historicista de interpretação das profecias apocalípticas, como se tem documentado a origem do futurismo e preterismo. Mas, desde o século II a.C., tem-se a noção da aplicação historicista, em nomes como: Justino Mártir, Irineu de Lion, Clemente de Alexandria entre outros. Então, chegando aos reformadores.

O Capítulo 2, intitulado “Análise Teológica das Posições: Futuristas, Preterista e Historicista, da Profecia de Daniel 11”, abordou a teologia do capítulo 11, sob a perspectiva de cada escola. Para isto, ele foi dividido em seções, para que se pudesse extrair a melhor conclusão da abordagem de cada escola de interpretação.

Mas, do versículo 14 até o final do capítulo constatou-se uma divergência de interpretação da profecia nas três escolas. E até entre intérpretes da mesma escola percebe-se grandes discrepâncias interpretativas.

No capítulo 3, “Análise Comparativa da Profecia do Capítulo 11 de Daniel com a do Capítulo 7, 8 e 9” foi apresentada a relação desta profecia (cap. 11) com as demais do próprio livro. Para tal, foi necessário analisar cada profecia (do cap. 7, 8, 9 e 11), pela ótica de cada escola de interpretação. Isto permitiu observar que

cada profecia seguinte amplia a anterior, e ainda adiciona outros detalhes esclarecedores na profecia seguinte.

Essa análise comparativa leva a encontrar conexões temáticas e linguísticas nas profecias de Daniel. De modo que se conclui: o profeta trata do mesmo tema em todas as profecias - Deus tem o controle da história até o estabelecimento do seu reino, tão somente ele vai acrescentando detalhes à profecia seguinte.

O último capítulo, “O Rei do Norte e Rei do Sul: Quem é e Qual é Seu Papel no Tempo do Fim? ”, lidou com a maior divergência dessa profecia. Nos versículos 40-45, as três escolas de interpretação se opõem diametralmente. Para o Futurismo aqui há três poderes: o rei do Sul, o rei do Norte e o Anticristo. Mas, uma vez que, o Preterismo considera esse relato como sendo literal do período de Antíoco IV Epifânio, então, esse é o rei do Norte, no fim de sua história.

Entretanto, o Historicismo vê no rei do Norte e no rei do Sul, símbolos do poder político-religioso e do poder filosófico que se confrontam, mas no fim da história humana se juntam para combater “os santos do Altíssimo” – o povo de Deus.

Conforme a análise histórico-bíblica das linhas de interpretação da profecia apocalíptica bíblica, a ferramenta útil é a linha histórica, pois, esta oferece maior significado ao estudioso deste gênero literário da Bíblia. A linha não histórica abandona qualquer significado histórico, ou seja, a profecia não passa de algo meramente mitológico, as visões são figurações. Porém, a linha histórica busca compreender as visões proféticas apocalípticas como eventos ocorridos ou ocorrendo em algum momento da história. Assim, esta propõe três abordagens ou métodos de interpretação, que são: Futurismo, Preterismo e Historicismo.

Estas correntes de interpretação não são harmoniosas entre si, quando tratam especialmente da última profecia de Daniel, mormente, Daniel 11.14-45. E até dentro da mesma corrente de interpretação há marcantes divergências. Os futuristas em sua grande maioria veem Antíoco IV Epifânio do versículo 21 ao 35, e no versículo 36, dá-se a transição com um vazio de mais de 2000 anos, até o surgimento do anticristo do fim dos tempos, no final da última metade da última semana, daquelas 70 de Daniel 9.24-27. Também, não há consenso quanto a identidade do anticristo. E, os preteristas concordam com os futuristas até a transição de Antíoco III para Antíoco IV (vv. 20-21), mas, divergem quando os preteristas admitem Antíoco IV em atividade até o fim do capítulo 11, no versículo

45. Já os historicistas por sua vez, consideram a referência a Antíoco IV Epifânio tão somente, nos versículos 14b e 15. E mesmo no versículo 14 alguns historicistas veem a intromissão de Roma nas atividades do Oriente Médio. E este rei (Antíoco IV Epifânio) sendo o responsável pela introdução de Roma nesta região, assim como, Xerxes atraiu Alexandre por ter agitado a Ásia contra a Grécia.

E quanto ao “homem vil” (v. 21), futuristas e preteristas caminham juntos, admitem ser Antíoco IV. Porém, os historicistas continuam no roteiro cronológico da história de sucessão dos reinos mundiais, e veem aqui Tibério sucessor de Augusto César que reinou na província romana da Palestina, que nem mesmo em sua morte alcançou dignidade do seu povo.

Daí em diante, começa a crescer as divergências. No caso do versículo 22, os futuristas divergem acentuadamente entre si, com relação ao “príncipe da aliança”. Para alguns, esse príncipe é Ptolomeu Filometor, para outros Onias III. Entretanto, os historicistas são unânimes em admitir ser Jesus Cristo. Que é o mesmo Ungido (Messias) Príncipe de Daniel 9.24-27. Os estudiosos historicistas mantêm relativa uniformidade de interpretação das visões de Daniel 2, 7, 8-9, e até mesmo em grande parte do capítulo 11. Porém, a pequena divergência de interpretação desse capítulo está na última seção (vv. 40-45). O problema reside na identificação do rei do Norte e do rei do Sul no tempo do fim. No século XIX o historicista Urias Smith cria que a Turquia, era o rei do Norte da profecia, por causa de suas guerras. Porém, um pouco antes dele, Hiram Edson defendia que a Rússia era o rei do Norte, o último poder mencionado em Daniel 11. O adventismo historicista nunca endossou essa ou aquela posição de forma dogmática.

Mas, ainda hoje, há estudiosos historicistas cautelosos em assumir uma posição dogmática acerca desse último poder de Daniel 11. Mesmo assim, grande parte deles têm a percepção de que o rei do Sul não é um poder político local, mas uma força filosófica, e o rei do Norte uma instituição espiritual. Se for assim, estes reis (do Sul e do Norte) são símbolos de poderes que agirão juntos no tempo do fim. Aqueles que compartilham esta perspectiva identificam esses poderes com o sistema religioso dominante, o papado (rei do Norte), e o ateísmo (rei do Sul).

Possivelmente, essa falta de harmonia na interpretação da última parte dessa profecia, quer seja, entre futuristas, preteristas ou historicistas, ocorra por se tratar de profecia ainda não cumprida, uma vez que essa parte da visão profética de Daniel tem uma dimensão ainda futura.

Após ter verificado as diversas interpretações acerca do último poder de Daniel 11.40-45, diante dos fatos históricos e análises linguísticas, se vê mais coerência na posição historicista, como foi exposta acima. Pois, os poderes envolvidos aqui não são um rei persa literal e um rei egípcio literal. Mas símbolos de potências que agirão no tempo do fim. E estas são identificadas com o poder político religioso, representado pelo rei do Norte, e o poder filosófico, o ateísmo, representado pelo rei do Sul, que de alguma forma, um terá vitória sobre o outro e acredito que o poder religioso de Roma – o papado, vencerá esse poder filosófico – o ateísmo, que desde a revolução francesa tem exercido sua nefasta influência. Mas já dá sinais de declínio. E então, como poder único virá “para destruir e exterminar a muitos” (v. 44), o povo de Deus. Entretanto, acerca desse poder perseguidor afirma a profecia: “mas chegará ao seu fim, e não haverá quem o socorra” (v. 45). Porque “nesse tempo, se levantará Miguel, o grande príncipe, o defensor dos filhos do teu povo” (Dn 12.1).

Em última análise, o conteúdo da profecia de Daniel 11 é o mesmo dos capítulos 7 e 8. Na última profecia de Daniel (cap. 11), Deus apresenta que dos governos seculares da Terra, surgiria uma instituição político-religiosa para (1) ocupar o lugar do ministério sacerdotal de Jesus Cristo com imitação fraudulenta e ainda (2) perseguir os que buscarem permanecer na verdadeira fé de Jesus.

Portanto, o último poder que agirá contra o povo de Deus terá o caráter do Anticristo, mas, estará revestido de pseudopiedade. Esse poder tem crescido em sua influência, tem aproximado as mais distantes filosofias de “vida cristã”, atenuado os que antes lhes resistiam e acomodado aqueles que antes foram inimigos mordazes. E olhando por esse prisma, somente um poder preenche essa expectativa – o poder religioso encabeçado por Roma.

Verificando o papel da profecia, a sua relevância a quem lhe é dirigida, esta última profecia de Daniel foi dada para esclarecer o que aconteceria ao povo de Deus nos últimos dias (Dn 10.14), e com certeza nenhuma revelação para a igreja seria útil e completa sem mostrar também as ações de seus opositores e a derrota final deles.

Porém, esta pesquisa se limita analisar as variantes interpretativas dessa profecia nas três escolas da linha histórica. Portanto, pode ser viável pesquisas futuras que venham proporcionar um aprofundamento quanto as diversas posições assumidas por diferentes historicistas, desde a reforma protestante até o século XXI,

e com atenção para as diferentes posições propostas por historicistas simpatizantes do adventismo.



## REFERÊNCIAS

- ALOMIA, Merling. *Daniel: el profeta mesiánico*. Peru: Universidad Peruana Unión, 2008. 2 v.
- ARCHER, Gleason L. (Transl.). *Jerôme's commentary on Daniel*. Eugene: Wipf and Stock Publishers, 2009.
- BALDWIN, Joyce G. *Daniel: introdução e comentário*. Tradução de Ênio R. Mueller. São Paulo: Mundo Cristão, 1991.
- BENNETT, D. A pedra-reino de Daniel 2. In: HOLBROOK, Frank B. (Ed.). *Estudos sobre Daniel: origem, unidade e relevância profética*. Tradução de Francisco Alves de Pontes e Fernanda Caroline de Andrade Souza. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2009.
- BOICE, Montgomery J. *Daniel: an expositional commentary*. Grand Rapids, MI: Baber Book, 2003.
- BRUCE, F. F. *Biblical in the Qumran texts*. London: The Tyndale Press, 1960.
- CARBALLOSA, Evis L. *Daniel y el reino mesiánico*. Grand Rapids: Portavoz, 1999.
- CHAMPLIN, Russell N. *O Novo Testamento interpretado: versículo por versículo*. São Paulo: Candeia, [s. d.]. 6 v.
- COLLINS, John J.; MOORE, Frank C.; COLLINS, Adela Y. *Daniel: with an introduction to apocalyptic literature – the forms of the Old Testament literature*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1984. 20 v.
- \_\_\_\_\_. *Daniel: a commentary on the book of Daniel, hermeneia – a critical and historical commentary on the Bible*. Minneapolis: Fortress Press, 1993.
- COSTA, José C. *Profeta Daniel: estrutura profética*. Disponível em: <<http://profeciaetempo.blogspot.com.br/2011/12/profeta-daniel-estrutura-profecia.html>>. Acesso em: 2 set. 2014.
- COX, Kenneth. *Daniel pure and simple*. Loma Linda: Kenneth Cox Ministries, 2013.
- DAVIDSON F. (Ed.). *O novo comentário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 1987. 2 v.
- DORNELES, Vanderlei. (Ed.). *Comentário bíblico adventista do sétimo dia: Daniel*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2013, (Série Logos). 8 v.
- DOUKHAN, Jacques B. *Secretos del apocalipsis: el apocalipsis visto a través de ojos hebreos*. Florida Oeste: ACES, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Secretos de Daniel: sabiduría y sueños de um príncipe hebreo en el exilio*. Florida Oeste: ACES, 2011.



ERICKSON, Millard J. *Opções contemporâneas na escatologia: um estudo do milênio*. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1991.

FERCH, Arthur J. A autoria, teologia e propósito de Daniel. In: HOLBROOK, Frank B. (Ed.). *Estudos sobre Daniel: origem, unidade e relevância profética*. Tradução de Francisco Alves de Pontes e Fernanda Caroline de Andrade Souza. São Paulo: Unaspres, 2009.

FEYERABEND, H. *Daniel, verso por verso: revelações de Deus para nossos dias*. Tradução de Delmar F. Freire. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

FORTES, Valério S. (Trad.). *Comentário sobre apocalipse*. São Paulo: Instituto Adventista de Ensino, 1988. 3 v.

FROOM, Le Roy E. *The prophetic faith of our fathers: the historical development of prophetic interpretation*. Washington: Review and Herald, 1950. 4 v.

GENTRY, Kenneth L. Jr. *De volta para o futuro: a perspectiva preterista*. Disponível em <[www.monergismo.com](http://www.monergismo.com)>. Acesso em: 4 maio. 2014.

GILBERTO, A. *Daniel e apocalipse*. Rio de Janeiro: CPAD, (c1984).

GOLDSTEIN, Clifford. *1844: uma explicação simples das principais profecias de Daniel*. 6. ed. Tradução de Regina Mota. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003.

HALE, David B. *Introdução ao estudo do Novo Testamento*. Tradução de Cláudio Vital de Souza. Rio de Janeiro: JUERP, 1983.

HARRIS, R. Laird. (Org.). *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.

IRONSIDE, H. A. *Estudos sobre o livro de Daniel*. Diadema: DLC, 2008.

KELLY, Page H. *Hebraico bíblico: uma gramática introdutória*. 9. ed. amp. São Leopoldo: Sinodal, 2013.

KIRST, Nelson et al. *Dicionário hebraico-português e aramaico-português*. 29. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2014.

KISTEMAKER, Simon J. *Comentario al Nuevo Testamento: exposición del apocalipse*. Grand Rapids: Libros Desafios, 2004.

KNIGHT, A. E.; ANGLIN, W. *História do cristianismo: dos apóstolos do Senhor Jesus ao século XX*. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1983.

LADD, George A. *Apocalipse: introdução e comentário*. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 1992.

LARONDELLE, Hans K. *Las profecias del fin*. Florida Oeste: ACES, 1999.

\_\_\_\_\_. Armagedón: historia de las interpretaciones adventistas. In: HOLBROOK, Frank B. (Ed.). *Simposio sobre apocalipsis*. Florida: Apia; Mexico: Gema Editores, 2011, v. 2.

LIETH, Norbert. *As profecias de Daniel: perspectivas de futuro*. Tradução de Enio Sipp e Traudi Federolf. Porto Alegre: Actual Edições, 2004.

MANSELL, Donald E. *Los adventistas y el armagedón*. Florida Oeste: ACES, 2009.

MAXWELL, C. Mervyn. *Uma nova era segundo as profecias de Daniel*. Tradução de Hélio Luiz Grelmann. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1996.

MICHAUD, J. F. *História das cruzadas*. São Paulo: Editora das Américas, 1956. 7 v.

MONTGOMERY, James A. *A critical and exegetical commentary on the book of Daniel*. New York: Charles Scribner's Sons, 1927.

MOODY, Dwight L. *Comentário bíblico moody: apocalipse*. Chicago: Moody Bible Institute of Chicago, [s.d.].

MOORE, Marvin. *El juicio investigador: su fundamento bíblico*. Florida Oeste: ACES, 2011.

MORA, Carlos Elias. *Dios defiende a su pueblo: comentario exegético de Daniel 10 a 12*. México: Universitaria Iberoamericana, 2012.

NEWTON, Isaac. *As profecias do Apocalipse e o livro de Daniel: as raízes do código da Bíblia*. Tradução de Carlos A. L. Salum e Ana Lucia da Rocha Franco. São Paulo: Pensamento, 2008.

NICHOL, Francis D. (Ed.). *Comentário sobre Daniel*. Tradução de Valério Silva Fortes. 4. ed. São Paulo: Instituto Adventista de Ensino, 1987.

NUÑEZ, Samuel. *Las profecias apocalípticas de Daniel: la verdade acerca del futuro de la humanidad*. México: Datacolor, 2006. 2 v.

OLIVEIRA, Arilton. *Daniel: segredos da profecia*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013, (edição do autor).

ORELLANA, Michael. AZO, Segundo. *Interpretación bíblica de la historia: Daniel*. Lima: Universidad Peruana Unión, 2014.

PACE, Sharon. *Daniel*. Georgia: Smyth & Helwys Publishing, 2008.

PAULIEN, Jon K. A hermenêutica da apocalíptica bíblica. In: REID, George W. (Ed.). *Compreendendo as Escrituras: uma abordagem adventista*. Tradução de Francisco Alves de Pontes. Engenheiro Coelho: Unaspres, 2007.

\_\_\_\_\_. O fim do historicismo? Reflexões sobre a apocalíptica bíblica. *Parousia, Princípios do Fim: O Apocalipse à Luz do Antigo Testamento*. Engenheiro Coelho, v. 4, p. 11-79, 2016.

PETTINGILL, W. L. *Estudios sobre el libro de Daniel*. Terrassa: CLIE, 1985.

PFANDL, Gerhard. *Daniel: the seer of Babylon*. Hagerstown: Review and Herald Publishing Association, (c2004).

RAMOS, José C. *Profecia bíblica*. São Paulo: Edições SALT–Pós-Graduação, [199-].

\_\_\_\_\_. *Mensagem de Deus: como entender as profecias bíblicas*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2012.

SCHÖKEL, Luís Alonso. *Dicionário hebraico-português*. São Paulo: Paulus, 1997.

SCHWANTES, Siegfried J. *Daniel*. São Paulo: Instituto Adventista de Ensino, [s.d.].

\_\_\_\_\_. *Pequeno dicionário hebraico-português do Velho Testamento*. São Paulo: Seminário adventista Latino-Americano de Teologia, 1983.

SCOLNIC, Benjamin. Antiochus IV as the man who will overflow the flood and break its arms (Daniel 11.22), *The Bible Translator*, v.65 (1), p. 24-33, 2014.

SHEA, William H. *Daniel 7-12: prophecies of the end time*. Boise: Pacific Press, (c1996). 2 v.

\_\_\_\_\_. As profecias de tempo de Daniel 12 e Apocalipse 12 e 13. *Revista Teológica*, Cachoeira, v. 3, n. 1, p. 13-39, 1999.

\_\_\_\_\_. *Estudos selecionados em interpretação profética*. Tradução de Francisco Alves de Pontes. 2. ed. São Paulo: Unaspres, 2007.

\_\_\_\_\_. A unidade de Daniel. In: HOLBROOK, Frank B. (Ed.). *Estudos sobre Daniel: origem, unidade e relevância profética*. Tradução de Francisco Alves de Pontes e Fernanda Caroline de Andrade Souza. São Paulo: Unaspres, 2009.

\_\_\_\_\_. Desenvolvimento da interpretação de Antíoco Epifânio. In: HOLBROOK, Frank B. (Ed.). *Estudos sobre Daniel: origem, unidade e relevância profética*. Tradução de Francisco Alves de Pontes e Fernanda Caroline de Andrade Souza. São Paulo: Unaspres, 2009.

\_\_\_\_\_. *Daniel: una guía para el estudioso*. Florida Oeste: ACES, 2010.

\_\_\_\_\_. A profecia de Daniel 9:24-27. In: HOLBROOK, Frank B. (Ed.). *As setenta semanas: levítico e natureza da profecia*. Tradução de Fernanda Caroline de Andrade Souza. São Paulo: Unaspres, 2010.

SILVA, Severino P. da. *Apocalipse: versículo por versículo*. Rio de Janeiro: CPAD, [s.d.].

\_\_\_\_\_. *Armagedom: a batalha final*. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.

SMITH, Urias. *As profecias de Daniel e Apocalipse*. Tradução de Carlos Biagini. 7. ed. Pacific Press, Mountain View: 1979.

\_\_\_\_\_. *Considerações sobre Daniel e Apocalipse*. Engenheiro Coelho: Atlântico, (c2014). (Série: Legado dos pioneiros Adventistas).

SPROUL, R. C. *Preterismo moderado*. Disponível em: <[www.monergismo.com](http://www.monergismo.com)>. Acesso em: 12 jun. 2014.

STEFANOVIC, Z. *Daniel: wisdom to the wise*. Nampa, ID: Pacific Press, 2007.

STRAND, Kenneth A. Principios fundacionales de interpretación. In: HOLBROOK, Frank B. (Ed.). *Simposio sobre apocalipsis*. Florida: APIA; Mexico: Gema Editores, 2010. v. 1.

TAYLOR, Ross A. *Uma breve introdução ao preterismo*. Disponível em: <[www.monergismo.com](http://www.monergismo.com)>. Acesso em: 4 mai. 2014.

THIELE, Edwin R. *Daniel: estudos esboçados*. Tradução de Henrique Berg. São Paulo: Colégio Adventista Brasileiro, 1960.

TIMM, Alberto R. Simbolização em miniatura e o princípio 'dia-ano' de interpretação profética. *Parousia*, Engenheiro Coelho, ano 3, n. 1, p.33-46, 2004.

VANGEMEREN, Willem A. (org.). *Novo dicionário internacional de teologia e exegese do Antigo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. 5 v.

VETNE, Reimar. O historicismo como método de interpretação de Daniel e Apocalipse. *Parousia*, Princípios do Fim: O Apocalipse à Luz do Antigo Testamento. Engenheiro Coelho, v. 4, p. 81-98, 2016.

WAINWRIGHT, A. *Mysterious apocalypse*. Nashville: Abingdon, 1993.

WALVOORD, John F. *Todas as profecias da Bíblia*. São Paulo: Vida, 2002.

\_\_\_\_\_. *Daniel*. (Rev.). Charles H. Dyer e Philip E. Rawley. Chicago: Mood Publishers, 2012.

WHITCOMB, John C. *Daniel*. Chicago: Mood Press, 1985.

YOUNG, Edward J. *The prophecy of Daniel: a commentary*. Grand Rapids: Eerdmans, 1949.